

Freud: pulsão e criação

O campo freudiano é um campo que, por sua natureza, se perde. É aqui que a presença do psicanalista é irreduzível, como testemunha desta perda.⁸

Jacques Lacan

A origem da psicanálise centra-se na descoberta do inconsciente. Por meio de sua decifração, Freud desvelou importância particular da sexualidade para a vida humana. Ele percebeu que o adoecimento de seus pacientes derivava da inabilidade em lidar com os próprios desejos.⁹ Podemos dizer que tal estado decorria dos entraves e conflitos estabelecidos com aquilo que lhes colocava em perdição. Na busca de amenizar o sofrimento de seus pacientes, o fundador da psicanálise perseguiu como meticoloso detetive os elementos envolvidos nesse processo.

A preocupação clínica levou-o a formular sofisticado sistema teórico, nomeado por ele de metapsicologia, a psicologia profunda. Esta reconhece que o fundamento da vida é o inconsciente, e não a consciência. E o aborda segundo três perspectivas, necessariamente complementares: os investimentos realizados em situações de prazer/desprazer (aspecto econômico); as forças em luta (aspecto dinâmico); e o modo de funcionamento articulado das diferentes regiões mentais, ou instâncias psíquicas (aspecto tópico).¹⁰

Considero necessário ressaltar o caráter clínico da construção teórica de Freud. Ele propõe ideias e conceitos a partir da análise minuciosa de casos

⁸ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.122.

⁹ Nos **Estudos sobre histeria** (1893-1895), escrito com Josef Breuer (1842-1925), Freud destaca a importância da sexualidade no adoecimento psíquico. A descoberta deu-se a partir da clínica de Breuer, então médico renomado em Viena, mais especificamente da paciente que recebeu o nome de *Anna O.* Bertha Pappenheim, seu nome verdadeiro, acabou apaixonando-se por Breuer. Produziu até uma pseudociência (falsa gravidez). Breuer interrompe o tratamento e não aprofunda suas reflexões sobre a influência da sexualidade na própria relação entre médico e paciente. Freud, então um jovem médico, percebe a importância dessa relação. E transforma-a em elemento fundamental da prática psicanalítica. O conceito de *transferência* busca apreender esse fenômeno.

¹⁰ FREUD, S. **O inconsciente** (1915), p.186.

particulares. Tais conceitos constituem ferramentas necessárias para a orientação da práxis analítica. Portanto, seu compromisso primeiro não é a produção de um sistema teórico-abstrato coerente e lógico, mas a compreensão do vivido e a busca de meios de agir sobre a vida. Daí sua aproximação da ciência.¹¹ Mesmo seus textos mais especulativos têm esses objetivos. Importa-lhe, sobretudo, a descrição e a articulação dos múltiplos aspectos da situação sobre a qual ele se debruça, com vistas a entender o sofrimento humano e a poder intervir sobre ele.

A evolução da análise de Freud conduziu-o a várias mudanças: formulou dois modelos do aparelho psíquico; alterou a teoria das pulsões, inicialmente divididas entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais e, posteriormente, em pulsão de vida e pulsão de morte. Renunciou à prática clínica da hipnose e à teoria da sedução, primeira explicação encontrada por ele para o recalque.¹²

No entanto, Freud não se furta em retornar a suas idéias mais antigas quando alguma contingência faz despertar novo sentido sobre o que havia abandonado. Percebemos isso ao longo de toda sua obra, ela própria exemplo vivo do funcionamento saudável e criativo da mente humana. Freud não tem compromisso em fixar-se em um modelo de coerência. Deixa-se perder na idéia que o toma naquele momento; desenvolve e dá consistência ao *insight* (compreensão interna) ou às hipóteses que emergem do inconsciente.

¹¹ Na Conferência XXXV – A questão de uma *Weltanschauung* (1933), Freud afirma: “Em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. Acreditando-se nela, pode-se sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura alcançar e como se pode lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada. (...) Na qualidade de ciência especializada, ramo da psicologia, ela [a psicanálise] é praticamente incapaz de construir por si mesma uma *Weltanschauung*: tem de aceitar uma *Weltanschauung* científica. A *Weltanschauung* da ciência, porém já diverge muito de nossa definição. É verdade que também supõe uniformidade da explicação do universo; mas o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro. Ademais, marcam-na características negativas, como o fato de se limitar àquilo que no momento presente é cognoscível e de rejeitar completamente determinados elementos que lhe são estranhos.” In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1932-1933), p.155-156. Os grifos são meus.

¹² Com a “teoria da sedução” Freud buscou explicar inicialmente o recalque da sexualidade presente na neurose. Em virtude dos relatos de sua clínica, supôs que o recalque causador da neurose teria sido provocado por um trauma sofrido pelo indivíduo em sua infância, devido à sedução feita por um adulto ou outro agente externo. Freud abandonou essa teoria ao perceber que tais relatos relacionavam-se, na verdade, com fantasias construídas pelo sujeito. Essas fantasias apontaram para a vida sexual infantil. In: LAPLACHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.610 e seguintes. Os dois modelos do aparelho psíquico são apresentados no capítulo 5 desta primeira parte; a teoria das pulsões já aparece no primeiro capítulo; a hipnose, apenas na terceira parte.

Encontramos bom exemplo disso em *Além do princípio de prazer* (1920), um de seus textos mais importantes e polêmicos. Diz ele: “O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará.”¹³

Freud sempre insistiu no caráter clínico, ou científico, da psicanálise para diferenciá-la da filosofia.¹⁴ Para ele, os filósofos partem de princípios abstratos e fabulam sólidos sistemas de pensamento, sem preocupação com a experiência empírica. E ainda os oferecem como manuais de vida, assemelhando-se a uma religião. Jacques Lacan dialogou de modo intenso com a filosofia. Mas quando lhe pediram para definir a psicanálise, o mestre francês afirmou: “Digamos que é uma prática e que ela se ocupa do que não está funcionando”¹⁵. Também MD Magno, que produz hoje a *Novapsicanálise*, ressalta: “A clínica, apesar das más línguas, é só o que interessa. Tudo isto aqui é por causa da clínica. Se não, não prestava para nada.”¹⁶

Freud ressalta que o método científico constrói-se a partir de pesquisa contínua, paciente e perseverante. As conclusões a que chega, portanto, são constantemente transformadas pela observação. Contudo, é inegável que a psicanálise transcende a dimensão clínica propriamente dita. Traz grande contribuição para o pensamento em variados campos. E Freud sempre reivindicou este lugar para a psicanálise. O mesmo podemos dizer do pensamento de Lacan e de Magno. Freud considerava a psicanálise pensamento necessário a qualquer pessoa que se considerasse culta. Ela apresenta nova maneira de abordar o homem e a realidade.

A idéia da *perdição criadora* que proponho resulta da práxis da análise e visa contribuir para a abordagem clínica. A proposição de que o processo analítico requer perder-se me parece rica por desconstruir a suposição de que um Eu sólido e unificado emerge na análise. A famosa frase de Freud *Wo es war, soll ich*

¹³ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, primeiro parágrafo do capítulo IV.

¹⁴ Além da *Conferência XXXV* já citada, Freud aborda o tema nos textos *O interesse científico da psicanálise* (1913); *Um estudo autobiográfico* (1925); *Esboço de psicanálise* ([1938] 1940); *Alguma lições elementares em psicanálise* (1940).

¹⁵ Entrevista a Emilio Granzotto, de 1974. Publicada por Magazine Littéraire, Paris, n.428, fev/2004. E também em SANTOS, E. M. *O sexo de Deus*, p.151.

¹⁶ MAGNO, MD. *A pedagogia freudiana* (1992), p.46.

werden – “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser”¹⁷ – sugere como objetivo da psicanálise o fortalecimento do Eu. O próprio Freud o afirma. No entanto, esse fortalecimento refere-se à independência do Supereu, à ampliação da capacidade de percepção e à expansão do Eu, de modo a torná-lo capaz de incluir, de alguma maneira, qualquer coisa que se lhe apresente.

A tradução de Lacan à famosa frase de Freud ressalta a dimensão imperativa de bem-dizer as formações inconscientes. Na tradução presente nas obras completas de Freud em português – “Onde estava o id [Isso], ali estará o ego [Eu]” – parece garantido que o Eu promoverá a tradução do Isso. Nada mais longe da realidade. A noção de *resistência* desenvolvida por Freud ressalta que o processo de transformar o Isso em Eu é bastante trabalhoso. E o ceticismo sobre o sucesso da prática analítica, presente em um de seus últimos textos sobre técnica – *Análise terminável e interminável* (1937), denota que esse dever poucas vezes assume o necessário caráter perene. Para Freud, até mesmo seus discípulos mais próximos se abstiveram de tal tarefa.

A análise tem como objetivo capacitar o Eu a lidar de forma saudável com o Isso. Visa a construir disposição capaz de acolher a imprevisibilidade do Haver, entendido como o que quer que haja, interna ou externamente ao indivíduo.¹⁸ A realização desse objetivo implica suportar a instabilidade de viver para além de uma suposta essência que nos constitua. Com certeza o Eu assume papel importante nesse processo. Entretanto, não se pode abdicar da descoberta de Freud: o inconsciente é o fundamento da vida. A “síntese” entre o Eu e o Isso almejada na análise está em eterna mutação. Aprende-se a operar com o Isso, mas isso é interminável.

Lacan denuncia em um de seus primeiros seminários, realizado entre 1954 e 1955, que a contribuição de Freud à idéia do Eu, que provocou ruptura com a tradição filosófica, estava sendo abandonada até no seio da prática psicanalítica. Ao invés de ser manejo libertador, muitos analistas ressaltavam a necessidade de

¹⁷ A frase está na **Conferência XXXI** (1933) – **A dissecação da personalidade psíquica**, pág. 84. Opto aqui pela tradução proposta por Lacan no artigo **A coisa freudiana**, p.418-419.

¹⁸ Magno propõe o termo *Haver* para designar o que quer que haja, incluindo o que se chama Universo, e que se movimenta segundo a força da pulsão, que tende para a morte. O Haver inclui *formações espontâneas* ou *artifícios espontâneos*, usualmente chamadas de natureza, e *formações artificiais* ou *artifícios industriais*, inventadas pelo homem no processo de reversão da tendência à morte. Esta dinâmica é nomeada por Magno de *revirão*. Conferir SANTOS, G.; BARBOSA, J.C. de C. & BIAL, S. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**. Abordarei o conceito de *revirão* no capítulo 4 da primeira parte deste trabalho.

fortalecimento do Eu, chegando até a apontar para certa abordagem adaptativa dos indivíduos. Loucura comum, ironiza Lacan, esta de acreditar em si, de acreditar que nós somos nós.

A clínica da neurose¹⁹ motivou-me à formulação da hipótese da *perdição criadora*. O neurótico fica fixado, paralisado, engessado no molde coletivo, comprometido com a continuidade de uma história sobre si, com a coerência de suas ações e de seu discurso. Em uma palavra: quer manter aquilo que considera sua identidade, seu Eu, e os compromissos sociais estabelecidos em torno dela. Busca manter lugar de autoridade e de poder, ilusório, é bem verdade, mas que se apresenta como campo seguro para as batalhas, internas e externas, vividas cotidianamente. O neurótico tem medo de reconhecer desejos incompatíveis à imagem que tem de si; rejeita perder-se, mesmo que experimente sofrimento mantendo-se fiel a uma mesma imagem. Aparentemente prefere o ganho secundário da doença. Quando esse ganho não mais se apresenta compensador, o neurótico procura tratamento.

Escolhi como eixo fundamental para minha argumentação o conceito de *pulsão de morte*, formulado por Freud em 1920. Cinco anos antes, em *A pulsão e suas vicissitudes*, ele define a pulsão (*Trieb*) como força constante que impele o organismo à atividade. Tal força manifesta-se diferentemente do instinto dos animais, pois não está circunscrita a padrão definido biologicamente. Ela é um estímulo, indeterminado e impessoal, que surge no corpo e se impõe à mente. O aparelho psíquico tem por objetivo administrar essa força constante vinculando-a a representações – imagens e palavras –, que orientam a ação e modulam nossa

¹⁹ Freud constrói a psicanálise a partir da clínica da neurose, que, no pensamento freudiano, assume basicamente as formas da *neurose obsessiva*, *histeria* e *fobia*. Antes da psicanálise, o termo neurose referia-se a doenças relacionadas ao sistema nervoso. Freud aponta o fundamento psíquico dessas afecções. Apesar de sua clínica ter-se centrado nas formas de neurose acima citadas, Freud também abordou em suas reflexões as neuroses narcísicas (a melancolia, que na psiquiatria é denominada depressão), a psicose (que na psiquiatria engloba a paranóia, a parafrenia e a esquizofrenia) e a perversão. Resumidamente, neurose e psicose constituem-se por modos de resposta diferenciadas ao conflito psíquico entre as pulsões (os desejos) e o Eu. Para Freud, esse conflito não estaria presente nos perversos. Nos psicóticos, tal conflito provoca grande afrouxamento dos laços com a realidade. Daí Freud ser cético à possibilidade de tratamento. Os pacientes psicóticos não estariam sujeitos à influência do médico, tão necessária ao restabelecimento. Essa influência assume o nome, na psicanálise, de *transferência*. Os “casos-limite”, que recebem hoje grande atenção dos pesquisadores, indicam lógicas da dinâmica psíquica no limite entre neurose e psicose. In: LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**.

relação com o mundo. Portanto, o conceito de pulsão busca apreender processos que estão entre o somático e o mental, entre corpo e alma.²⁰

Freud reconhece certa imprecisão no conceito proposto, característica presente, na verdade, no fenômeno que quer descrever. Ele chega a designar a teoria das pulsões de sua “mitologia”²¹. Ela apresenta-se, no entanto, ferramenta indispensável para apreensão da metapsicologia.

A ideia da pulsão de morte fundamenta-se na proposição de que todo organismo vivo anseia pela própria morte. Freud cria a psicanálise debruçando-se sobre o campo do amor, da sexualidade. Depara-se, porém, com o velado e onipresente instinto de morte.²² Em carta ao pastor Oskar Pfister, Freud reconhece essa idéia não como anseio de seu coração, mas como hipótese inevitável, construída a partir de investigação rigorosa sobre a enigmática realidade biológica e psicológica.²³ Segundo ele, a vida constitui-se como resistência ao empuxo para a extinção. Tal constatação freudiana não visa a nos empurrar do abismo em direção à morte. Ao contrário. Freud nos aponta o abismo, para nos deixar mais despertos e atentos. E mais do que nunca ligados à vida. Assim sustenta-se a razão da clínica psicanalítica.

A pulsão de morte relaciona-se diretamente com a experiência de *perdição criadora*. Meu desafio será, justamente, apresentar-lhes as variadas facetas dessa conexão. Uma delas refere-se a situações em que nos perdermos de uma identidade imaginada, que considerávamos nossa essência. Algo se revelou contrário à idéia que construíamos de nós mesmos. Experimentamos, então, certo tipo de morte. Nosso organismo não desaparece, mas vivenciamos a dissolução de uma ordem, que organiza e ao mesmo tempo aprisiona. Essa “morte” possibilita-

²⁰ FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.127. A tradução inglesa e brasileira adota o termo *instinto*, bastante impróprio para designar os processos que Freud visa descrever. No artigo **A pulsão e as fronteiras da psicanálise**, Monah Winograd procede minucioso estudo sobre o conceito de pulsão em Freud.

²¹ FREUD, S. **Novas conferências introdutórias à psicanálise** (1932/33). **Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual**, p.98.

²² Aqui o termo instinto se aplica, devido ao caráter inexorável da morte. Em entrevista ao jornalista e escritor norte-americano George Sylvester Viereck, concedida em 1927, Freud afirma: “Na sua origem, a psicanálise assumia que o Amor era o mais importante. Atualmente, sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, cada ser vivo, por mais forte que arda nele o fogo da vida, anseia pelo Nirvana, pela cessação da ‘febre chamada viver’, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser mascarado por variados rodeios. Mesmo assim, o derradeiro objetivo da vida é sua própria extinção”. In: SANTOS, E. M. **O sexo de Deus**, p.137. A entrevista foi publicada pela primeira vez em 1930, no livro *Glimpses of the*, de Viereck, com o título *Sigmund Freud confronts the sphinx* (*Sigmund Freud decifra a esfinge*).

²³ FREUD, S. **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939). Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**, p.176. A carta tem a data de 07/02/1930.

nos estabelecer vínculos mais intensos com a vida. E, desta maneira, resistir com mais vigor à tendência em direção à extinção. Lembro-me do poema *Aspirações à vida eterna*, de Teresa de Ávila (1515/1582), em que ela clama: “Morte, não sejas esquiva/ Mata-me, para eu viver/ Que morro de não morrer”²⁴.

²⁴ ÁVILA, Teresa de. **Obras completas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.959.

2.1

Pulsão de morte e paz

Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morre por razões *internas*, torna-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o *objetivo de toda vida é a morte*.²⁵

Sigmund Freud

Freud enuncia o conceito de pulsão de morte em 1920, no texto *Além do princípio de prazer*. Essa idéia dá forma a intuições bem antigas, presentes em sua obra desde 1895, quando escreveu o *Projeto para uma psicologia científica*. Naquela ocasião, buscou formular concepção do aparelho psíquico centrada em abordagem quantitativa, uma “economia da força nervosa”²⁶. Considerava-a adequada para descrever os processos psíquicos de forma clara e sem contradições, tal como uma ciência natural deveria ser. Acabou por abandonar o texto inconcluso, conhecido apenas por seu amigo, Wilhelm Fliess (1858-1928), a quem enviou os rascunhos.²⁷

Apesar de publicado apenas em 1950, quase 20 anos após a morte de Freud, várias noções apresentadas no *Projeto* mostraram-se fundamentais na formulação da psicanálise. O aspecto econômico constitui um dos alicerces de sua metapsicologia, modo como Freud nomeia a psicanálise. O estudo do modo como as pessoas realizam seus *investimentos libidinais* ajuda-nos a aclarar os complexos processos psíquicos.

O conceito básico em 1895 é o de excitação e não exatamente o de pulsão. As excitações correspondem a quantidades de energia provindas tanto do mundo externo, os estímulos exógenos, como do mundo interno, os estímulos endógenos.

²⁵ FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920), p. 49.

²⁶ FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895), p.335.

²⁷ Fliess, médico otorrinolaringologista, foi amigo íntimo de Freud e o primeiro interlocutor das suas descobertas. A publicação da correspondência mantida entre os dois durante dezessete anos – de 1887 a 1904 – permite-nos acompanhar os processos de pensamento que levaram à criação da psicanálise. O *Projeto* foi enviado a Fliess, que o manteve consigo, mesmo depois da ruptura com Freud, ocorrida em 1902. A correspondência manteve-se até 1904 e foi publicada após a morte de Freud no volume **Correspondência completa de S. Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**, editado por Jeffrey Moussaieff Masson.

Freud procura entender como o organismo se defende dos aumentos de tensão produzidos por esses dois grupos de estímulos. Concebe o sistema nervoso como aparelho cuja função primária é descarregar *toda* excesso de excitação que experimenta. Ele opera, assim, segundo o *princípio de inércia*, buscando restaurar a situação originária de ausência completa de tensão. A paz absoluta, portanto. Isso corresponderia à plena satisfação. E à morte, ao retorno ao inanimado, completa Freud em *Além do princípio de prazer*.²⁸

Nesse texto, o mestre da psicanálise afirma não haver, na entidade viva, qualquer espontaneidade para o desenvolvimento ou para o progresso. Eles ocorrem apenas por perturbações ao estado de equilíbrio original do organismo, provocadas pela ação de alguma força externa. A vida corresponde a contínuo adiamento da morte, a complicados *detours* que a entidade viva realiza até chegar a sua meta final: o retorno ao inorgânico²⁹. As reflexões de Freud não se limitam, aqui, à compreensão do psiquismo humano. Ele toma como enigma a origem da vida em geral. Daí reconhecer o caráter especulativo, e até místico, de suas observações.

A idéia de pulsão de morte causou e ainda causa estranhamento, mesmo entre muitos psicanalistas.³⁰ Em *O mal-estar na civilização* (1930), o próprio

²⁸ FREUD, S. *Além do princípio de prazer*, p.49.

²⁹ “Parece, então, que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica (...) seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’”. FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920), p.47 e 49.

³⁰ Carlos Paes de Barros chega a afirmar que o conceito de pulsão de morte é um “ato falho da construção teórica (...) uma construção errônea de um gênio científico”. Ver PAES DE BARROS, C. *Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia freudiana* (1971), p.30. In: **Cadernos do Tempo Psicanalítico. No. 3.** Rio de Janeiro; SPID, 1998. pp13-51. Mesmo Lacan, em determinado momento de seu ensino – n’**O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, em que sua ênfase recai sobre o campo simbólico como estrutura fundamental do psíquico, afirma: “Quero simplesmente dizer que a articulação da pulsão de morte em Freud não é nem verdadeira nem falsa. Ela é suspeita, não estou dizendo nada além disso, mas basta que tenha sido necessária para Freud, que ela o traga de volta a um ponto de abismo, profundamente problemático, para que ela seja reveladora de uma estrutura do campo”, p.260. Lacan lê a pulsão de morte como tendência à destruição da ordem existente, relacionada à cadeia significante. Como algo que “põe em causa tudo o que existe”. E, portanto, como empuxo à criação. Ela é “vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar”, p.260. “A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado (...). Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos”, p.259. Lacan não deixa de reconhecer, entretanto, que a noção de pulsão de morte como retorno ao inanimado é justificável cientificamente. Ela é inspirada nas descobertas da termodinâmica, que revela a tendência geral de todos os sistemas ao retorno do equilíbrio. Também n’**O seminário 7**, aborda estudo dos psicanalistas Siegfried Bernfeld (1892-1953) e Sergei Feitelberg (1905-1967) sobre as relações entre a termodinâmica e a pulsão de morte. E observa: “a forma de organização material no interior dos organismos vivos, a entrada em função de uma tendência irreversível, e que se exerce no sentido do advento de um equilíbrio

Freud reconhece as resistências à sua proposição. No entanto, afirma que a idéia da pulsão de morte traz tal clareza à descrição dos processos psíquicos que não pode ser abandonada.³¹ Considera a recusa do conceito decorrente de visão idealizada ou moralizante sobre a vida. Olhar mais realista permitiria a percepção da verdade de suas colocações.

Investiguemos melhor a proposição freudiana. Segundo ela, originalmente, a pulsão simplesmente visa extinguir-se. E, portanto, destruir seu próprio organismo. Depara-se, porém, com resistências que obrigam a tendência à destruição dirigir-se para fora, manifestando-se como agressividade em relação ao mundo externo. Não reconhecer a presença da destrutividade em nossa experiência expressa, para Freud, grande despreparo para lidar com a vida. Tal como partir para expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos³², ou escalar uma montanha com sandálias de dedo.

O psicanalista MD Magno(1938-) traduz a idéia da pulsão de morte no teorema *Haver desejo de não-Haver*.³³ Haver corresponde ao acontecimento de estarmos no mundo. Mas desejamos sair dele imediatamente, para atingirmos a paz, a satisfação absoluta, o *não-Haver*. O psicanalista brasileiro busca simplificar o conceito de pulsão de morte traduzindo-o como *Tesão*. “Há o Tesão, esse movimento que vai para alguma coisa. (...) [O Tesão] quer o quê? Simplesmente sumir! Quer morrer de gozar, quer gozar para sempre, quer um gozo absoluto, último e definitivo.”³⁴

Nosso impulso primitivo almeja a ausência completa de tensão no organismo. Mas percebemos que atingi-la inscreve-se na ordem do impossível. Afinal, tão logo descarregamos a tensão provocada por certo estímulo, sentimo-nos perturbados por outra excitação qualquer. Nem bem nos satisfazemos com um

terminal, é, propriamente falando, o que é articulado na energética como entropia (...) O texto de Bernfeld e Feitelberg, da maneira mais pertinente, acrescenta algo ao texto de Freud sobre o que a estrutura viva introduz como diferença. (...) o conflito no nível da estrutura viva”, p.258-259. O psicanalista MD Magno retoma esta leitura da pulsão de morte. Por isso propõe um *retorno de Freud*, diferenciado do *retorno a Freud*, sugerido por Lacan em suas formulações. In: **Pedagogia freudiana**, p.39. Vale ressaltar, todavia, que o último Lacan dá ênfase ao *real*, àquilo que está para além da ordem significante. Esta ordem é, simplesmente, a maneira particular pela qual o animal homem aborda o real. “A estrutura...é próprio o real”, afirma Lacan n’**O seminário 16** (1968-1969) - **de um Outro ao outro**, p.30. **N’O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, propõe a idéia de *alíngua*, sobre a qual trabalhará a linguagem. Investigo a relação entre termodinâmica e psicanálise no capítulo 2 da primeira parte desta tese.

³¹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.123.

³² FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.137.

³³ Conferir explicação do conceito Haver na nota 19.

³⁴ MAGNO, MD. **Psicanálise. Novamente** (1999), p.25-26.

objeto, já desejamos outro. A paz mostra-se inatingível. Então buscamos ao menos manter constante a tensão interna do organismo. Pela mesma razão apresentada antes, isso também se revela impossível! A felicidade plena não está incluída no plano da Criação³⁵. Temos que pensá-la de modo mais restrito, parcial. Há que reconhecer a inevitabilidade de certa dose de sofrimento. E aprender a transformá-lo em prazer.

Parece-me que almejar a estabilidade corresponde, de certa maneira, a ansiar o fim da existência. Viver, ao contrário, implica expor-se a estímulos que perturbam nosso equilíbrio e provocam instabilidade em nosso sistema. Os desejos complicam-nos com a vida, instauram conflitos. Adiam a paz, o descanso absoluto. Ou, para chamá-lo por seu nome: a morte.

Apesar de essas idéias se apresentarem absurdas e demasiadamente complicadas para muitos, exemplos cotidianos demonstram sua veracidade. O desejo por alguma coisa ou alguém, a “ex-citação”, provoca-nos pressão, calor. Sensações que só se dissipam quando conseguimos satisfazer o desejo despertado. Ou seja, quando realizamos ação específica em direção àquele objeto. Só então teremos direito à paz e à tranquilidade. Mas este estado logo se desfaz, pois começamos a querer outras coisas. A satisfação que obtemos sempre traz a marca da imperfeição, da incompletude. Sempre temos algo mais a desejar. “Não há poente tão belo que o não pudesse ser mais, ou brisa leve que não pudesse dar-nos sono mais calmo ainda”, lembra-nos Fernando Pessoa (1888-1935).³⁶

Freud contrapõe a pulsão de morte à pulsão de vida, nomeada por ele de libido. Este termo designa a energia ligada em pessoas, objetos concretos ou mesmo idéias abstratas, com fins de obtenção de prazer.³⁷ A essa ligação Freud dá o nome de Amor, tema central para a psicanálise. Freud mergulha no campo do Amor para problematizá-lo radicalmente. Para a psicanálise, qualquer investimento libidinal inclui-se nesse campo. Mesmo que se expresse de maneira odienta.

A pulsão de morte empurra para a destruição do organismo, a pulsão de vida resiste a esse movimento a partir dos laços que estabelece com coisas, indivíduos e ideias. Um *serial killer*, por exemplo, mantém-se vinculado à vida

³⁵ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.84.

³⁶ PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**, Fr.1, p.46.

³⁷ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921), p.101.

engajando-se em estratégias para matar suas vítimas. Essa é sua maneira de “amar”. Trata-se de forma extremamente tosca e destrutiva de expressão da pulsão, mas ao investir na morte alheia, a pulsão de morte do matador opera sobre o mundo, e não no próprio organismo. Para ele, representa, portanto, vida.

O exemplo apresentado evidencia a complexidade do universo pulsional. Apesar de postular a existência da pulsão de vida, Freud afirma ver em ação na vida psíquica, e talvez na vida nervosa em geral, uma só tendência, mais ou menos modificada.³⁸ Ou seja, há apenas uma única pulsão. Por que, então, Freud insiste no dualismo pulsional? Penso que para ressaltar o conflito perene entre forças opostas em nossa mente e a impossibilidade da paz. Definir a existência de duas pulsões nos ajuda a melhor descrever a dinâmica dos processos psíquicos. Enquanto a pulsão de morte exige a redução absoluta das tensões, a pulsão de vida opera o estabelecimento de vínculos, impedindo o escoamento imediato de toda energia.

Poderíamos pensar no dualismo como decantação do monismo original.³⁹ Para Magno, os dualismos são funcionais, mas, em última instância, há apenas uma pulsão. Diz ele:

O que Freud apresenta é uma só libido, para além de mal e bem, que se expressa dualisticamente em uma pulsão contrariada pela resistência. Pulsão de vida não é pulsão. A rigor, ela é resistência. [O fenômeno da vida] é um acontecimento raro.(...) Se houvesse pulsão de vida, [a vida] devia ser banal.(Magno, [2006]2008,p.12).

Em termos genéricos, a pulsão de vida corresponde a reviramento da tendência à morte em vínculos com o Haver. O verbo *revirar* indica o caráter reversivo da pulsão, sua capacidade de avessar sua direção, seus movimentos e seus objetos.⁴⁰ Não há, portanto, duas pulsões, a de vida e a de morte. O fenômeno da vida expressa resistência ao empuxo em direção ao inorgânico. E

³⁸ LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.460 (verbo “princípio de constância”).

³⁹ Sobre a idéia de monismo ou dualismo da pulsão, consultar GARCIA-ROZA, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol.3, p.162. E ainda os artigos **Freud é monista, dualista ou pluralista?** e **A pulsão e as fronteiras da psicanálise**, ambos de Monah Winograd.

⁴⁰ Como aprofundarei um pouco adiante neste mesmo capítulo, Freud define como vicissitudes da pulsão a “reversão a seu oposto”, bem como a “reversão ao próprio eu”, além do recalque e da sublimação. In **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.132. O verbo *revirar* também associa-se ao *revirão*, termo cunhado por Magno para nomear particularidade de nossa máquina mental. No capítulo 4 desta tese, aprofundarei o estudo sobre esse conceito.

como resistência, manifesta-se de infinitas maneiras: jogar tênis, tocar piano, rezar, lutar boxe, organizar o tráfico, surfar em onda gigante...

Entendo a *perdição criadora* como modo de resistir à morte que instaura novas possibilidades de viver. Propõe estilo original de lutar contra a *grande Senhora*. Resulta do encantamento profundo por algum objeto e da entrega a ele com tamanha intensidade, com tal insistência, que lhe provoca transformações. Tanto o objeto como a pessoa que o aborda modificam-se nessa aventura.

O termo dualismo enfatiza o conflito presente desde a origem. Possibilita a identificação da hegemonia do empuxo em direção à morte ou das forças resistentes a ele. O modo de funcionamento de certas pessoas expressa intensa recusa da vida e grande aderência ao vetor mortífero da pulsão. Outras estabelecem vínculos mais vigorosos com o Haver, e maneira mais criativa e construtiva de lidar com a existência.

Antes da constatação do embate entre Morte e Vida, Freud propôs outro dualismo: a oposição entre *pulsões do eu* (ou *pulsões de autoconservação*) e *pulsões sexuais*. Em sua clínica, ele percebeu o conflito entre o Eu e a sexualidade. Freud representa esse dualismo como o embate entre Amor, os investimentos libidinais em objetos externos, e a Fome, a busca de preservação do Eu, atendendo a demandas internas ao organismo. Também aqui as características comuns e os aspectos distintos das pulsões permanecem obscuros⁴¹. Ambas tendências pulsionais se misturam e sua separação em duas classes tem função descritiva, permite a melhor apreensão dos movimentos da pulsão.

Desde a origem, o corpo humano opera de modo distinto do dos outros animais. A atividade de sugar o seio materno não se limita à supressão da necessidade de alimento. Ela imprime a marca de uma forma de prazer. É também Amor. Cria trilhas de satisfação em nosso aparelho psíquico, que buscará repeti-las. Tal atividade não se resume à função biológica, orientada por ritmos e ciclos específicos. Inclui-se entre as aventuras que começam a montar os caminhos da pulsão, originalmente indeterminados. A pulsão “não tem dia nem

⁴¹ FREUD, S. **Além do princípio de prazer**, cap. VI, p.61. Freud enuncia explicitamente o primeiro dualismo em 1910, no texto **A concepção psicanalítica à perturbação psicogênica da visão**. No entanto, a noção de conflito psíquico centra-se no reconhecimento da existência de forças recalcantes, opostas ao livre curso da energia sexual. A novidade de 1910 refere-se a associação do ego a um suporte pulsional. In: LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.520 (verbetes “pulsões de autoconservação”).

noite, nem primavera nem outono”.⁴² Difere do instinto dos animais. Eles buscam alimento quando a necessidade se manifesta. Nós *desejamos* comer torta de chocolate, bobó de camarão, comida japonesa. E não precisamos estar com fome para isso.

Pulsão de autoconservação e pulsão sexual não se apresentam, assim, em oposição. Ao contrário, confundem-se. Como afirma Lacan, a “realidade do inconsciente é sexual”.⁴³ Tudo é sexo, qualquer vínculo libidinal expressa amor. Contudo, a identificação desse dualismo tem importância quando abordamos o impedimento exercido pelo Eu a diversas aventuras libidinais. Para conservar a unidade, sua “autopreservação”, o Eu proíbe certa manifestação da pulsão. E esse conflito provoca mal-estar e adoecimento. Em muitos casos, o Eu reduz o campo de investimentos libidinais a ele mesmo. O Eu ama a si e recusa o mundo de objetos que se lhe apresentam; impede a pulsão de seguir outras aventuras. Vemos, então, a pulsão sexual vinculada ao Eu e não em oposição a ele. De novo a visão dualista se turva.

Apesar de considerarmos a existência de apenas uma pulsão, que se manifesta de variadas maneiras, o reconhecimento de vetores opostos nos capacita entender melhor as situações concretas. Em muitas circunstâncias a imposição de limites à pulsão sexual apresenta-se necessária. Lembro-lhes de um clássico da cinematografia erótica: *O Império dos Sentidos* (1976), do japonês Nagisa Oshima (1932-). O casal protagonista fica tão obcecado pelo sexo que sua história acaba em morte e destruição. No início, o vetor mortífero da pulsão manteve-se velado. O descontrole da paixão derivou, no entanto, para a degradação dos corpos. Isso acontece em relação a qualquer objeto, seja ele a música, a filosofia, a literatura etc.

O inconsciente é sexual, entretanto, precisa de algo que imponha delimitações às aventuras libidinais. Caso contrário, perde-se o estribo e o cavalo desembesta. Penso a *perdição criadora* como uma experiência-limite. Consiste em perder-se sem desembestar de vez. Se o Eu recalca o investimento libidinal de modo muito severo, para manter sua unidade e coerência, a entrega ao objeto

⁴² LACAN, J. **O seminário 11**(1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.157-158. Sobre o tema, ver também o já citado **Vocabulário de psicanálise**, de Laplanche e Pontalis, e GARCIA-ROZA, **Metapsicologia freudiana**. Vol.3, pp.99-118.

⁴³ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.165.

mostra-se tênue demais para permitir a emergência do novo. Não resulta em criação de algo efetivamente original, apenas na reprodução do dito.

Ao mesmo tempo, o abandono ao objeto pode atingir tal intensidade que deriva para loucura. A história traz inúmeros exemplos, entre eles Van Gogh (1853-1890), Artaud (1896-1948), Raul Seixas (1945-1989), John Nash (1928-). Mas há, também, muitos outros *perdidos criativos* que não foram tragados pelo desconhecido na aventura de suspensão dos limites existentes. Beethoven (1770-1827), Baudelaire (1821-1867), Picasso (1912-1973), Philippe Petit (1949-) não perderam o leme da sua navegação. E o próprio Freud, por que não? Ele mesmo diz-se bem sucedido onde o paranóico fracassou.⁴⁴

Com a proposição do segundo dualismo – morte/vida – as pulsões do Eu e a pulsões sexuais, antes opostas, integram-se como pulsões de vida. Afinal, em ambos os casos, a pulsão opõe-se ao empuxo de retorno ao inorgânico. Investida na conservação do Eu ou distribuída por outros objetos, a energia não se descarrega por inteiro. Resiste. Contudo, lembro-lhes, Freud insiste no dualismo. Agora entre Eros e Morte, entre Amor e Discórdia.⁴⁵ O amor provoca unidades cada vez maiores, corresponderia à vida, enquanto a discórdia rompe com a harmonia, com a concordância.

Mas cabe perguntar: ao sustentar a unidade, o amor acolhe qualquer coisa? Ama a diferença? Seria mais verdadeiro observar seu movimento pela destruição daquilo que ameaça o um. As singularidades são tolhidas pelo coletivo. O heterogêneo deve submergir no homogêneo. Por necessidade de estar em acordo com os outros, os indivíduos impedem o desenvolvimento de sua distintividade.⁴⁶

⁴⁴ Diz ele em sua análise sobre o Dr. Schreber, um paranóico que construiu sofisticado delírio, que foi publicado sob o nome **Memória de um doente de nervos** (1903): “Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar”. In: FREUD, S. **Notas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. O caso Schreber** (1911), p.85.

⁴⁵ FREUD, S.: **Mal-estar na civilização** (1930), p.135 e seguintes, e **Análise terminável e interminável** (1937), p.262.

⁴⁶ FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921), p.102. Em **O mal-estar da civilização**, Freud observa: “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização.(...)O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização, e assim nela tornar-se a base da hostilidade à civilização. O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral”, p.102.

Para serem amados, e seguirem na segurança do conhecido, não se permitem afastar-se do modelo. Nas palavras de Freud:

Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública, etc. (Freud, [1921]1996, p.127).

Eros apresenta-se, assim, como morte, pois sufoca a manifestação do heterogêneo. A pulsão destrutiva, por sua vez, ao provocar disjunções, rupturas, exige a invenção de outras unidades, mais amplas talvez. A morte de certa organização permite a emergência do novo. Impele à descoberta de formas inexistentes. Transforma-se, então, em Eros mais uma vez. Apresenta-se, dessa maneira, não como retorno ao inorgânico, mas como empuxo à criação.⁴⁷ Afinal, o não-Haver não há. O caos, a desordem, impulsiona nova organização. Eros e Tânatos, Amor e Discórdia constituem, assim, vetores de uma mesma energia. O fenômeno da vida apresenta-se na sua operação conjunta.

A tarefa perene de transformar destruição em vida cabe a cada um de nós. Para a psicanálise, o meio de salvar-se é particular. Freud ressalta a ineficácia de qualquer solução coletiva.⁴⁸ O nascimento de cada criança reascende o embate entre Eros e Tânatos. Investigar melhor o modo como a pulsão se organiza, sua montagem, como diz Lacan⁴⁹, ajudará a entendermos melhor esse processo.

2.1.1

A montagem da pulsão

A pulsão consiste em tipo particular de estímulo aplicado à mente.⁵⁰ Difere das excitações externas por se caracterizar como força constante (*konstant Kraft*) produzida pelo próprio organismo. Se nos deparamos com qualquer estímulo demasiado agressivo vindo de fora, como um som perturbador, por

⁴⁷ LACAN, J. *O seminário 7* (1959-1960) – *A ética da psicanálise*, p.259.

⁴⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930), p.90-91.

⁴⁹ LACAN, J. *O seminário 11* (1964) – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.153-164.

⁵⁰ As características da pulsão, bem como suas aventuras, são apresentadas de modo detalhado em *A pulsão e suas vicissitudes* (1915).

exemplo, simplesmente nos afastamos. Das exigências da pulsão, no entanto, não conseguimos fugir. A pulsão apresenta-se, assim, como o motor do aparelho mental. Impele-o à atividade, ao trabalho. Sua finalidade (*Ziel*) é sempre a satisfação. Como vimos, o aparato psíquico tem como função reduzir ao máximo sua tensão interna.

A pulsão manifesta-se como energia livre, não vinculada, ou investida em representações. Entenda-se representações como palavras, imagens de objetos ou emaranhados de sensações que registram na memória nossas aventuras com o mundo.⁵¹ Constituem lembranças que impõem limites à pulsão, originariamente livre, caótica. A pulsão apresenta-se, assim, historicamente determinada. Uma montagem com ares surrealistas, tamanha maluquice que caracteriza cada um de nós. E também por ser capaz de reverter-se em seu oposto, colocando de ponta-cabeça a montagem primeira.⁵²

O aspecto motor da pulsão, a contínua pressão (*Drang*) exercida sobre o psiquismo, não pode ser confundido com necessidades biológicas. As fontes (*Quellen*) da pulsão encontram-se no próprio corpo, o caldeirão emissor de mensagens à mente. Apoiam-se inicialmente nas necessidades, mas distinguem-se delas. Desde o nascimento, as marcas estabelecidas em nós referem-se a experiências de prazer/desprazer, vividas na relação com outro animal falante. Este outro dá significado às nossas manifestações. A satisfação não se reduz, assim, à pura descarga de certa quantidade de energia. Mediada por palavras, ela se transforma em expressão de sentido, direcionado a um outro. A quantidade investe numa qualidade.⁵³ Daí Freud definir a pulsão como conceito entre o somático e o mental.

Os traços registrados em nossa memória indicam as zonas erógenas preferenciais. A princípio, não há hegemonia de qualquer área corporal. Por isso, somos perverso-polimorfos. Queremos simplesmente aliviar a pressão que sentimos. Aos poucos, as preferências se instalam. E elas dizem respeito não

⁵¹ Para aprofundar estudo sobre representação, consultar FREUD, S.(1891) **A interpretação das afasias**, em especial p.67-77. André Green, em **Conferências brasileiras** ([1986]1990), desenvolve uma “teoria das representações” em que diferencia as “representações da coisa” (ou “imagem da coisa”, em Freud) – conjunto aberto de traços mnêmicos de qualidade heterogênea (visual, auditiva, olfativa, cinestésica...), e as “representações da palavra”, conjunto fechado de formas simbólicas que permite, no entanto, articulações ilimitadas.

⁵² LACAN, J. **O seminário 11**(1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.160.

⁵³ ETCHEVERRY, José Luis. **Sobre la versión castellana**, p.49.

apenas a nossas experiências, mas ao efeito que o olhar e a voz de quem nos acolhe exercem sobre nós. Nosso corpo constitui-se como simbólico, território de signos a serem interpretados. No homem, a natureza recobre-se de cultura.⁵⁴ Qualquer atividade realizada integra-se em trama de significações construída nas relações com os outros. Uma doença, portanto, manifesta a erotização de determinado órgão. Não se trata de puro dado natural. Poder-se-ia dizer que, em última instância, expressa a pulsão destrutiva operando em nós. Os sintomas são a fala do corpo. Pressionam o psíquico à produzir sentido.

No homem, o corpo mostra-se apenas como a via de entrada para a sexualidade, entendida de modo mais amplo pela psicanálise. Freud sempre insistiu na necessidade de suspensão dos recalques à sexualidade propriamente dita.⁵⁵ Percebia que as travas à realização dos desejos nesse campo acabavam por paralisar toda a máquina mental. Mas reduzir a sexualidade humana ao corpo corresponde a desconsiderar a particularidade de nossa espécie. Lacan interroga-nos: “Será que não se poderia dar que a linguagem tivesse outros efeitos além de levar as pessoas pela coleira a se reproduzirem em corpo ainda, em corpo a corpo, mais ainda, e em corpo encarnado, ainda?”⁵⁶

A geração de nova vida, no caso do homem, não se resume à produção de outro animal. Diz respeito à reinvenção do simbólico. E mais: quando este ser de linguagem procura o corpo do outro, não visa prioritariamente reproduzir a espécie. Às vezes isso acontece. O que o move é a busca pela satisfação, definida de modo muito particular, a partir da história de cada um. Contudo, algo nos une: a satisfação imaginada não vem, como já nos disse há pouco Fernando Pessoa. Essa insatisfação impulsiona o homem a inventar novas possibilidades de gozo, a construir uma outra satisfação, não mais restrita ao corpo. Incita à exploração de diferentes regiões gozosas de nosso território. Instaura o desejo, pois só se deseja

⁵⁴ Em **Natureza e Expressão: o problema do corpo em Freud**, Monah Winograd aprofunda essa discussão, relacionado-a com o avanço da medicalização.

⁵⁵ Freud define o *recale* como uma das vicissitudes da pulsão. Dedico todo o capítulo 4 desta tese ao recalque. Em breves palavras, podemos entendê-lo como operação inconsciente que proíbe certas representações perturbadoras de chegarem à consciência. A tradução brasileira da *Standard Edition* publicada pela Imago nomeia esta operação de *repressão*. O termo mostra-se inadequado por não dar ênfase ao caráter inconsciente dessa vicissitude pulsional. Tal palavra tampouco destaca o aspecto dinâmico dessa operação, pois o recalque implica na divisão entre dois sistemas psíquicos, o inconsciente e o consciente. *Reprimimos* uma idéia de vir à tona pontualmente, em virtude de certa situação contingente. Esta idéia, no entanto, não está *proibida* de vir à consciência. In: LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**, p.595.

⁵⁶ LACAN, J. **O seminário 20** (1972/1973) – **Mais, ainda**, p.63.

aquilo de que sentimos falta. Daí Lacan designar a falta como a marca fundamental da nossa espécie.⁵⁷ O desejo leva o homem a querer nadar como os peixes, voar como os pássaros, e a um mundo inimaginável de outras coisas ainda por vir.

A história se complica quando confundimos desejo com amor, no sentido cotidiano dado à palavra, que enfatiza a harmonia entre duas pessoas. O amor expressa, na verdade, a ignorância do desejo.⁵⁸ Evoca a imagem da completude da esfera, tão bem defendida pelo comediógrafo Aristófanes, no diálogo platônico *O banquete*.⁵⁹ Lacan destaca que aquilo usualmente chamado de amor corresponde, na verdade, à demanda de amor. Demandamos o amor do outro, supondo que de dois possa se fazer um. Enlaçamo-nos na expectativa de aplacar de vez nossa insatisfação. Nada mais falso e ilusório. Buscamos a paz, a satisfação absoluta. E nos defrontamos com a guerra.⁶⁰

Originalmente, a pulsão não tem qualquer objeto.⁶¹ Simplesmente tende a se esvaír, morrer. Em virtude disso, qualquer objeto que se lhe apresente pode ser tomado como meio de sua satisfação. O momento, o acaso, a contingência lhe oferecerão o conteúdo adequado para sua vinculação. A labilidade da pulsão, sua indeterminação, é sua qualidade fundamental. Dito de outra maneira, sua qualidade originária remete apenas à quantidade, a intensidades.⁶²

⁵⁷ Lacan aborda a outra satisfação, aquela relacionada ao *gozo feminino*, entendido como o gozo não restrito ao falo, em seu **Seminário 20 – Mais, ainda** (1972-1973), caps.V e VI. Abordo o tema na terceira parte deste trabalho.

⁵⁸ LACAN, J. **O seminário 20** (1973-1973) – **Mais, ainda**, p.13.

⁵⁹ PLATÃO. **O banquete**, p.95-99.

⁶⁰ “*Nós dois somos um só*. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*. É daí que parte a idéia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado.” In: LACAN, J. **O seminário 20**, p.64. Lacan chega a chamar o amor de *amuro*, evocando a assonância permitida pelo francês com *l’amour*. “Quando se olha para lá mais de perto, vêem-se as devastações”. In: LACAN, J. *Op.cit.* p.12..

⁶¹ “[O objeto] É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação”. In: FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.128.

⁶² Em um de seus últimos textos, **Análise terminável e interminável** (1937), Freud reconhece ter negligenciado o aspecto quantitativo, tanto na formação e perpetuação da doença, como na eventual *cura*. Reproduzo um dos diversos trechos em que ele aborda o tema: “Mais uma vez nos confrontamos com a importância do fator quantitativo e mais uma vez somos lembrados de que a análise só pode valer-se de quantidades de energia definidas e limitadas que têm de ser medidas contra as forças hostis. E aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões”, p.256. Consultar também páginas 242, 243, 245. Já na **Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas** (1916-1917), Freud observa: “Não basta uma análise puramente qualitativa dos determinantes etiológicos. Ou, expressando-o de outra maneira, é insuficiente uma visão simplesmente *dinâmica* desse processos mentais; requer-se também uma linha de abordagem *econômica*. Devemos dizer para nós mesmos que o conflito entre duas

Curioso perceber que justo essa característica – a de poder tomar qualquer objeto para sua satisfação – faz do homem animal eternamente insatisfeito. Aí está um dos paradoxos de nossa espécie: diante do excesso, sente falta. O homem coloca-se sempre em busca d'O objeto que lhe traga A satisfação absoluta. Freud nomeou-o *das Ding*, sempre inatingível.⁶³ Para a psicanálise, esse ideal de completude corresponderia à situação primitiva de suposta simbiose perfeita entre o bebê e seu primeiro objeto, representado pela mãe.

Nossa insatisfação não se resume, portanto, à parcialidade de qualquer descarga, mas à suposição que se tivéssemos outro objeto o prazer obtido teria sido melhor. Trata-se da sensação expressa em antigo ditado popular: “a grama do quintal vizinho está sempre mais verdinha”. Claro que, no lugar do vizinho, diríamos a mesmíssima coisa. Sempre demandamos uma satisfação mais além. Daí Lacan afirmar não haver relação sexual, ou que a relação sexual é impossível.⁶⁴

O começo da sabedoria deveria ser começar a perceber que é nisso que o velho pai Freud rompeu caminhos. Foi daí que parti, pois isto, a mim mesmo, me tocou um pouquinho. Aliás, poderia tocar qualquer um, não é? Ao perceber que o amor, se é verdade que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. (Lacan [1972-1973]1985b, pp.64-65)

Entretanto, a disponibilidade para vincularmos a pulsão a qualquer objeto manifesta-se apenas na origem. Nosso processo de desenvolvimento opera determinações. A liberdade original fica, muitas vezes, completamente esquecida. A labilidade transforma-se em viscosidade. A energia manifesta-se, então, resistente à mudança, fixada em objetos e modos de satisfação.⁶⁵

Quando dizemos que desejamos um objeto, não temos clareza do complexo fenômeno psíquico que ele representa. Os objetos – coisas materiais,

tendências não irrompe senão quando foram atingidas determinadas intensidades de catexias, ainda que por muito tempo tenham estado presentes os fatores determinantes do conflito e referentes ao seu próprio tema”, p. 376.

⁶³ Freud utiliza este termo no **Projeto para uma psicologia científica** (1895). Com ele, visa designar o primeiro objeto, o seio materno, que supostamente permitiu a vivência de satisfação absoluta e completude. Tal busca por retornar aquela situação primeira de satisfação intensa marcaria toda a aventura pelos objetos. N'O seminário 7 (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, Lacan afirma que “Das Ding deve ser identificado com...a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto”, p.76.

⁶⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.49.

⁶⁵ Em um fragmento de **Luto e melancolia** (1917[1915]), Freud resume tal estado: “é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo na realidade, que um substituto já lhes acena”, p.250.

peças ou ideais abstratos – tornam-se significantes para nós a partir de experiências concretas. O simples fato de adorar peixe ou odiar frango não tem relação exata com o cardápio. A situação em que eles nos foram apresentados define sua significação simbólica para nós. E ela é determinante nas nossas escolhas. Os desejos dão vestimenta à pulsão, originalmente despida de qualquer qualidade. Por isso, a psicanálise toma o desejo como objeto; o desejo como causa de desejo, como algo que nos enigmatiza e impele à atividade.

Freud vê na pulsão movimento contínuo de reversão a seu oposto. Tal reversão ocorre em virtude da existência de forças contrárias à manifestação daquela pulsão. Ela só consegue afirmar-se se sofrer modificações. Voltemos à tendência originária da pulsão: o desaparecimento, a descarga total da energia existente no organismo. A primeira reversão da pulsão se dá, portanto, na mudança do vetor em direção à vida. Freud demonstra esse movimento reversivo a partir da oposição masoquismo/sadismo, entendidos como expressões de passividade e atividade, respectivamente.⁶⁶

Os primeiros investimentos libidinais manifestam-se de modo puramente destrutivo. A satisfação apresenta-se masquista. E o objeto dessa destruição é o próprio organismo.⁶⁷ A observação dessa tendência permanece obscura, reconhece Freud. Decorre, justamente, da descoberta da pulsão de morte. É mais fácil identificar a reversão a seu oposto, ou seja, sua transformação em sadismo. Nele, a satisfação se dá na eliminação do que nos provocou excitação, na submissão do objeto a nossa vontade. O ato de comer expressaria a primeira manifestação dessa tendência. Destruímos o alimento, incorporando-o a nós.

O desenvolvimento implica a submissão ao outro. Faz-se necessária a reversão, mais uma vez, do sadismo em masoquismo. A “destruição” voltada para

⁶⁶ E também na oposição entre voyeurismo/exibicionismo. Em ambos os casos a reversão ocorre na mudança entre atividade e passividade. No caso, ver e ser visto. In: **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p. 132.

⁶⁷ Em 1915, Freud ainda não havia formulado o conceito de pulsão de morte. Daí ele falar, neste momento, que o primeiro movimento é sádico, destrutivo em relação ao exterior. No entanto, se lemos esse texto a partir das descobertas posteriores, podemos pensar que a reversão a seu oposto aplica-se à transformação de morte em vida. Ele mesmo o sugere no texto **O problema econômico do masoquismo** (1924), onde reconhece como primeiro movimento pulsional o masoquismo – a autodestruição – e não o sadismo – a busca por destruir o exterior – como havia afirmado em **A pulsão e suas vicissitudes** (1915). Afirma Freud em 1924: “Nos organismos, a libido enfrenta o instinto de morte ou destruição neles dominante e procura desintegrar o organismo celular e conduzir cada organismo unicelular separado para um estado de estabilidade inorgânica. A libido tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora (...) no sentido de objetos do mundo externo”, p.181. Tal idéia será reafirmada em **O mal-estar na civilização** (1930), **O Ego e o Id** (1923), entre outros textos.

nosso próprio Eu, nesse caso, opera uma transformação.⁶⁸ Tal como um oleiro tem de submeter o barro à sua força para produzir o vaso, temos de impor uma forma a nós. Jamais tocaremos piano sem nos submetermos à linguagem musical, às regras do instrumento. Assim, a pulsão será educada a manifestar-se de maneira ordenada. E criadora, se revertermos, de novo, o masoquismo em sadismo. Nesse movimento, impomos no mundo o produto resultante de um processo de dominação. Colocando-nos de maneira passiva em relação aos objetos, temos a possibilidade de nos tornar ativos por meio deles. Isso nos leva a pensar numa *atividade-passiva* como etapa necessária para a *atividade-ativa* da produção do próprio discurso.

Na *atividade-passiva* observa-se o esforço por abandonar certa configuração de forças com o intuito de construir outra, mais rica e complexa. A *atividade-passiva* corresponde ao que Freud chamou de masoquismo feminino, associado por ele à forma máxima do desenvolvimento sexual. Nessa expressão do masoquismo surgem as “situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade”.⁶⁹ Entenda-se feminino, aqui, como metáfora. Refere-se à capacidade de reconhecer o desejo, a falta. E de engajar-se na geração de algo para aplacá-lo.

O masoquismo feminino apresenta-se, portanto, criativo. O movimento de reversão masoquismo/sadismo da pulsão resulta em invenção. O sofrimento experimentado no processo é recompensado por satisfação mais intensa, obtida com o produto criado. A pessoa busca, então, repetir aquela “gostosa dor”. O desprazer reverteu-se em vida nova. Talvez encontre-se aí modo de manifestação da *sublimação*, aventura pulsional jamais abordada longamente por Freud. Para Lacan, ela tem o caráter de criar novos mundos.⁷⁰

⁶⁸ Em **Sobre la versión castellana**, Echteverry compara o objeto da pulsão à causa formal proposta por Aristóteles. Ao comentar a reversão da pulsão do sadismo ao masoquismo, observa: “La vuelta de la agresión hacia la persona propia sería un cambio de forma: mejor dicho, la persona cobraría la forma del objeto”, p.57.

⁶⁹ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo** (1914), p.182.

⁷⁰ “[A pulsão de morte] indica esse ponto que lhes designo alternativamente como sendo o do intransponível ou o da Coisa [*das Ding*]. Freud desenvolve aí sua sublimação referente ao instinto de morte, dado que essa sublimação é fundamentalmente criacionista (...) A produção é um domínio original, um domínio de criação *ex nihilo*, uma vez que nele introduz a organização do signifiante no mundo natural”. In: LACAN, S. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.261-263. No texto **A pulsão e suas vicissitudes**, Freud cita a sublimação como uma das aventuras pulsionais, mas não a aborda. Afirma que dedicará um texto específico sobre tal noção, o que nunca foi feito. Abordarei o tema no capítulo 6 deste trabalho. Em poucas palavras, destaco que a sublimação não pode ser confundida com o recalque. Ela implica no desvio da

Freud também identifica um tipo de masoquismo predominantemente destrutivo, o masoquismo moral.⁷¹ Ele se manifesta muitas vezes como sadismo, pois a pessoa age de modo agressivo com seu entorno. Expressa-se como uma *passividade-ativa*. A agressividade voltada para fora esconde a destrutividade operante dentro do próprio organismo. O indivíduo vive sob a tortura do olhar e da voz de agente interno, a quem demanda amor. O sadismo que direciona para fora deriva de seu tormento íntimo, nomeado por Freud de *sentimento inconsciente de culpa*⁷². A pessoa nada sabe dele, mas o evidencia em seus atos e falas. Há casos extremos de masoquismo moral em que o sadismo não chega sequer a dirigir-se para fora. Provoca tamanho sofrimento à pessoa que ela, literalmente, se mata. O vetor da energia dirige-se para o aniquilamento, não revertido em criação. O masoquismo moral é estéril. Representa vida desgostosa, onde o prazer resume-se a sofrer e infligir dor.

Uma outra vicissitude pulsional refere-se à reversão do conteúdo da pulsão.⁷³ Freud considera conteúdo o tipo de afeto dirigido aos objetos. Identifica, basicamente, três opostos ao conteúdo amor: a indiferença; o ódio; o ser amado. A primeira forma de relação com os objetos é marcada pela indiferença. Afinal, o organismo primitivo não tem qualquer noção sobre o mundo objetal. A partir do momento que passa a tomar conhecimento da realidade, o Eu estabelece relação agressiva com ela. O organismo primitivo quer satisfazer-se e qualquer coisa que impeça seu prazer deve ser destruída. O ódio, portanto, antecede ao amor. Aliás, o ódio caracteriza a relação com qualquer objeto estranho e desconhecido, que atrapalha a satisfação do Eu. A pessoa ama-o odiando. Constrói-se, assim, relação ambivalente, mistura de amor e ódio, característica presente, aliás, em qualquer relação amorosa. Para deixar claro o ódio do enamoramento, Lacan chama-o de *amódio*⁷⁴.

Não se pode excluir nem mãe nem pai, nem irmão ou qualquer outra pessoa desse tipo de descrição. A família constitui o conjunto dos primeiros objetos da criança, que se apresentam, portanto, como alvo do ódio infantil e não

tendência do campo sexual propriamente dito não pela proibição, mas pela afirmação do interesse em outra direção. Relaciona-se com a citada outra satisfação, a qual refere-se Lacan. O recalque estaria relacionado ao masoquismo moral, que desenvolve a seguir.

⁷¹ FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo** (1914), p. 183 e seguintes.

⁷² FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), caps. VII e VIII, e, especificamente, p.141.

⁷³ FREUD, S. **A pulsão e suas vicissitudes** (1915), p.138 e seguintes.

⁷⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.122.

exatamente do amor. Mas tais objetos também oferecem satisfação, apresentam-se como veículos de prazer. Daí o desenvolvimento do afeto amoroso, e da relação ambivalente. A partir da descrição de Freud, podemos reconhecer, também, que o ódio é mais frequente que o amor. Tendemos a odiar tudo aquilo que vá de encontro a nossa satisfação. Daí a suposição de Lacan já apresentada: a relação sexual é impossível.

A partir do momento em que o outro passa a oferecer satisfação ao Eu, a vicissitude pulsional afirma o conteúdo “ser amado”. O Eu submete-se, dessa maneira, às determinações do objeto. A atividade, típica do sadismo, reverte-se em passividade, no masoquismo. Tal reversão mostra-se necessária ao desenvolvimento do Eu. No entanto, a fixação nesse modo de amar exige que Eu sempre esteja de acordo com o outro, levando ao masoquismo moral. Como vimos, Eros transforma-se em Morte ao sufocar a manifestação do heterogêneo.

A *perdição criadora* corresponde à aventura pulsional típica do masoquismo feminino. Implica a assunção do desejo. A pessoa reconhece que algo lhe falta, lhe ex-cita, e submete-se ao tal objeto desconhecido. Ela o odeia inicialmente, mas transforma o ódio em amor, a partir do momento que começa a dominá-lo e a obter satisfação com ele. Todavia, o objeto sempre escapa, algo sempre falta em sua dominação. Essa dinâmica *amódio* incita ao perene movimento em direção ao mais além. Nesse processo, a pessoa desenvolve modo de amar narcísico, não mais centrado no amor do outro. Retorna, de certa maneira, à indiferença. Não em relação a todo o mundo objetal, como acontecera no narcisismo primitivo e infantil. A indiferença dirige-se a tudo o que proíba a afirmação de seu desejo.

2.2

Caos e criação

É em torno desta questão que gira a discussão inteira de Freud – energeticamente, o que é o psiquismo?⁷⁵

Jacques Lacan

Freud formula sua hipótese do aparelho psíquico inspirado no modelo energético da física, mais especificamente na termodinâmica, que estuda as leis que regem relações entre trabalho, calor e outras formas de energia. Tal campo da ciência se desenvolve no século XIX, em virtude dos enigmas colocados pela operação da máquina a vapor e outros dispositivos térmicos, usados como geradores de energia para a produção industrial. As descobertas da termodinâmica provocam uma revolução no pensamento científico.

A ciência clássica compreendia a natureza como uma máquina previsível e controlável, passiva ao olhar do observador. Reduzia a complexidade aparente da natureza a leis universais e deterministas. Sua concepção de universo aproximava-se do mundo das idéias de Platão. Em ambos a “ambição era descobrir o que permanece imutável para além da mudança aparente”.⁷⁶ Ao abordar os fenômenos térmicos, os físicos se depararam com processos irreversíveis e com a tendência inevitável dos sistemas à morte térmica.⁷⁷ Contemporânea do darwinismo, a termodinâmica também trata da evolução. Mas suas formulações levaram à descoberta de que o devir resulta do caos, da desordem.

A apropriação por Freud dos conceitos da termodinâmica já foi muito censurada. Chegou-se a nomeá-la de “hipótese fantástica”, ou até delirante.⁷⁸ As

⁷⁵ LACAN, Jacques. **O seminário 2** (1954/1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, p.100.

⁷⁶ PRIGOGINE, I. **As leis do caos** (1993), p.14.

⁷⁷ Em física, a palavra *sistema* designa um corpo qualquer (ou um conjunto de corpos) que delimitamos para fins de estudo. Tudo que não pertence ao *sistema* denomina-se *vizinhança*, ou *meio*. Entende-se por *morte térmica* a transformação da energia dos sistemas em sua forma mais degradada, o calor. CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação** (1982), p.66,67.

⁷⁸ GARCIA-ROZA, L. **Metapsicologia freudiana**. Vol.1, p.80. E também Laplanche e Pontalis.

idéias apresentadas em *Além do princípio de prazer* também são consideradas por muitos especulação absurda. Lacan destaca, no entanto, que a inspiração de Freud na física faz da psicanálise uma forma de pensar que não se limita à simples continuação do humanismo.⁷⁹ Trata-se de modo de entendimento da vida que transcende o funcionamento da espécie humana. E mesmo se dermos crédito aos críticos de Freud, restaria a pergunta: quem pode negar certa dose de imaginação em qualquer construção, mesmo científica? Deixo a resposta a Isabelle Stengers (1949-) e Ilya Prigogine (1917-2003), este vencedor do prêmio Nobel de Química de 1977, por sua formulação da teoria das estruturas dissipativas, baseada na termodinâmica:

Qualquer que seja seu conteúdo, uma ‘visão científica do mundo’ é por definição fechada, cheia de certezas, privilegiando as respostas em detrimento das perguntas que as suscitaram. Gostaríamos de fazer compartilhar não uma ‘visão do mundo’, mas uma visão da ciência. Da mesma forma que a arte e a filosofia, a ciência é antes de tudo experimentação criadora de questões e significações. (Stengers & Prigogine, [1988]1992, p.20).

A abordagem de alguns conceitos da termodinâmica nos permitirá melhor apreender a idéia da pulsão de morte e sua relação com a experiência de *perdição criadora*. Pode parecer-lhes que complicarei ainda mais tema tão complexo. Penso, porém, que esses conceitos, extraídos das ciências naturais, nos oferecem boas referências para a investigação de nossa intrincada vida emocional. Não se pode reduzir o homem ao dado natural, mas tampouco me parece possível deixar de reconhecê-lo como um organismo específico, que integra a natureza. Em minha defesa, recorro às palavras do mestre da psicanálise: “Podemos ter dado um golpe de sorte ou haveremo-nos extraviado vergonhosamente.”⁸⁰

O conceito de pulsão pode ser comparado ao conceito de energia, da física. A definição exata de ambos permanece pouco precisa. Todavia, tanto um como outro conceito apresentam-se fundamentais em seu campo de investigação.⁸¹ Em

⁷⁹ LACAN. J. **O seminário 2** (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, p.96.

⁸⁰ FREUD, S. **Além do princípio de prazer** (1920), p.69.

⁸¹ Sobre tal comparação, afirma Lacan em seu **Seminário 4** (1956-1957) – **As relações de objeto**: “Freud foi levado pela noção energética a forjar uma noção que se deve usar na análise de modo comparável à da energia. É uma noção que, assim como a da energia, é inteiramente abstrata, e que consiste numa simples petição de princípio, destinada a permitir um certo jogo do pensamento. Ela permite unicamente expor uma equivalência, a existência de uma medida comum, entre

1847, o físico inglês James Prescott Joule (1818-1889) propõe uma conexão entre a química, a ciência do calor, a eletricidade, o magnetismo e a biologia. Ele descobre o fenômeno da conversão: em qualquer processo físico-químico observa-se que “alguma coisa” muda de forma, mas se conserva quantitativamente sempre igual.⁸² Essa “alguma coisa” que se mantém constante, apesar de se converter em qualidades diversas, será nomeada posteriormente de energia.

O termo vem do grego *ergon*, que significa trabalho, obra, ação, e de *enérgeia*, força em ação. A definição usual refere-se à energia como “capacidade que um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho”⁸³. Trabalho, aqui, relaciona-se às trocas energéticas entre os sistemas e à sua transformação qualitativa. A constatação de Joule levou à formulação da primeira lei da termodinâmica, o princípio de conservação da energia. A quantidade de energia no universo permanece constante, apesar de ela se apresentar de modos variados: química, mecânica, elétrica, atômica etc. A água de uma cachoeira, por exemplo, produz energia mecânica e, ao movimentar as turbinas de uma usina, gera energia elétrica. A ingestão de alimentos nos garante a geração de energia química, necessária à subsistência de nosso organismo.

Em sua investigação sobre o funcionamento da máquina a vapor, os físicos descobriram que parte da energia envolvida no processo se dissipava sob a forma de calor. Essa parcela de energia tornava-se inútil àquele sistema, não era mais aproveitável. Perdera-se de vez, pois fora convertida na forma degradada da agitação térmica. Os cientistas constataram, também, que tal processo não ocorria apenas nas máquinas térmicas. Todas as formas de energia tendem a se converter integralmente em sua expressão mais desordenada, o calor.

Deriva dessa descoberta a segunda lei da termodinâmica. Segundo ela, qualquer sistema físico isolado avançará espontaneamente na direção de desordem sempre crescente.⁸⁴ Sua energia tende para o caos. Em outras palavras: os sistemas evoluem na direção da própria dissolução. Dirigem-se, portanto, à morte térmica. Curioso perceber que as representações do inferno, na cultura

manifestações que se apresentam como qualitativamente muito distintas. Trata-se da noção de libido”, p.44.

⁸² PRIGOGINE & STENGERS. **A nova aliança** (1978), p.87-89.

⁸³ Conferir **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.

⁸⁴ Ela foi apontada pela primeira vez pelo engenheiro e matemático francês Sadi Carnot (1796-1832), em 1924, mas enunciada formalmente por Rudolf Clausius (1822-1888). In: CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação** (1982), p.67 e 68 e PRIGOGINE & STENGERS. **A nova aliança**, p.91.

cristã, estão associadas a lugar quente. “Aqueles que caem em perdição”, ameaçam os crentes, “arderão no fogo do inferno”. Os que ali chegam romperam de alguma forma com a ordem cultural, entregaram-se à agitação pulsional.

Os sistemas tendem para a degradação, mas cada um deles chega ao estado último de modo particular. O contato entre os sistemas promove sua complexificação. Tal mistura exige trabalho e retarda sua tendência à dissolução. O homem criou aparatos capazes de acumular e transformar a energia no trabalho necessário à produção de bens, artifícios que reverterem o vetor natural da energia. Mesmo aí, vale lembrar, sempre haverá uma parcela da energia que se dissipa e se torna inútil. As máquinas deterioram-se, os corpos perecem, os sistemas desorganizam-se. Irreversivelmente.

Como vimos no primeiro capítulo, o conceito de pulsão ressalta essa característica. Freud entende a vida como contínuo adiamento da morte. Para isso, também “criamos” um artifício: o aparelho psíquico. Afinal, ao nascermos ele não está lá. Ele se forma aos poucos, a partir do contato com outros sistemas, que nos provocam irritações e nos impelem à ação. Envolvemo-nos com eles e, progressivamente, tornamos nosso próprio sistema mais complexo. O aparelho psíquico constitui nossa usina mental. Ele tem a função de transformar nossa energia em vida.⁸⁵ Há certos aparelhos que garantem isso com maior eficácia. Outros, por alguma razão, operam principalmente para a destruição da própria usina.

A afirmação da segunda lei da termodinâmica levou à formulação do conceito de entropia⁸⁶, que permite medir o grau de desorganização presente em um sistema. O estado de entropia máxima corresponde ao de maior equilíbrio, pois acolhe a confusão entre as forças. Não há resistência que defina qual delas deva imperar. Dependendo do momento, uma assume o poder. Daí o caos.

Curioso notar que a forma mais equilibrada de um sistema corresponde ao caos. Ali não existe qualquer lei que imponha uma ordem. Não há resistências para obrigar determinadas relações aos elementos do sistema. Concordaremos

⁸⁵ N’O seminário 17 (1969/1970) – **O avesso da psicanálise**, Lacan destaca a importância da termodinâmica para o pensamento de Freud e afirma que ela permite reconhecer o reino do significante: “o S1 [o significante-mestre] é o dique. O segundo S1 é, abaixo, o reservatório que o recebe e faz girar uma turbina”, p.75.

⁸⁶ Rudolf Clausius enunciou o conceito de entropia em 1865, no trabalho: “*On Several Convenient Forms of the Fundamental Equations of the Mechanical Theory of Heat*”. O termo foi cunhado pelo próprio Clausius, numa combinação entre as palavras energia e *tropos*, palavra grega que desinga transformação ou evolução. In: CAPRA, F. **O ponto de mutação** (1982), p.68.

com os físicos se lembrarmos que, continuamente, temos que trabalhar para manter nossos sistemas em ordem, sejam eles nossa casa, o carro que possuímos, ou mesmo nosso corpo. Arrumamos uma gaveta e o simples ato de abri-la já desorganiza tudo. Se deixarmos os sistemas operarem livremente, tenderão à desordem.

A ordem é mais instável que a desordem. Corresponde, no mundo físico, às configurações específicas assumidas pelos organismos. Suas formas perduram por certo período. Seu desaparecimento, ou morte, reflete apenas a transformação daquela forma ordenada em outra. A energia total no universo nunca se altera. Tal idéia aproxima-se da famosa frase bíblica, que virou ditado popular: “Do pó viemos e ao pó voltaremos”. O mito secretou verdade científica aparentemente complexa.

O que vive ou morre são ordenações específicas de certa quantidade de energia. A vida corresponde, portanto, ao trabalho, à luta efetuada por determinado sistema para impor sua maneira particular de agenciar a energia. O fim da luta ocorre quando certa ordenação dissolve-se no caos, no indeterminado, no impessoal. A criação envolve o enfrentamento do caos, sem sucumbir nele.⁸⁷

O conceito de entropia foi incorporado a diversos campos, entre eles a psicanálise e a teoria da comunicação. “A entropia é um E maiúsculo, absolutamente indispensável ao nosso pensamento”, afirma Lacan em seu *Seminário 2* (1952/1953).⁸⁸ A descoberta da disposição natural dos sistemas à desordem leva-nos a pensar estratégias para manter nossa usina em funcionamento.

No campo da comunicação, a entropia revela a presença do ruído, da confusão entre emissor e receptor. Precisamos de físicos, matemáticos e engenheiros para nos indicar algo tão corriqueiro: a comunicação com o outro é impossível. Sempre nos deparamos com a incompreensão. Na verdade, os cientistas buscavam meios de neutralizar os ruídos. Em 1949, Claude Shannon (1916/2001) e Warren Weaver (1894/1978), da Bell Telephone Laboratories,

⁸⁷ Na análise que faz do conceito de pulsão de morte de Freud e sua relação com o pensamento de Empédocles, José Luis Etcheverry observa: “El amor quiere aglomerarlo todo (...)pero poco a poco se insinua la discordia, que lo va desagregando todo; en el proceso de desagregación nacen las cosas singulares y sus formas, fruto de la lucha entre ambas fuerzas, hasta que se llega a la dispersión total; y el ciclo recomienza, por la obra del amor, em sentido contrário”. In ETCHEVERRY, J.L. **Sobre la version castellana**, p.54.

⁸⁸ LACAN, J. **O Seminário 2** (1952/1953) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**, pp108-109.

enunciam as bases de seu pensamento no livro *A teoria matemática da comunicação*. Seu desafio era criar códigos capazes de garantir a transmissão eficaz das mensagens – traduzidas em quantidades de informação – por meio de cabos telefônicos.⁸⁹

Tal como a termodinâmica, a teoria da informação surgiu a partir de problemas propostos por invenções tecnológicas. Isso nos leva a supor o caráter inconsciente e imprevisível do pensamento. Construimos discursos para dar sentido a problemas impostos pelo real. As próprias tecnologias constituem produções simbólicas que respondem a irritações provocadas pelo real.

Segundo a teoria da informação, qualquer sistema não submetido a um código apresenta-se em entropia, estado em que quaisquer sinais emitidos por ele têm equiprobabilidade de compor uma mensagem. O teclado do computador, por exemplo. Se não o submetemos a um código que organize probabilidades, acabaremos produzindo agrupamentos do tipo *xxctpv* ou *ppoihiuri*. Mensagens caóticas, que nada significam para nós, puro ruído textual. No entanto, altamente “informativas”. Shannon e Weaver definem “informação” como o grau de imprevisibilidade, de surpresa, de uma mensagem. Um sistema que opera livremente se encontra em estado de entropia máxima, de desordem absoluta. Na metáfora que proponho, o sistema encontra-se *perdido*. Não há tensão que imponha uma direção.

O código instaura previsibilidades, limita a liberdade dos sinais utilizados na composição das mensagens. Estabelece hierarquias. Por isso podemos brincar de palavras cruzadas ou do jogo da forca. Na língua portuguesa, na busca por descobrir a palavra escondida nos traços em branco, arriscamos inicialmente as vogais, a começar pelo *a*. Os falantes da língua alemã talvez iniciem o jogo por consoantes... Recorremos às probabilidades previstas pela ordem do código. Contudo, para Shannon e Weaver, uma mensagem exitosa deve provocar a alteração no comportamento do receptor. Conjuntos de signos muito previsíveis não despertam interesse. Eis o desafio do emissor: criar mensagens ao mesmo

⁸⁹ Um ensaio de Weaver, de mesmo título do livro publicado com Shannon, também de 1949, integra a coletânea **Comunicação e indústria cultural**, organizada por Gabriel Cohn (pp.25-37). Vários autores abordam a relação entre a *teoria matemática da comunicação* e estética. Entre eles, Teixeira Coelho, em **Semiótica, informação e comunicação**, pp.119-192, e Umberto Eco, em **A estrutura ausente**, pp.3-19. Sobre o tema, afirma Lacan n’**O Seminário 2** (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**: “A teoria da informação: aí é a primeira vez que aparece na qualidade de conceito fundamental a confusão como tal, esta tendência que existe na comunicação a deixar de ser comunicação, isto é, a não comunicar mais nada”, p.109-110.

tempo atraentes e inteligíveis, ou seja, portadoras de um grau relativo de entropia. A desorganização aparente da mensagem apresenta-se como enigma, convidando à decifração.

Na arte, a ênfase não está exatamente na inteligibilidade, mas na invenção de possibilidades expressivas. Persegue-se a transformação do próprio código. Algumas mensagens artísticas, portanto, trazem grau de entropia de tal forma elevado que parecem a muitos puro ruído.⁹⁰ Confusão, entropia máxima, caos. No entanto, há uma ordem ali, só que não apreendida pela maioria das pessoas. Tais mensagens expressam a *perdição criadora*. Aqueles que as produzem experimentam a agitação da imprevisibilidade, mas acabam por impor nova organização. Eles escolheram os elementos de seu discurso em repertório mais amplo do que o usual, e os agruparam de maneira diferente.

Recorramos a uma analogia com o campo da música para melhor entender esse processo. O sistema tonal dominou a música ocidental durante três séculos, desde fins da Renascença até meados do *novecento*. Tal sistema define certas regularidades, determinadas regras para a ordenação do discurso musical. Estabelece um código, uma linguagem. Sua estrutura organiza-se em torno de uma nota fundamental, a tônica. Ou seja, há uma hierarquia no modo de usar os grupos de notas, tomando como referência a primeira nota da escala. A tonalidade, como o sistema ficou conhecido, criou novo ambiente sonoro.⁹¹ Instituiu a tônica como centro de atração, travando a aleatoriedade na escolha dos sons para a composição de uma peça musical.

O sistema tonal acolheu certos arranjos sonoros tão estranhos aos ouvidos da época que eram considerados coisas do diabo durante a Idade Média.⁹² Pareciam ruídos, no sentido da Teoria da Informação. Johann Sebastian Bach (1685-1750) apresenta-se como seu grande formulador, especialmente em sua

⁹⁰ Sobre o ruído, observa Weaver: “Quando há ruído, é certo que o sinal recebido foi selecionado a partir de um conjunto mais variado de sinais do que o originalmente pretendido pelo emissor. (...) A incerteza que decorre da liberdade de escolha da parte do emissor é uma incerteza desejável”. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**, p.31. O ruído aumenta o grau de entropia de uma mensagem, que parece mais desorganizada para o receptor.

⁹¹ WISNIK, J.M. **O som e o sentido**, p.113.

⁹² O sistema tonal acolhe dissonâncias que se resolvem, se apóiam numa consonância. “O fato de que a escala diatônica abrigue dentro de si necessariamente a ‘falha’ do trítone, a dissonância incontornável, se tornará na Idade Média um problema não só na música, mas moral e metafísico: o *diabolus in musica* intervém na criação divina (...) devendo ser evitado e contornado por uma série de expedientes composicionais”. In: WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**, p.83. Este mesmo livro serviu-me como referência para os comentários seguintes, bem como o **Dicionário Grove de música**, editado por Stanley Sadie.

obra *Cravo bem temperado*, publicada em 1722. O que chamamos ainda hoje de *escala do dó maior* ou *escala de lá menor*, entre outras, nomeia certa ordenação específica entre os intervalos das notas, que gira em torno da nota dó ou da nota lá. Os músicos criam suas composições a partir das linhas melódicas e relações harmônicas definidas nessas escalas. Acolhem dissonâncias, conflitos e tensões, sempre resolvidas com o retorno ao fundamento da tônica, a primeira nota da escala.

A partir de meados do século XIX, alguns compositores começaram a ousar incluir em suas peças certos arranjos sonoros não mais resolvidos em torno da tônica. Beethoven (1770/1827) já fez seus experimentos. Richard Wagner (1813/1883), Gustav Mahler (1860/1911) e Claude Debussy (1862/1918) estão entre aqueles que exploraram o cromatismo⁹³ em suas composições, escapando da ordem tonal. A música começava a abstrair do fundamento, do chão oferecido pela nota principal. Ela não mais se apresenta como o centro para a construção da hierarquia dos acordes. Surge, por volta de 1920, o atonalismo, o dodecafonismo, o serialismo, que rompem efetivamente com o sistema tonal. Para muitos ouvidos contemporâneos, a música de Arnold Schönberg (1874/1951), e de seus discípulos Anton Webern (1883/1945) e Alban Berg (1885/1935), ainda soa estranha. Parece caótica e desorganizada. Entrópica, portanto. Na verdade, ordena-se segundo código ainda pouco usual aos não iniciados. Magno relaciona essa *atectonia*⁹⁴ musical com a crise dos fundamentos vivenciada desde a virada do século XIX para o século XX. A mesma transformação pode ser observada nas artes plásticas, não mais referidas à representação.

A entropia relaciona-se com desordem e morte. Mas também, como vimos, com a criação. O caos pode gerar vida renovada, pois está para além do código vigente. Para a psicanálise, o caótico remete à expressão da pulsão. Provoca ruptura com a cadeia de representações. Por isso, apresenta-se como traumático.⁹⁵ O trauma corresponde ao choque vivido pelo organismo diante do

⁹³ Uso de notas que não fazem parte da escala. In: SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**.

⁹⁴ MAGNO, MD. **Psicanálise**. Novamente, p.19-20.

⁹⁵ A noção de trauma percorre toda a obra de Freud. Já em suas reflexões sobre a histeria, em textos de 1893 – **Sobre os mecanismos dos fenômenos histéricos**, de 1896 – **Etiologia da histeria**, ele destaca que os sintomas neuróticos são efeito de um choque profundo, intolérável, experimentado por alguém. Naquele momento, o trauma referia-se à ruptura da organização do Eu provocada pelo impulso sexual. A partir de **Narcisismo: uma introdução** (1914), no entanto, Freud começa a pensar no trauma como expressão da força pulsional destrutiva. Na mesma época, Freud escreve **Luto e melancolia** (1915) e **Reflexões sobre tempo de guerra e morte** (1915), que

real, aquilo que se mantém para além ou para além da ordem simbólica.⁹⁶ O sistema nervoso é invadido por grande quantidade de energia livre, que demanda escoamento. O ato criador constitui resposta original ao excesso pulsional, resulta da elaboração diante do trauma. Também se reage ao aumento súbito de energia com a produção de sintomas, que contêm a energia liberada em respostas cristalizadas, a partir de então repetidas de modo compulsivo.

Em psicanálise, o ato sempre traz uma marca inaugural. Instaura um corte na lei vigente. Corresponde a acontecimento inesperado, inaudito. “O ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito”, afirma Lacan. E completa: “Andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele.”⁹⁷ E muitas vezes não *chega* apenas para si. Tal “chegada” também se oferece como ponto de partida para outros.

abordam a manifestação da pulsão destrutiva. Debruça-se, alguns anos depois, sobre as neuroses de guerra. Essas reflexões culminam na formulação do conceito de *pulsão de morte*, em **Além do princípio de prazer** (1920). Neste texto, Freud inclui reflexão sobre trauma em ampla análise sobre o funcionamento de nosso psiquismo, que derivará na elaboração de sua segunda tópica três anos depois, em **O Ego e o Id** (1923). Aqui o trauma refere-se à expressão da pulsão desvinculada de representações, ou seja, à energia livre, que tende para a morte. Em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), Freud destaca que o trauma refere-se a própria constituição do psíquico, construído como defesa ao excesso pulsional existente na origem. No trabalho de 1920, retoma, atualiza e amplia hipóteses que havia construído já em 1895, no **Projeto para uma psicologia científica**, e em estudos como **Formulação dos dois princípios do funcionamento mental** (1911).

⁹⁶ O conceito de real formulado por Lacan assume diversas enunciações em sua obra. Não procederei uma análise do conceito, utilizo-o aqui para referir-me àquilo que está para além da ordem simbólica, que opera como empuxo constante na produção de novas realidades. N’**O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, encontramos algumas definições do termo: refere-se àquilo que sempre retorna ao mesmo lugar, “a esse lugar onde o sujeito, na medida em que cogita, não o encontra”, p.50; “está para além do *automaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer”, p.56; “O real é o choque, é o fato de que isso não se arranja imediatamente. (...) O real se distingue (...) por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível”, p.159.

⁹⁷ LACAN, J. *O ato psicanalítico* (1967-1968). In: _____. **Outros escritos**, p.371. A psicanálise estabelece diferenças entre as modalidades de ação pelas quais o aparelho mental responde às exigências pulsionais: *ato falho*; *acting out*; *passagem ao ato*; e *ato*. Em poucas palavras, poderíamos dizer que as duas primeiras manifestações estão no campo da representação, fazem parte do jogo simbólico. O *ato falho* provoca uma ruptura com a ordem vigente, mas indica outra ordem em ação, inconsciente. O *acting out* corresponde à *atuação de um papel* em uma cena, que esconde desejos inconscientes. As duas últimas modalidades indicam uma ruptura com o campo do discurso. A pessoa é atravessada pela pulsão. Mas enquanto a *passagem ao ato* tem caráter puramente destrutivo, o *ato* engendra novos começos. Freud dedica **Psicopatologia da vida cotidiana** (1901) ao estudo dos atos falhos. Em **Recordar, repetir e elaborar** (1914), entre outros, aborda o *acting out* (p.166-167). Lacan dedica todo seu **Seminário 15** (1967-1968), ainda não publicado, ao tema. O ato também é trabalhado em outros seminários, dentre eles **O seminário 10** (1962-1963) – **A angústia**, cap. IX, **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, cap. XXII. Sobre passagem ao ato, ver também GUIMARÃES, Maria Celina Pinheiro. **O estatuto renovado da passagem ao ato**.

O ato criador desperta novas formas. A consistência da criação, sua força para sustentar-se face à tendência à dissolução, indicará seu tempo de vida. O poder de se impor a outras formas fará com que sua duração seja mais longa ou mais curta. Apesar de inúmeras críticas ao longo de mais de dois milênios, ainda hoje lemos Platão e Aristóteles. A luta que realizaram para afirmar seu modo de interpretar a vida, ou a maneira de agenciar sua energia, foi de tal magnitude que encantou outras pessoas e os tornou eternos. Algo despertado por eles ainda ecoa em muitas pessoas.

Filósofos, artistas, líderes religiosos dão forma simbólica aos afetos que experimentam em seu sistema energético. Neste sentido, o conjunto de ideias ou formas expressivas inventados por eles nada mais são do que grandes configurações que ordenam milhões de outros pequenos sistemas, os indivíduos. Estes organizam sua energia segundo determinado padrão estabelecido por outrem, que se expandiu e se tornou referencial coletivo. A maior parte das pessoas toma o padrão criado por aqueles que fundaram nova ordem como trava à própria tendência à dissolução.

Se um sistema não for submetido a artifício que mude o vetor da degradação da energia, se não executar trabalho, tenderá ao caos, para a entropia máxima. Em outras palavras, para o fim de sua forma específica, para sua morte. Nosso estado mais originário, bem como o de qualquer sistema, é o equilíbrio desordenado.

Importante lembrar que trabalho, em física, assume definições diferentes na mecânica clássica e na termodinâmica. Segundo a mecânica, o trabalho corresponde à ação de uma força que causa deslocamento em sua própria direção. Em termodinâmica, no entanto, refere-se à interação estabelecida entre um sistema e seu meio. Trata-se, assim, de um fenômeno de fronteira, que diz respeito ao fluxo de energia trocado entre interior e exterior.⁹⁸

Um sistema executa trabalho quando se abre para o diferente e intervém efetivamente no ambiente. Portanto, trata-se de algo inevitável a qualquer organismo. O conceito de trabalho assume conotações diversas na economia política, na filosofia e até na religião. Considero a definição da física rica por

⁹⁸ SOUZA Jr., Jessé Rebello. *Notas de aula. Trabalho e calor*. Departamento de Engenharia Naval e Oceânica. USP. In: <http://www.poli.usp.br/p/jesse.rebello/termo/index.html>. Tomo as aulas de Rebello como referência para os comentários a seguir.

apresentá-lo como necessidade vital. Não executá-lo significa adesão ao vetor da energia direcionado ao caos, contribuindo, assim, para o fim do organismo.

A termodinâmica define como “positivo” o trabalho realizado pelo sistema sobre o meio, e “negativo” o trabalho realizado pelo meio sobre o sistema. Em ambos os casos, manifesta-se a luta entre sistema e entorno. Os dois tipos de trabalho indicam vínculo com a vida, ou seja, a reversão da tendência à dissolução. No entanto, o trabalho positivo parece expressar maneira de lutar que implica na afirmação da diferença do sistema. Ao passo que o trabalho negativo dá a impressão de que o sistema é oprimido pelo meio, tal como no caso do masoquismo moral, apresentado no capítulo anterior. Na verdade, o sistema é pressionado a sucumbir à homogeneização imposta pela vizinhança. Se levarmos adiante essa analogia, poderíamos pensar que no masoquismo feminino, ou no trabalho positivo, o sistema opera no sentido de insistir na própria distinção. Quando pensamos na dinâmica de nosso aparelho mental, a situação fica mais complexa. Afinal, o meio está dentro de nós. O campo de batalha entre vários sistemas é interno, a tensão se dá entre Isso, Eu e Supereu.

A noção de trabalho na termodinâmica nos ajuda a pensar o conceito de pulsão. Freud identifica na pulsão a força que impele o aparelho mental à atividade. Como vimos, tal ação não se dá de maneira espontânea, mas como defesa contra excitações exógenas e endógenas. Apesar de essa visão ser nomeada de negativa, ou reativa, pois não indica espontaneidade natural para a produção de algo, o resultado dela não leva à visão negativa ou niilista da vida. Simplesmente nos mantém mais alertas quanto ao impulso mais originário, e sempre presente, de nosso sistema: acabar com toda a tensão interna.

Nesse processo, o sistema envolve-se com os estímulos perturbadores e, ao invés de morrer, complica-se com a vida. Este caminho apresenta-se inevitável para a afirmação da existência. Admitir que nossa energia encaminha-se para o caos nos impele a trabalhar, continuamente, a fim de ordená-la; engaja-nos no reviramento perene do vetor que empurra em direção à morte. Ressalta a necessidade de olharmos a vida de modo mais realista.

O senso comum em nossa cultura opõe trabalho a lazer. Supõe-se que o lazer corresponda a momentos de prazer. Muitas pessoas experimentam suas atividades laborais como punição, castigo do qual buscam livrar-se o quanto antes, obrigação que não produz satisfação. Anseiam por férias. Entendem o

trabalho como mero dever, ou como resultado de alguma injustiça social. É bem verdade que essa interpretação construiu-se, em parte, pelo automatismo imposto pela indústria. Mas ela acaba por se estender a qualquer forma de trabalho. E pior: muitos tacham de loucos obsessivos, autoritários, antissociais e até, nos casos mais absurdos, de autistas, aqueles que estabelecem relação rigorosa com sua atividade. E que se dediquem intensa e rigorosamente a ela. A multidão defende com veemência a satisfação obtida nos chamados programas de lazer, como aceleradas e tumultuadas excursões a países estrangeiros. Suspeito que muitos que se engajam nesses programas perguntam-se, naqueles momentos solitários entre o sono e a vigília: mas por que diabos me enlacei com este bando? O lazer não se traduz necessariamente em prazer.

A criação, a invenção de novos discursos ou próteses⁹⁹, deriva do enfrentamento com o desconhecido, com o indeterminado. O trabalho apresenta-se aí como essencial. Caso não se execute trabalho para construir nova ordem, submerge-se no caos. Talvez essa ameaça, a experiência deste estado limite, explique a raridade do ato original. Mas esse trabalho franqueia passagem para uma satisfação outra, mais intensa e rica. Ousaria dizer que mais humana, pois se expressa por aquilo que trazemos de mais característico em nossa espécie, a construção do simbólico. E mais: a satisfação que experimentamos corresponde ao grau de tensão interna que vivenciamos. Se o grau de tensão interna for alto, sua descarga provoca satisfação mais intensa.

As formas usuais de prazer, prescritas pela cultura, exigem mínimo de dispêndio de energia. Simplesmente seguimos os modelos. Já aquelas que são proibidas, ou simplesmente desconhecidas, provocam maior aumento de tensão. Quando realizadas, a sensação de satisfação também é maior.

Admiramos aqueles que deixaram sua marca nos campos em que atuaram. As histórias que deles conhecemos mostram o quanto sua satisfação construía-se por meio de trabalho incansável na realização de algo. Flaubert (1821-1880) era acusado de lentidão por seus críticos. Ele reconhecia sua compulsão na procura

⁹⁹ Entendo por prótese o que quer que o homem invente com o objetivo de aplacar seu sofrimento. Inclui-se aí tanto próteses materiais, como óculos, roda, carro, como próteses imateriais, como religião, arte, sistemas filosóficos. O psicanalista MD Magno as nomeia como *artifícios industriais* ou *formações artificiais*, que compõem o que usualmente chama-se de simbólico. Em **O mal-estar na civilização** (1930), p.98, Freud reduz o termo prótese às produções materiais. No entanto, as reconhece como objetos que visam aplacar alguma deficiência ou ampliar a potência de algum órgão de nosso corpo.

pela palavra exata e dizia-se escravo da linguagem. Ao longo da composição de *Madame Bovary*, escreve à amante: “Minha cabeça roda de aborrecimento, de desencorajamento, de fadiga! Passei quatro horas sem conseguir fazer uma frase... Que trabalho atroz!”¹⁰⁰ Ou ainda: “Quero ver se acho quatro ou cinco frases que procuro já faz um mês”. Sua procura e paciência são recompensadas: “Na última quarta-feira, eu fui obrigado a me levantar para apanhar o meu lenço de bolso; é que me enterneci escrevendo, eu gozava deliciosamente, da emoção de minha idéia, da frase que a revelava e da satisfação de tê-la encontrado”.¹⁰¹

Beethoven também era obcecado pela forma perfeita. Seus cadernos mostram como reescrevia exaustivamente suas composições. O ato de composição, para ele, sempre teve o caráter de luta. A violência desse embate apresenta-se em seu estilo.¹⁰² Tolstói (1828-1910), ao escrever a novela *Khadji-Murát*, publicada com cerca de 140 páginas, gastou mais de duas mil páginas de rascunho.¹⁰³ O esforço necessário ao ato criador fica evidente em texto que o poeta Charles Baudelaire (1821-1867) imagina o processo criativo do gravurista Constantin Guys (1802-1892). Descreve ele que, à hora em que os outros estão dormindo,

Guys está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho, debatendo-se consigo mesmo. (Baudelaire, 1988, p.173).

Quando veneramos a obra de grandes realizadores, esquecemos todo o árduo processo envolvido em sua produção. Sentimo-nos invejosos e diminuídos, mas não reconhecemos a intensidade com que perseguiram o desejo despertado por algum objeto ou alguma idéia. Também não reconhecemos a angústia que experimentaram ao se liberarem das fixações repetidas automaticamente por seus contemporâneos. Insistiram na dominação de algo. E de tanto repetirem o conhecido, sentiram certa insatisfação com o já formulado. Foram constrangidos a inventar novas possibilidades.

¹⁰⁰ FLAUBERT, G. **Cartas exemplares**, p.133.

¹⁰¹ FLAUBERT, G. *Op. Cit.*, p.66.

¹⁰² SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**.

¹⁰³ In: SCHNEIDERMAN, Boris. *Uma novela a ferro e fogo*. In: TOLSTÓI, Liev. **Padre Sérgio**.

É justamente esta entrega ao ainda não formulado que nomeio de *perdição criadora*. Resulta ao mesmo tempo da insistência no desejo e da impossibilidade de alimentá-lo com o que existe. O abandono à pulsão acompanha-se do rigor na elaboração de um produto para satisfazê-la, pois o que há não mais satisfaz. A rendição à tentação acompanhada do trabalho permite fazer emergir o divino.

As cartas de Van Gogh a seu irmão Theo parecem-me um dos testemunhos mais contundentes desse processo no campo artístico. Mostram sua aguerrida busca pela expressão original, extraída a partir da observação das luzes, dos objetos, das cores, e das obras de mestres como Millet (1814-1885) e Delacroix (1798-1863). Escreve ele ao irmão: “Conheço duas pessoas agitadas em seu íntimo pela mesma luta: ‘sou pintor’ e ‘não sou pintor’. Rappard e eu mesmo. Uma luta às vezes medonha, uma luta que é justamente a diferença entre nós e alguns outros que levam as coisas menos a sério.”¹⁰⁴

O que descrevo como *perdição criadora* não se restringe à esfera da arte. Inventores de novas próteses, heróis guerreiros, grandes descobridores, também ousaram desejar algo que parecia impossível a seus contemporâneos. O vigor com que se abandonaram a seu querer, a entrega a sua paixão, encantou outros e provocou mudanças na cultura. Afinal, mesmo quando não realizaram exatamente o que almejaram, alguns se tornaram eternos e mudaram a vida de povos. Jesus apresenta-se como exemplo maior. Justo seu martírio – a crucificação – tornou-se a principal imagem do cristianismo. O rei português D. Sebastião (1554-1578), desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, teve sua derrota transformada em nova vida. Não conseguiu restituir a glória a Portugal, mas hipnotizou de tal forma seu povo que, mesmo morto, provocou a fundação de uma religião, o sebastianismo.¹⁰⁵ O padre Antonio Vieira (1608-1697) foi condenado pela inquisição por anunciar a ressurreição de D. Sebastião. Segundo Vieira, ele seria responsável pela instauração do Quinto Império, o império do espírito, entre os homens.¹⁰⁶

Penso que o acaso também assuma importante papel na eternidade que alcançaram, bem como na invenção que realizaram. O trabalho intenso sobre algo

¹⁰⁴ VAN GOGH, V. **Cartas a Théo** (1883), p.12.

¹⁰⁵ HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII.**

¹⁰⁶ VIEIRA, Antonio. **História do futuro**; PESSOA, Fernando. Prefácio. In: GOMES, Augusto Ferreira. **Quinto Império**; e ainda PESSOA, Fernando. **Portugal, sebastianismo e Quinto Império.**

me parece condição necessária, mas não suficiente para a emergência do novo. Debruçar-se sobre algo pode permitir-nos maior disponibilidade para o inusitado, maior escuta para novas possibilidades. A criação efetivamente original, no entanto, restará sempre misteriosa.

2.3

A economia da tentação

Se há algo a ser feito na análise é a instituição desse outro campo energético, que necessitaria outras estruturas que não as da física, que é o campo do gozo.”¹⁰⁷

Jacques Lacan

O aparelho mental é responsável pela administração da energia de nosso sistema. A complexidade de sua operação levou Freud e Lacan a buscarem referências em outras ciências, além da física. A economia e a linguística oferecem instrumental importante para a apreensão da constituição e do funcionamento da máquina psíquica. A economia estuda a produção e a distribuição de riquezas nos grupos humanos, aborda o modo como as paixões e os interesses humanos organizam-se na sociedade. A linguagem engendra o mundo de valores nos quais o homem se forma. Por meio dela, o homem produz seus modos de gozo.

A dimensão econômica ocupa um dos eixos centrais do pensamento freudiano. Já no *Projeto para uma psicologia científica*, ele procurou formular uma “economia da força nervosa”. O bem primordial aqui é a pulsão. Tal como o capital, ela é uma quantidade que se vincula a qualquer matéria. Ou, em termos psíquicos, a qualquer representação: imagens, pessoas, objetos e, também, idéias. O lucro almejado corresponde à satisfação. O objetivo do aparelho mental é o gozo. E a psicanálise descobre que o homem constrói surpreendentes caminhos em busca da satisfação.

Freud estabelece, inicialmente, dois princípios como administradores dessa tarefa: o princípio de prazer e o princípio de realidade.¹⁰⁸ Ambos apresentam-se derivações de outro, o princípio de Nirvana. Este corresponde à pulsão de morte, à

¹⁰⁷ LACAN, J. **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, p.77.

¹⁰⁸ Freud enuncia formalmente esses conceitos no texto **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, de 1911, mas, como Lacan observa, a “oposição do princípio de prazer ao princípio de realidade foi rearticulada ao longo de toda obra de Freud” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.39.

tendência para levar a excitação interna do organismo a nível zero.¹⁰⁹ A tão almejada paz absoluta! Diante da impossibilidade de atingi-la, o organismo procura, ao menos, manter a tensão interna sempre constante, sua homeostase. Esta compreende os processos de regulação de diversas funções e composições químicas do corpo pelo qual um organismo mantém constante seu equilíbrio. No caso humano, o aparelho mental assume papel fundamental nesse processo. As diversas manifestações da vida psíquica expressam tentativas para conservar ou restabelecer a constância interna.

Com a formulação dos princípios do funcionamento mental, Freud visa descrever o modo de relação de nosso sistema com a realidade, tanto interna como externa ao organismo. A operação segundo o princípio de prazer tem por objetivo abaixar imediatamente o aumento de tensão provocado por estímulos. E evitar qualquer desprazer, que corresponde a essa elevação da tensão. Trata-se do modo mais antigo, primitivo, do funcionamento do aparelho psíquico. Freud o nomeia de *processo primário*, típico do inconsciente.¹¹⁰

A permanência no princípio de prazer só se sustenta se existe um outro que execute ação específica para aplacar, efetivamente, o aumento de tensão experimentado pelo organismo. Se um bebê sente fome, por exemplo, ele chora e movimentando braços e pernas. Alguém o alimenta e ele acaba por experimentar prazer. Segundo Freud, o bebê alucina a satisfação, pois desconhece por completo a realidade e não age sobre ela. Tem apenas um registro imaginário da situação em seu psiquismo, que inclui, além de imagens, as sensações cinestésicas envolvidas. O processo primário caracteriza o sonho; também ali alucinamos

¹⁰⁹ FREUD toma de empréstimo a expressão *princípio de Nirvana* de Barbara Low. In: FREUD, S. (1920) **Além do princípio de prazer**, p. 66. Como discurremos no primeiro capítulo, Freud só formula o conceito de pulsão de morte em 1920. Mas já em seu texto não publicado de 1895 enuncia a idéia, sob o nome de *princípio de inércia*. Ver também LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. E ainda LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, pp.39-42.

¹¹⁰ Na seção E do capítulo VII de **A interpretação dos sonhos** (1900), Freud diferencia o processo primário, característico do inconsciente, do processo secundário, típico do sistema pré-consciente/consciente. No primeiro, a energia mental opera de modo livre, deslocando-se e condensando-se em variadas representações. O processo secundário aponta para o escoamento da energia de modo mais ordenado, em que ela se vincula de modo estável a representações, impedindo seu movimento, p. 627 e seguintes. Ver também de Laplanche e Pontalis, **Vocabulário de psicanálise**, pp.474-477.

realizações de desejos, sem termos de enfrentar as dificuldades impostas pela realidade.¹¹¹

Operar de acordo com o princípio de prazer implica agir de modo instantâneo para acabar com as perturbações impostas a nós. Como nascemos ignorantes de tudo, a forma mais fácil para atingir o prazer se dá pela fuga do estímulo, ou por meio de sua destruição. E, ainda, pela via da descarga descontrolada de energia, como, por exemplo, acontece na manha de uma criança mimada. O sadismo infantil também se apresenta como uma das expressões do princípio de prazer.

Agindo sempre segundo esse princípio, chegamos ao prazer. Mas qual tipo de prazer atinge-se? Se sempre fugimos ou destruimos os estímulos perturbadores, nossa ignorância sobre eles permanece. Eis o que Freud chama de recalque.¹¹² Fomos excitados por algo, mas não investimos nossa energia, não nos submetemos àquele estímulo. Simplesmente descarregamos o aumento da tensão interna de maneira imediata. Trata-se de uma rejeição da realidade.

Originalmente, a energia mental encontra-se livre, desligada de qualquer representação. Seu escoamento se dá por qualquer via que se lhe apresente. Operar apenas segundo o princípio de prazer corresponde a estabelecer vínculos muito tênues e temporários à energia psíquica. O aparelho não investe de modo consistente na produção de satisfações. O dispêndio de energia reduz-se ao mínimo. O lucro obtido também mostra-se reduzido.

Viver somente de acordo com esse princípio corresponde a colocar em risco a própria sobrevivência. A preservação do organismo fica ameaçada. Afinal, ele depende de um outro para lhe garantir a vida, tal como um bebê. Observa-se esse quadro extremo na psicose. Há uma recusa de interação com outros sistemas. Retomo aqui a referência à termodinâmica: um sistema fechado tende mais rapidamente à degradação, à morte. Deparamo-nos, assim, com um paradoxo: com vistas a manter sempre o prazer, o aparelho impõe a si o sofrimento mais extremo, a própria destruição. Curiosamente, também corresponde à máxima

¹¹¹ Afirma Freud em 1911: “O estado de sono é capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade, por que um dos pré-requisitos do sono é uma rejeição deliberada da realidade (o desejo de dormir).” In: **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**, p.238 (Nota 3). Destaco ainda que, nos sonhos, as imagens produzidas relacionam-se com palavras. Diferentemente do bebê, o sonhador já está inserido no mundo simbólico.

¹¹² FREUD, S. (1911). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, p.238. O capítulo 4 é todo dedicado ao recalque.

satisfação, pois ele chega, então, à paz absoluta tão almejada. O princípio de prazer pode vir a se transformar, portanto, no *além* do princípio de prazer.

Ressalto, no entanto, que o princípio de prazer opera em nós ao longo de toda a vida. Se em inúmeras situações interagimos com a realidade e nos submetemos a ela, em muitas outras seguimos ignorantes e agimos segundo a lógica imediata do princípio de prazer. A associação que propus com o *além* do princípio do prazer refere-se a pessoas que mantêm relação constante de recusa da realidade.

Para Freud, a limitação do gozo oferecido pelo funcionamento primitivo força o organismo a considerar o mundo externo.¹¹³ Desenvolve-se, então, o princípio de realidade, que não se opõe ao princípio de prazer, apenas transforma-o. Daí sua designação como *processo secundário*. Se agimos de acordo com esse princípio, experimentamos certa dose de sofrimento, para obtermos satisfação produzindo algo que altere a realidade. Regidos por ele, aprendemos a reconhecer e a aceitar nossa inicial inabilidade e desconhecimento daquilo que nos afetou. E insistimos no investimento, mesmo diante da angústia despertada pela incerteza e pelo despreparo. Acumulamos energia internamente para poder agir sobre a realidade de maneira eficaz. Perseveramos no vínculo com determinadas representações, o que impede que o fluxo de energia se dissipe de maneira acelerada. Auferimos lucro maior desse investimento, tanto pela elaboração interna do estímulo como pelo domínio da realidade permitido por ela. Ambos ampliam nossa capacidade de gozar.

Em muitos casos, a realidade modificada restringe-se à pessoa em questão, a seu modo de viver. Só aprendemos a andar de patins após termos suportado o desprazer de muitos tombos. Assim, transformamo-nos em patinadores. Dessa maneira aprendemos a andar, falar, cozinhar... Mas o indivíduo que se coloca diante do fogão para fazer seu almoço a cada dia não se transforma, necessariamente, em grande cozinheiro. Aqueles a quem chamo de *perdidos criadores* envolvem-se de modo tão intenso com certos objetos que acabam por alterar não apenas a própria realidade, mas também a realidade compartilhada por

¹¹³ “O aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do *princípio de realidade* provou ser um passo momentoso”. In: FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental** (1911), p.238.

maior número de pessoas. Esses indivíduos assumem o papel de criadores de novas próteses, de mundos antes desconhecidos. Concebem outra realidade. O mundo tornou-se outro depois do telescópio. Ou mesmo da agulha, tão pequenina e gigantesca invenção!

Com o princípio de realidade, o homem se enche de vida. Reger-se pelo princípio de realidade não corresponde à exclusão do prazer. Ao contrário: aponta para a renovação continuada desse prazer, por meio da superação dos desprazeres que nosso vínculo com os objetos possa provocar. A satisfação obtida pelo princípio de realidade permite que o jogo da vida dure um pouco mais. Por meio dele fabulamos novos prazeres, após muito trabalho, cheio de tropeços, tombos e acertos.

A pulsão busca extinguir-se. Mas, se enlaçada por algum objeto, move-nos no sentido de dominá-lo. Ao lutarmos para realizar satisfações pontuais, adiamos sua consecução absoluta. Transformamos a tendência à morte em vida. Como vimos no primeiro capítulo, não há duas pulsões, a de vida e a de morte, mas o conflito de vetores de uma única energia, ora vinculada, ora livre.

A entrega àquilo que nos cativa gera prazer, desde que suportemos o incômodo inicial provocado por nossa ignorância em lidar com as coisas. O desconforto decorre do acúmulo da tensão, e da frustração na sua descarga. No entanto, se insistimos, pouco a pouco, tornamo-nos senhores dos objetos e ampliamos as possibilidades de satisfação. E nos acostumamos, também, com certo grau de frustração, presente em qualquer aventura. Esta é a realidade da vida!

Os dois princípios do funcionamento mental apresentados não são excludentes. Por meio deles, administramos nossa economia energética, construímos trilhas para a satisfação. Nosso aparelho de gozo, todavia, é bastante complexo. A operação desses princípios complica-se quando a vemos sob a perspectiva da linguagem, campo fundamental na constituição de nossa máquina mental. Não se trata, portanto, de simples descarga ou retenção de energia. Mas do modo como essa energia se engata no universo de significantes¹¹⁴ no qual nos

¹¹⁴ Lacan recorre à linguística estrutural de Ferdinand de Saussure (1857-1913) para pensar nossa constituição psíquica. No entanto, inverte o algoritmo saussureano ao privilegiar o significante e não o significado. Dá ênfase, assim, ao processo associativo entre significantes presente no inconsciente, que deixa o significado sempre em aberto. Fenômeno este já descrito por Freud em **A**

desenvolvemos. Eles fazem funcionar nossa usina, por meio da articulação do real, do imaginário e do simbólico, que se impõem ao psiquismo.¹¹⁵

Os interesses e as paixões dos indivíduos se constroem pelas marcas da experiência em seu inconsciente. Tais marcas decorrem de sua relação com os objetos, dentre os quais os objetos falantes ocupam lugar privilegiado. Esse outro tagarela nos proporciona satisfações. Estabelecemos, assim, compromissos com ele. As falas alheias inscrevem-se em nossa mente, instauram valores para atos, comportamentos e para todo universo de objetos. Esses significantes constituem o que Lacan nomeia campo do Outro, o inconsciente.¹¹⁶

O termo Outro enfatiza o caráter interno e ao mesmo tempo externo do inconsciente. Ele se forma a partir da sopa de letras na qual somos cozidos. A energia busca satisfação no deslizamento e na articulação desses significantes. E se o caldo cultural é o mesmo para inúmeros indivíduos, o modo de inscrição das referências externas faz-se de maneira particular em cada um. Daí decorre, em parte, a possibilidade da produção de singularidades. E mais: essa cadeia simbólica visa significar e apreender o real. Mas sempre restará algo enigmático, que demanda sentido. A pressão para a manutenção do acordo com a matriz coletiva recalca a desarmonia, provocada tanto pelas leituras particulares da ordem estabelecida, como pela irrupção do real. A descoberta de Freud enfatiza, no entanto, que o recalco retorna.

Lacan observa que, com a entrada no simbólico, expressada pela inserção no sistema significante, nos afastamos de nós. Somos alienados de nosso mundo particular de sensações, prazeres e desprazeres¹¹⁷. Nessas primeiras marcas está nossa singularidade, nosso *ser*, a trilha pulsional que orientará o impulso em

interpretação dos sonhos (1900). Ver LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente** (1957). In: **Escritos**, pp-498-506.

¹¹⁵ No capítulo anterior abordei o conceito de *real* proposto por Lacan, que será privilegiado nos últimos anos de seu ensino (a partir do final dos anos 60 e, principalmente, nos anos 70). Afirma ele n' **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**: “A estrutura (...) é o próprio real. Não se trata de metáfora”, p.30. O simbólico constitui o campo da cultura, da linguagem, e o imaginário o registro da *gestalt* que o mundo exterior imprime em nossa mente. Em um primeiro momento de seu ensino, Lacan debruça-se sobre o campo do imaginário, quando formula a importância do “estádio de espelho” para a constituição do Eu. Aprofunda a discussão sobre o tema em seu primeiro seminário, de 1953-1954: **Os escritos técnicos de Freud**. A função do aparelho mental visa a articular esses três registros: o real, o imaginário e o simbólico.

¹¹⁶ Coloca Lacan n' **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “O inconsciente é a soma dos efeitos de fala sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”, p.122 (capítulo X).

¹¹⁷ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, aulas XVI e XVII.

direção aos objetos. Tal afastamento as coloca no limbo e impõe a submissão à ordem do outro. No entanto, justamente esse limbo, imemorável mas ativo, modula nossas aventuras.

Dentre os significantes que organizam o agenciamento de nossa energia, Lacan destaca um em especial, nomeado de *significante-mestre*, representado pelo símbolo S_1 . Tal traço primeiro inscreve-se em nossa mente, estabelecendo o primitivo dique ao movimento livre da energia. Ele promove o afastamento da vivência puramente corporal, que caracteriza o homem. Lembro-lhes: nosso corpo é simbólico, o biológico mapeia-se pelo campo dos significantes. Apesar de fundamental na constituição do sujeito, o S_1 resta inacessível. A cadeia de significantes que se forma, representada pelo símbolo S_2 , buscará sempre articular aquele motor primeiro, o S_1 . Os diversos S_2 são colhidos no Outro, para dar sentido aquele enigma primitivo. Assim constitui-se a teia de significantes que nos sustenta, numa associação contínua entre significantes.¹¹⁸ O S_1 instaura uma barra, que permitirá a própria constituição do desejo, caracterizado pela sensação de que algo nos falta. Nossas aventuras giram em torno de aplacar essa sensação.

O homem é animal desamparado de nascença. Inicialmente, precisa de outra pessoa para garantir seus prazeres. Em seu desenvolvimento, ele supera aquele estado inicial do princípio de prazer, em que apenas alucinava sua satisfação. Reconhece que um outro propiciou seu prazer. E passa a atender as exigências desse outro, representante da realidade. Assim faz a passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade. A submissão à realidade ensina que a suspensão temporária da descarga de energia pode conduzir à produção de um gozo a mais.

Freud ressalta, entretanto, o conflito perene entre o prazer e a realidade¹¹⁹. A psicanálise constrói-se a partir da constatação da insistência do princípio do

¹¹⁸ Sobre o tema, afirma Lacan n' **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**: “Trata-se agora de fazer referência às formulações fundamentais, em particular à que define o significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante.(..) Observem que, quando falo do significante, falo de algo opaco. Quando digo que é preciso definir o significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante, isso significa que ninguém saberá nada dele, exceto o outro significante. E o outro significante não tem cabeça, é um significante. O sujeito, aí, é sufocado, apagado, no instante mesmo em que aparece”, p.20-21.

¹¹⁹ Diz Freud em **O mal-estar na civilização**: “O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio de prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo”, cap. II, p. 84.

prazer. Reconhece a prevalência dos processos primários, do inconsciente, na regência do aparelho mental. O que os indivíduos buscam, na verdade, é reviver aquela satisfação primeira do princípio do prazer. Na origem, ela foi alucinada, proporcionada por algum objeto misterioso, eternamente procurado. Apesar de necessária, a passagem do funcionamento do princípio de prazer para o princípio de realidade revela-se sempre precária. Na verdade, a própria noção de realidade apresenta-se precária. Por se mostrar sempre insuficiente, ela apresenta-se tirânica na sua afirmação.¹²⁰ Dessa maneira, a realidade inventada impõe-se como única possibilidade de vida.

A realidade humana é uma ficção.¹²¹ A variedade de culturas existentes evidencia o caráter fictício de qualquer construção simbólica. A antropologia nos ofereceu essa descoberta. A revelação de Freud vai mais além. Ela demonstra que os indivíduos de um mesmo coletivo humano abordam a realidade compartilhada a partir da própria ficção. Eis o que se entende por realidade psíquica.¹²² A realidade coletiva, no que exige a saída do princípio de prazer para o princípio de realidade, oferece caminhos para satisfação mais duradoura e sofisticada. Mas também constrange a todos a repetir as mesmas formas de satisfação. Daí Freud relacionar o processo secundário ao sistema pré-consciente/consciência, e não ao inconsciente. Neste sistema, a energia desliza por representações não autorizadas pela ordem cultural.

Nesse momento, proponho-lhes uma questão: se Freud valoriza o inconsciente e denuncia a violência da ordem cultural sobre os indivíduos, por que classifica a recusa da realidade como uma patologia? Com Freud descobrimos que, na neurose, o indivíduo aparta-se de fragmentos da realidade que lhe impõem desprazer. Na psicose, esse afastamento do mundo mostra-se mais contundente. Em ambos os casos, não se reconhece a inevitabilidade da transformação do prazer em realidade. O reconhecimento dessa inevitabilidade não faz de Freud

¹²⁰ Em seu **Seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.43.

¹²¹ Nas palavras de Lacan: “Em Freud a característica do prazer, como dimensão do que encadeia o homem, encontra-se totalmente no lado do fictício. O fictício, efetivamente, não é, por essência o que é enganador, mas, propriamente falando, o que chamamos de simbólico.” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p. 22.

¹²² Sobre o tema, observa Lacan: “o mundo exterior não perde toda a qualidade, mas, esta, vem-se inscrever, como a teoria dos órgãos sensoriais o mostra, de uma maneira descontínua (...) temos aqui a noção de uma profunda subjetivação do mundo exterior – alguma coisa tria, criva de tal maneira que a realidade só é entrevista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com peças escolhidas da realidade”. In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, pp.62-63.

defensor da adequação dos indivíduos à realidade cultural. Tal interpretação de sua obra mostra-se completamente contrária a sua descoberta. Todo o pensamento de Freud se opõe a isso.¹²³

Eis minha resposta à questão colocada: a psicanálise propõe a busca da construção de meios para que o indivíduo imponha seu prazer, sua fantasia, à realidade. Para isso, aprender a lidar com a realidade existente apresenta-se indispensável. Esse aprendizado permitirá que o indivíduo invente maneiras de transformar o mundo externo, submetendo-o a seus prazeres e criando novas realidades. Assim fazem os *perdidos criadores*. Temos que reconhecer, ainda, que os significantes que constituem nossos desejos foram extraídos da realidade comum, eles instauraram trilhas que ordenaram a pulsão. Neurótico e psicótico simplesmente não se dispõem a realizar nem o investimento nem o trabalho necessários para a submissão da realidade compartilhada a seus desejos. Sobre o tema, afirma Freud em *O mal-estar na civilização*:

A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (Freud, [1930]1996, p.91)

A realidade humana constrói-se pela linguagem. Ambas, realidade e linguagem, são pressionadas pelo real, que está para além da ordem construída. Outro, portanto, tem apenas aparência de completude. Algo mais sempre lhe falta, tal como a cada ser humano em particular. Alguns indivíduos colocam-se a fabular novas realidades, dando concretude às fantasias subjetivas, que animam seus desejos. Produzem, assim, um *mais-de-gozar*, que resulta da renúncia do

¹²³ Recorro a Lacan: “Freud não pensa nem um instante em identificar a adequação à realidade a um bem qualquer. No *Mal-estar na civilização*, diz-nos – seguramente a civilização, a cultura pede demais ao sujeito.” In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.47.

gozo imediato do princípio de prazer, e também ultrapassa o gozo autorizado pela realidade cultural.¹²⁴

Com o termo *mais-de-gozar* Lacan busca denominar a satisfação alcançada por aquele que, cativado pelo enigma instaurado por algum objeto, coloca-se a inventar meios para apreendê-lo.¹²⁵ Lacan propõe esse termo inspirado no conceito de *mais-valia*, *Mehrwert*. Em alemão a associação fica mais evidente, o *mais-de-gozar* seria o *Mehrlust*.¹²⁶ Marx designa *mais valia* o ganho extra auferido pelo capitalista sobre a produção do trabalhador. Este recebe um salário pelas horas trabalhadas, definido pelo mercado. O capitalista colhe da comercialização do produto algo a mais daquilo que paga ao trabalhador.

Já em Freud vemos a analogia entre o inconsciente e o capitalista. É no inconsciente que temos a energia acumulada para a realização de qualquer empreendimento. Nele estão os registros que nos impulsionam ao desejo.¹²⁷ O *mais-de-gozar* resulta da articulação da energia do capitalista com o trabalho do empreendedor, o Eu, que organiza a produção. Para isso, o trabalhador, o Eu, deve se submeter ao capitalista, o inconsciente, que detém os meios de produção. Ao mesmo tempo, o capitalista depende do trabalhador, que sabe realizar o trabalho necessário à confecção do produto.

Ao Eu cabe dar forma adequada à fantasia presente no inconsciente. Ele deve descobrir os meios de afirmá-la na realidade. Assim, consegue libertar-se, de certa maneira, da compulsão de repetir a realidade externa. No texto em que enuncia os dois princípios do funcionamento mental, Freud reconhece na arte meio de reconciliação entre princípio de prazer e princípio de realidade. O artista considera a realidade insatisfatória, não concorda com a renúncia aos desejos exigida por ela. Tal como qualquer um de nós. No entanto, por meio do domínio

¹²⁴ Lacan formula o conceito n' **O seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, e o relaciona às diferentes formas de discurso n' **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**.

¹²⁵ Este objeto é nomeado por Lacan de “objeto *a*”, que causa enigma e coloca o sujeito em movimento desejante constante, pois sempre resta algo a mais a apreender. Tal objeto caracteriza a incompletude característica do homem. No **Seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, afirma: “ é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a* (...) ele permite isolar a função do objeto *a*”, p.19.

¹²⁶ LACAN, J. **O seminário 16** (1968-1960) – **De um Outro ao outro**, p.29;41.

¹²⁷ Freud propõe tal analogia em **A interpretação dos sonhos**, capítulo VII, seção C – A realização dos desejos, p.590. Na **Conferência XIV – Realização de desejo** (1916-1917), ele retoma a ideia, p.227.

de determinada técnica, resultado de sua entrega à ela, o artista produz fantasia que altera a realidade.

Em seu estudo sobre os escritores criativos, Freud retorna ao tema¹²⁸. Associa a criação literária ao desejo. As forças motivadoras das fantasias constituem-se por desejos insatisfeitos. Toda fantasia expressa a realização de um desejo, uma forma de correção da realidade insatisfatória. Freud compara a atividade dos escritores criativos ao brincar da criança e ao fantasiar do adulto. Essa aproximação entre os artistas e o homem comum é proposta pelos próprios escritores, que asseguram que todos nós, no íntimo, somos poetas.

O dever de atuar no mundo, seguindo as regras estabelecidas, obriga o encobrimento das fantasias. Mas se as forças motivadoras dessas fantasias são desejos insatisfeitos, elas continuarão operando, mesmo à revelia de nossa consciência. E pior: adoecemos impedidos de reconhecê-los. Nossa energia esvai-se no conflito entre as fantasias e desejos, que fazem pressão, e os ideais coletivos, que insistimos em defender. Muitos procuram, então, tratamento mental para aliviar o mal-estar. O psicanalista acolhe as ilusões mais inusitadas e surpreendentes, que os ideais insistem em sufocar. Freud arrisca-se na descrição da criação poética pois era bom conhecedor do processo de produção das fantasias.

A realidade de determinada cultura constitui-se de fantasias compartilhadas pelos homens que a compõem. O chamado “mundo objetivo” forma-se a partir de projeções de invenções subjetivas que, por algum acaso, tornaram-se hegemônicas naquele coletivo. Passam, então, a ser repetidas por todos, de modo compulsivo. A realidade, portanto, não é real, mas uma representação. O real permanece sempre ativo, emudecido, no entanto, pela ordem simbólica. Vez por outra acontecimentos provocam o aumento da intensidade de sua força, gerando choques, rupturas. E levando à reinvenção do mundo.

A satisfação atingida com a repetição automática das regras culturais se dá de modo imediato, sem a mediação do trabalho. Observa-se, assim, a curiosa transformação do princípio de realidade na afirmação do princípio de prazer. A invenção de novas formas de satisfação aponta, então, para o *além* do princípio do prazer. Aqui, no entanto, este além aponta para a criação de vida renovada, e não

¹²⁸ FREUD, S. **Escritores criativos e devaneio** (1907-1908).

diretamente para a morte. A energia liberta-se da repetição compulsiva das formações culturais, permitindo a construção de novas realidades, desde que a energia se enlace no trabalho de produção, de invenção de outras fantasias. Essa aventura exige suportar o enfrentamento com o real, com a entropia. E a responder a ele com o ato criador.

A pulsão faz pressão constante. Insiste compulsivamente em direção à morte. Responde-se a esse empuxo de duas maneiras: via repetição automática e inconsciente dos modelos pelos quais nos organizamos; ou com a busca de construção de novos caminhos. A primeira opção oferece satisfação segura, o gozo previsto, ainda que a submissão à mesmice estabelecida gere guerra interna entre desejos e proibições. A outra forma implica o risco de lidar com a pressão constante da pulsão, sem saber de antemão como descarregá-la. Aqui, a repetição da tendência para a morte apresenta-se parteira de novas fantasias. E franqueia o acesso ao *mais-de-gozar*.

O simbólico, a realidade construída por uma cultura, constitui-se de emaranhado de ficções transmitidas e alteradas de geração em geração. Suponhamos que a “realidade” a que se refere o segundo princípio do funcionamento mental corresponda tanto a uma realidade material – um instrumento musical, por exemplo - como à realidade psíquica. Explico-me: damos grande passo ao reconhecer que, para extrair prazer de um violino, teremos que aprender seu modo de operação e nos submeter a processo rígido de treinamento. Ou seja, admito que aquele estímulo provocou-me excitação, colocou-me em perdição e invisto minha energia nele. Ao envolver-me com novo objeto, torno meu sistema mais complexo. Obrigó minha energia, que quer morrer, a complicar-se com a vida. A “luta” com o violino expressa busca de viver aventuras diversas, experimentar a instabilidade e prazeres mais intensos. O violino, no caso, faz parte da realidade constituída na cultura em que vivemos. “Tornar-se violinista” compõe um dos ideais oferecidos por ela.

Aproveito o exemplo do violino para problematizar um pouco mais a noção de realidade. O que é um violino senão produto da fantasia de algum músico ou *luthier* que alucinou a possibilidade de certo som? Vislumbrou a produção de nova sonoridade e procurou meios de produzi-la. Depois de experimentar os instrumentos disponíveis, acabou tomado de desejo por aquele som ainda inexistente, buscou dar-lhe materialidade. Criou novo objeto. Este

novo objeto dará origem a diferentes formas musicais e distintos modos de organização entre os músicos. Engendrará, portanto, outro mundo.

Assim, o que designamos *realidade* corresponde, na verdade, à materialização de alguma fantasia, algum devaneio, certo delírio sofrido por alguém. Excitado por determinado estímulo, colocou-se a transformar suas sensações em produto ordenado. Daí minha proposição de que a criação deriva do desejo intenso por algo, em *perder-se* em algo. Para, então, caso execute trabalho, *achar-se*, construindo nova realidade.

Freud atribuiu ao Eu a tarefa do “teste de realidade”, atividade que visa a conferir se uma representação existente na mente pode ser percebida no mundo externo. “O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é **apenas interno**; o que é real **está também lá fora**”¹²⁹. As palavras acentuadas por mim visam mostrar que a realidade constitui-se pelo compartilhar de uma mesma percepção. Eu diria que se refere ao convencimento da fantasia proposta por alguém a um número maior de pessoas. Copérnico percebeu que a Terra se movia em torno do Sol. Seus contemporâneos duvidaram do que ele via. Só depois de Galileu e Kepler sua percepção foi considerada realidade.

Entrar no regime da *perdição* corresponde à assunção do desejo por algo, e não seu recalque. Exige a coragem de deixar-se perder pelo encantamento. Este é associado muitas vezes a algo ameaçador, pois leva ao desconhecido de modo intenso. Daí sua associação com o diabo. A economia da tentação aponta para a lida com o desconhecido que nos encanta. E exige o trabalho de transformar o que nos seduziu em algo nosso, em nos apropriarmos do estranho, do desconcertante. Transformamo-nos, assim, em deuses, inventores de novas realidades. Ser Deus ou Diabo relaciona-se, assim, ao modo como administramos nossa economia libidinal.

Nomeio *perdição criadora* a situação paradoxal da vivência tanto da liberdade, típica do princípio do prazer, como do vínculo intenso com algum objeto, característico do princípio de realidade. Só criamos algo se nos debruçamos sobre as situações e sobre os objetos. Esta parada não corresponde exatamente a uma fixação, mas a uma morada temporária, resultante de algum

¹²⁹ FREUD, S. (1925). *A negativa*, p.267. Os grifos são meus.

encantamento. Estamos de tal forma seduzidos, siderados por determinado objeto ou ideia, que brincamos com ele de variadas maneiras.

A repetição, o investimento persistente, possibilita a criação. O exercício contínuo, o experimento constante, os ensaios (*repétitions*) perseverantes enlaçam a pulsão à forma particular do objeto. E a entrega intensa, com uma regularidade tal que chega ao limite do tédio, permite que o acaso leve à descoberta de novas trilhas de satisfação, à invenção de diferentes meios de ordenar o real. Aqui, como coloquei no primeiro capítulo, o sadismo transforma-se em masoquismo, em submissão às exigências do objeto. O Eu reconhece suas imperfeições, sua ignorância, sua incompletude. Dessa maneira, o diabólico tem o poder de transmutar-se em divino.

2.4

As travas à perdição

O homem ‘instruído’ é aquele capaz de manejar com elegância a arte de seus reviramentos nos diversos níveis, de preferência sem ficar estúpido nem doido. É arte pura, quer dizer, ciência do Haver.¹³⁰

MD Magno

A compreensão da *perdição criadora* leva-nos à investigação mais aprofundada de um dos destinos da pulsão: o recalque. Freud intitula-o a pedra angular da psicanálise, ou seja, o fundamento sobre o qual ergue seu edifício.¹³¹ O recalque aparece de modo evidente e regular no tratamento, manifesta-se em resistências ao trabalho da análise, à associação livre de idéias. Revela-se em falhas na percepção, tanto de estímulos internos como externos. Trata-se da evitação da lembrança, do contato com algum aspecto penoso, aflitivo da realidade. O recalque é a operação constitutiva do inconsciente. Expressa a clivagem de nosso psiquismo que, regido pelo princípio de prazer, busca afastar-se de tudo que provoque incômodo.

A etimologia latina de recalcar remete ao verbo *calcar*, pisar, andar sobre qualquer coisa, comprimir pisando, apertar. A ação de recalcar subjuga, contém, proíbe a entrada na consciência de idéias incompatíveis com a imagem que a pessoa tem de si e da realidade na qual se constituiu. O Eu censura ativamente aquilo que não condiz com sua unidade. O recalque mostra-se como ato de julgamento: impõe condenação dos representantes pulsionais que provocariam desprazer, caso se tornassem conscientes.

O aspecto intrigante desse processo decorre da constatação de que a pulsão não tem objeto definido. Qualquer via escolhida para seu escoamento apresenta-se-lhe agradável. Como vimos, originalmente a pulsão vincula-se a qualquer coisa. O desprazer revela, portanto, conflito de forças agindo em nós. As forças recalcentes buscam se manter dominantes, desautorizam determinadas satisfações.

¹³⁰ MD Magno. **A pedagogia freudiana**, p. 64.

¹³¹ FREUD, S. **História do movimento psicanalítico** (1914), p.26.

Mas apenas aparentemente o Eu ganha a batalha. Sua vitória é provisória. O recalcado não desaparece. Ao contrário: mantém-se ativo, insiste em vir à tona. E o faz de forma descontrolada.

Ao tentar fugir de um impulso por meio do recalque, o Eu perde a soberania sobre esse impulso, que faz pressão constante e desliza de uma representação a outra, proliferando no escuro.¹³² O recalcado zomba de todas as medidas defensivas e reaparece em derivados. Subitamente, o impulso manifesta-se em atos falhos, ou fazendo acordos com representações menos dolorosas, nos sonhos, nos sintomas e em formações de compromisso. Nessas manifestações, observa-se uma aliança entre proibido e permitido, entre profano e sagrado. Freud as define como *retorno do recalcado*.

O trabalho da análise visa a aproveitar esse retorno e transformá-lo em material consciente. Ao aceitá-lo, aprendemos a lidar com ele. Assim, nos damos conta da argila na qual nos constituímos. Não somos meramente petrificados por ela, mantendo-nos reféns das formações inconscientes. Por meio da análise, colocamos as cartas na mesa, para saber *como* queremos jogar. As forças recalcentes lutam para eliminar certas cartas de nosso baralho. Só que elas escorregam pelas mangas da camisa, pelos bolsos, pelas pernas das calças. Não adianta esconder, o recalcado se mostra. Mas só o vê quem se dispuser a fazê-lo.

Freud constata que o recalque observado em sua clínica era uma operação secundária, presente apenas após a cisão do psiquismo em inconsciente e consciente. Nomeou-o, portanto, de *recalque secundário*, ou *recalque propriamente dito*. Tal operação pressupõe a existência de uma força que atrai em certa direção e outra que proíbe aquela satisfação. No entanto, impõe-se a pergunta: se nossa energia quer fluir livremente, como constitui-se aquela primeira força que opera como atrator? Diante desta questão, Freud formula o conceito de recalque primevo ou originário. Este primeiro nível de recalque compreende as *fixações* da libido. Fixação, aqui, refere-se a fenômeno complexo que inclui tanto o aprisionamento da energia mental em certos modos de satisfação, relacionado com determinadas zonas corporais, como o aprisionamento

¹³²“ O recalcado é agora, por assim dizer, um fora-da-lei; fica excluído da grande organização do ego e está sujeito somente às leis que regem o domínio do inconsciente”. FREUD, S. **Inibições, sintomas e angústia** (1926), p.150.

em certos objetos.¹³³ Essa configuração primeira é atrator do recalque secundário. Um impulso insiste em satisfazer-se, e o Eu recusa sua descarga, tanto da pulsão fixada como de seus derivados, ou seja, qualquer coisa que possa associar-se aos representantes psíquicos daquela pulsão.

Imaginemos a seguinte situação: uma criança dedica-se intensamente à atividade sádica com animais. Experimenta grande prazer em impor-lhes sofrimento e levá-los à morte. Depois que se desenvolve, as imposições morais da educação exigem que ela abandone essa satisfação, fazem uma “pressão posterior” àquela tendência. Se aquela marca primeira operar de modo intenso, insistirá para retornar, configurando a terceira fase do mecanismo recalcante, o *retorno do recalcado*. Nesse momento ocorrem os problemas. Instaure-se o conflito entre o agente repressor e o ponto de fixação. A necessidade de um recalque anterior ao recalque secundário decorre de nossa situação originária: não temos objeto determinado, apenas indiferença. E amplas possibilidades de vincular a energia a qualquer coisa.

O psicanalista MD Magno traz importante contribuição para a compreensão do mecanismo do recalque. Dedica ao tema todo seu seminário de 1992, nomeado *Pedagogia freudiana*¹³⁴. Magno identifica três níveis do recalque, e não apenas dois. Define-o, de modo genérico, como operação que impõe obstáculos ao fluxo da pulsão. Ele subdivide aquilo que Freud chamou de recalque primevo em duas operações distintas: o recalque originário e o recalque primário. A partir deles, instaura-se o recalque secundário.

Magno parte do conceito de pulsão de morte, que traduz por “Haver desejo de não-Haver”, ALEI primeira de nosso aparelho mental.¹³⁵ Escreve-se “ALEI” pois, apesar de se estabelecer como regra que antecede toda e qualquer lei, ela não prescreve conteúdo algum. É neutra. O recalque originário apresenta-se como obstáculo ao fluxo da pulsão em direção ao inorgânico. Simplesmente expressa o

¹³³ FREUD, S. **O recalque** [A repressão] (1915), p.153. Freud abordou o tema da fixação já **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, de 1905, e também em 1911, no texto **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)**, que ficou conhecido como *O caso Schreber* (Cap. III – *Sobre o mecanismo da paranóia*, p.67 e seguintes).

¹³⁴ Esse seminário foi publicado no ano seguinte pela Imago. Para um resumo sobre a tópica do recalque proposta por Magno, ver SANTOS, Giselda *et alli*. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**. Rio de Janeiro: Novamente Ed., 1999.

¹³⁵ ALEI também pode ser escrita A→Ã ou ainda A◊Ã. Consultar MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana** (1993), p.11.

paradoxo de nossa existência: o impulso em relação à morte e o eterno adiamento de sua consecução. Trata-se da contínua transformação da pulsão de morte em pulsão de vida. A impossibilidade de atingir o não-Haver nos impele a retornar ao Haver. Magno busca circunscrever, assim, o que Freud propôs como característico de nossa espécie: o caráter filogenético do recalque primevo.

Antes de Magno, Lacan já havia afirmado que o instinto de morte é a lei além de toda lei. Um “ponto de fuga de toda realidade possível de atingir”¹³⁶. Lacan assevera: o desejo é “desejo de impossível”; ele instaura a situação paradoxal de algo que se realiza quando acaba, quando desaparece. Mesmo que esse impossível seja o primeiro objeto, o *das Ding*, ele também não há. O recalque originário corresponde à impossibilidade absoluta de querer a extinção do desejo, a paz. Observamos que, desde o momento que passamos a existir, não morremos de imediato. Não conseguimos instantaneamente atingir a descarga absoluta da energia que portamos. Havemos, mas queremos não-Haver. E mesmo quando morremos, sequer temos consciência dessa morte para podermos usufruir o prazer da paz. Simplesmente apagamos. Esse desejo originário, o Nirvana, apresenta-se como impossível. Aquele objeto que nos completaria e ofereceria satisfação completa e perene não-Há.

Magno faz uma dedução lógica a partir da proposição de Freud da pulsão de morte:

...se Haver quer não-Haver, está pedindo o impossível, já que o não-Haver, como seu nome está dizendo, simplesmente não há, mas enquanto o deseja, enquanto pedinte ou aquele que demanda algo, o Haver requer de qualquer maneira esse impossível. (...) O importante no esquema que apresento é que o movimento libidinal não demanda senão seu próprio desaparecimento. Em linguagem vulgar, ele pede a própria morte. (Magno, 2004, p.84-85)

Os outros animais não experimentam o recalque originário. Eles trazem em seu código genético prescrições bem delimitadas que determinam o escoamento de sua energia. Estão submetidos ao recalque primário que, para Magno, inclui as resistências ao movimento da energia imposto por formações espontâneas do Haver. Magno chama de *formações espontâneas* ou *artifícios espontâneos* tudo o que comumente denomina-se de natureza. Em nós, incluem nossos limites corporais e características físicas, como o sexo, a altura, a cor da pele, dos olhos

¹³⁶ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.31.

etc. E também certas determinações etológicas que orientam o comportamento da espécie¹³⁷. Elas impõem travas ao movimento pulsional. Da mesma forma, a força da gravidade, as condições climáticas e geográficas estabelecem condições particulares para a descarga da pulsão. Não podemos voar por não termos asas. Mas também porque nossa massa corporal, atraída pela força da gravidade, assume peso que impede a flutuação no ar. Na lua isso não acontece. O recalque primário, portanto, instaura impossibilidades.

No entanto, se vivemos assujeitados ao recalque primário, tal como os outros animais, a existência do recalque originário nos permite promover a suspensão até das determinações naturais. Ou seja, o homem tem a potência de superar imposições inscritas em seu aparato biológico. Afinal, nossa mente deseja sempre o que não há, o impossível.

Magno observa a existência de diferentes níveis de impossibilidade. Passar para o não-Haver, experimentar o paraíso da paz, não conseguiremos jamais. Trata-se do *impossível absoluto*. No entanto, hoje passamos horas debaixo da água como um peixe. Isso, durante muito tempo, caracterizou impossibilidade provocada pelos limites corporais, o *primário*. Tratava-se de uma *impossibilidade modal*. Ela impõe-se pela maneira como abordamos o primário. Do saber que produzimos a partir dele e sobre ele e do investimento que realizamos para alterá-lo. Nossa capacidade de criar próteses – *formações artificiais* ou *artifícios industriais* – que alteram a natureza, permite transpor o impossível modal. Em certos casos leva muito tempo, séculos, milênios até, para conseguirmos essa ultrapassagem. Mas em algum momento, acontecerá. O homem é animal misterioso, que opera milagres.

A cultura em que vivemos caracteriza-se por grande velocidade na transposição das impossibilidades modais. O que há algumas décadas era delírio de autores de ficção científica, como falar e ver alguém localizado a milhares de quilômetros de distância, faz parte de nosso cotidiano. Quanto tempo levará para habitarmos outros planetas? Ou para produzirmos novos órgãos ou membros a partir de nossa própria carne, tal como as minhocas?

As próteses constituem o que Magno chama de *recalque secundário*. Correspondem a tudo o que o homem criou para lidar com as afetações do

¹³⁷ A etologia constitui campo de estudos sobre o comportamento dos animais, identificando os modelos inatos que orientam a manifestação do instinto.

primário, sob a pressão do recalque originário, vivido como a defrontação com o impossível absoluto: o alcance do paraíso da paz. Originariamente, queremos apenas não-Haver, o inconsciente é “puro ser que não tem qualquer acesso à determinação”¹³⁸. O simbólico, a linguagem, a tecnologia compõem o secundário. Por não estarem pressionados pelo originário, os outros animais não produzem secundário. São determinados pela natureza. Nós experimentamos, além das determinações primárias, sobredeterminações secundárias.¹³⁹ A orientação da pulsão se dá por uma multiplicidade de elementos inconscientes, que se interligam e se sobrepõem. O recalque secundário constrói-se sobre o primário, imita-o. Apresenta-se, no entanto, como formação mais leve, passível de ser transformada com maior facilidade.

Os primeiros grupos humanos imaginavam que descendiam de certos animais ou plantas. Criaram vestimentas, rituais, hábitos que se referiam às características de seus totens. O simbólico instaura leis, interdições, que são metáforas do recalque primário. Constituem o que Magno chama de “reino do *faz-de-conta*”¹⁴⁰, pois inventam proibições artificiais, que organizam a pulsão e ordenam os grupos humanos. Nessa operação se dá a passagem da natureza à cultura.

Contudo, a história humana mostra como o caminho inverso fundamenta a vida coletiva: transforma-se a cultura em natureza. O etnocentrismo, o fanatismo, a intolerância com o diferente expressam a naturalização do artificial. Proibições simbólicas inscrevem-se de tal forma nas pessoas que acabam convertidas em impossibilidades. Eis o *recalque propriamente dito*, tão notado por Freud em sua clínica. O neurótico sofre por viver às turras com as imposições do recalque secundário e primário. Toma o proibido como impossível. E alimenta-se do lamento eterno de sua condição. Não reconhece nessas travas apenas referências necessárias à sua ordenação. Elas podem ser suspendidas, desde que se trabalhe para afirmar o desejo proscrito.

¹³⁸ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.124.

¹³⁹ Freud afirma que a pulsão sempre é sobredeterminada. O conceito de *sobredeterminação* foi introduzido por Freud em **Estudos sobre histeria** (1895), p.319,346,347, e destacado também em **A etiologia da histeria** (1896), p.243-244, e em **A interpretação dos sonhos** (1900), p.606. Magno reconhece as determinações e as sobredeterminações, e aponta também para a hiperdeterminação do desejo querer não-Haver, da pulsão dirigir-se para a morte. MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana**, p.11-19.

¹⁴⁰ MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana**, p.44-45.

Magno inclui entre as sobredeterminações tanto as referências simbólicas como os primeiros trilhamentos da pulsão, que marcaram nosso corpo antes mesmo de entrarmos no mundo da linguagem. Esses traços de memória primitivos também organizam os caminhos de nossa energia. Compõem o recalque primário. Correspondem a registros de prazer e desprazer inscritos em nossa carne, que pressionam para a descarga em certa direção. Essas marcas constituem o registro estético singular de cada pessoa.

Essas primeiras fixações já constituem forças que ordenam o psiquismo. Recalam o caos originário, no qual a pulsão está disponível a vincular-se e a esvair-se de modo aleatório. A este momento primevo Magno dá nome de *hiperdeterminação*. Ela “é a causação do movimento de suspensão, de neutralização, de fazer surgir o vazio [...] neutraliza as fronteiras para o advento de algum acontecimento, para a indiscernibilidade que cerca todas as situações, para o caos que está prometido em todos os movimentos”.¹⁴¹

A hiperdeterminação caracteriza a determinação no nível do recalque originário, em que as forças estão na luta entre Haver e não-Haver. Entre vida e morte. Nesse lugar, os outros níveis de determinação entram em suspensão, perdem a importância. Ficamos indiferentes a eles. Só aí poderíamos dizer que somos um pouco mais livres. Mas, como a energia fica liberada das trilhas costumeiras de escoamento, experimentamos intensa angústia. A liberdade, clamada por tantos, em nada corresponde a conforto. Magno destaca que, na hiperdeterminação, vivenciamos estado de exasperação.

Em muitas situações de grande perigo nos libertamos de imposições que nos aprisionavam, de recalques tanto no nível secundário como primário. Em períodos de guerra, por exemplo, as pessoas são impelidas a fazer coisas que antes consideravam impossíveis. Realizam atos taxados de imorais, nojentos, asquerosos. Também descobrem, muitas vezes, coragem, valentia e criatividade que nunca haviam imaginado possuir. Diante da hiperdeterminação, suspendem impossibilidades modais e proibições morais. E inventam novas formas de viver. É bem verdade que, quando aquela situação traumática passa, grande parte das pessoas acomoda-se de novo às trilhas estabelecidas pelos recalques primários e secundários. Esquece a potência experimentada com a ruptura do automatismo na

¹⁴¹ MAGNO, MD. *Pedagogia freudiana*, p.11.

submissão aos modelos. Em situações traumáticas, portanto, rememoramos o recalque originário.

Para Lacan, o recalque originário corresponde à entrada na linguagem. O significante afasta-nos do nosso ser primeiro, indeterminado. A partir da inscrição da letra, o homem torna-se dividido, alienado ao Outro, ao inconsciente, onde se situa a cadeia dos significantes.¹⁴² Nos primeiros anos de seu ensino, Lacan enfatizou de tal forma a importância do simbólico que a dimensão caótica da pulsão ficou no limbo. Ressaltou a importância de bem-dizer as formações inconscientes que nos organizam. No entanto, sempre destacou a *falta* como característica da mente humana. Progressivamente, Lacan deu mais importância ao real, *aquilo que não para de não se escrever*¹⁴³. O real se revela na hiância da linguagem.

No exercício da decifração do inconsciente, descobrimos os desejos inscritos em nossa mente a partir da história de cada um. No entanto, tal como o sujeito é barrado pelo significante, o Outro também é barrado, algo lhe falta. O homem fabrica-se na linguagem, mas o faz a partir da *alíngua* de sua condição originária.¹⁴⁴ Tanto Freud como Lacan reconhecem na pulsão sem destino, que tende para a morte, a característica mais primitiva e fundamental da nossa espécie.

Para explicar o recalque originário – que opera o reviramento da pulsão de morte em pulsão de vida – Magno busca descobrir alguma propriedade orgânica de nossa espécie. Tal característica permite a reversão do vetor da energia, que tende para o não-Haver. Magno supõe, então, que nossa mente esteja aparelhada com o *revirão*¹⁴⁵, grande espelho capaz de refletir qualquer coisa que se lhe apresente. Esse aparelho tem a capacidade de *revirar* pelo avesso tudo que encontra. A hipótese do *revirão* ganha força com a descoberta recente da neurociência sobre a mente humana: os neurônios-espelho. Eles são responsáveis

¹⁴² LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, aula XVI, p. 93-204.

¹⁴³ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.81.

¹⁴⁴ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.61;p.188.

¹⁴⁵ O termo *revirão* foi cunhado inspirado no neologismo *riverrun* proposto por James Joyce em **Finnegans Wake** (1939): “esse rio que corre, que faz um revirão sobre si mesmo e que acomoda as oposições numa continuidade que nem por ser continuidade permite que haja conjugação”.*Apud* Magno, **Est’Ética da Psicanálise**, p.233.

pela aprendizagem de diversas atividades, entre elas a aquisição da linguagem. Tal aprendizado ocorre por meio da imitação de ações observadas.¹⁴⁶

Magno representa o revirão graficamente pela figura do “oito-interior” da topologia¹⁴⁷, derivado da banda de Moebius. Segue os passos de Lacan, que também buscou na matemática, na teoria dos conjuntos e na topologia referências para pensar nosso funcionamento mental¹⁴⁸. A banda ou cinta de Moebius, chamada de contrabanda por Lacan, consiste numa superfície com apenas um lado, ou seja, unilátera e contínua, produzida pela colagem torcida de suas extremidades.

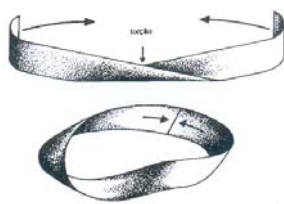
Para melhor compreender a contrabanda, pensemos em um cinto azul cujo avesso tem cor verde. Se o afivelamos de modo usual, ele apresenta-se como uma superfície bilátera, com dois lados separados, o de dentro e o de fora, o avesso e o direito, o azul e o verde. Para estabelecer alguma comunicação entre os dois lados, precisamos fazer um furo, promover uma ruptura. Mas se realizamos uma torção de 180 graus ao fechá-lo, misturamos o avesso com o direito. Ao segurarmos o cinto em determinado ponto, parece-nos que ele tem dois lados opostos. Contudo, se o percorremos com o dedo, não conseguiremos achar o *outro* lado. O cinto virou uma superfície unilátera e contínua. O azul vira verde em determinado ponto, depois vira azul, retorna ao verde, e logo azul, em seguida verde, e de novo

¹⁴⁶ Ver ALONSO, Aristides. *Os neurônios-espelho e a mente-espelho da nova psicanálise*. In: MD MAGNO. **Amazonas. A psicanálise de A a Z**. pp.145-189. Neste artigo, Alonso apresenta as características dos neurônios-espelho, descobertos pelos cientistas Giacomo Rizzolatti (1937-), Vittorio Gallese (1959-), Luciano Fadiga (1961-) e Leonardo Fogassi (1958-), da Universidade de Parma, na Itália. O autor relaciona os neurônios-espelho com os estudos que levaram Lacan a formular o “estádio de espelho”, bem como com a hipótese do *revirão* de MD Magno. Alonso ainda destaca a importância dessa descoberta para o campo de estudos sobre o autismo e a aquisição da linguagem. Para o cientista Vilayanur S. Ramachandran (1951-), da Universidade da Califórnia, nos EUA, “os neurônios-espelho farão pela psicologia o que o DNA fez pela biologia: um sistema de referências unificador capaz de explicar o funcionamento de nossa mente”. In: ALONSO, Aristides. *Op.cit.*.p. 147.

¹⁴⁷ “Topologia – de *topos* e *logos*: discurso a respeito dos lugares ou lógica dos lugares;(…)que não tem a regragem dura, quantitativa, existente no caso da geometria euclidiana”. In: MAGNO, Md. **A psicanálise. Novamente**. p.58. A geometria euclidiana trabalha com superfícies com duas faces, dois lados, ou seja, biláteras. A topologia pensa objetos que não dividem o espaço em duas porções, como por exemplo, o dentro e o fora. Ela aborda as superfícies elásticas e trata os objetos a partir das relações que eles mantêm entre si. Ver também MAGNO, Md. **O pato lógico**. pp.24-48 e, do mesmo autor, **A música**, pp.208-220.

¹⁴⁸ N’**O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos de psicanálise**, Lacan já traz a imagem do oito-interior como representação da topologia do sujeito(p.148), que será aprofundada em outros seminários, principalmente nos seus últimos anos de ensino, **RSI** (22), **O momento de concluir** (25) e **A topologia do tempo** (26), ainda inéditos. Aqui, tomarei como referência a construção proposta por MD Magno.

azul, verde, azul, verde, e mais uma vez azuletc. A imagem da contrabanda assemelha-se ao símbolo do infinito, ou um “oito-exterior”.



A cinta de Möebius ou contrabanda



oito exterior

oito interior



Assim opera o psiquismo humano em sua plenitude originária: “a estrutura de última instância de nosso psiquismo é uma contrabanda”.¹⁴⁹ O inconsciente acolhe tudo, nele não existe negação. Primitivamente, a pulsão pode seguir qualquer trilha, vincular-se a qualquer objeto. Ela é indiferente às qualidades, corresponde à pura quantidade. E justamente por não ter qualquer trava, a pulsão também pode simplesmente descarregar-se de vez, o que corresponderia à morte.

Revivemos esse ponto limite quando suspendemos os recalques secundários e, de certa maneira, os primários. Ficamos indiferentes a essas marcações. E nossa energia, liberada das formações inconscientes que nos oprimiam, tende à descarga de qualquer maneira. Estamos no limite entre vida e morte; os sentidos que ordenavam nosso envolvimento com o Haver mostraram-se puro *faz-de-conta*. Se suportamos a exasperação desse *não lugar*, desse *fora do mundo encarnado* definido por Magno de hiperdeterminação, retornamos ao Haver com maior plasticidade para lidar com ele. Podemos escolher o lado verde ou azul do cinto, o direito ou o avesso. Tanto faz. Nossas preferências serão determinadas pelas contingências de cada situação.

¹⁴⁹ MAGNO. Md. **Psicanálise. Novamente**, p. 69.

Ao vivenciarmos a hiperdeterminação, rememoramos o recalque originário característico de nossa espécie. Magno também chama esse *não lugar* de *Cais Absoluto*, inspirado no poema *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa. Nossa loucura ou *perdição originária* apresenta-se aí.

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.¹⁵⁰

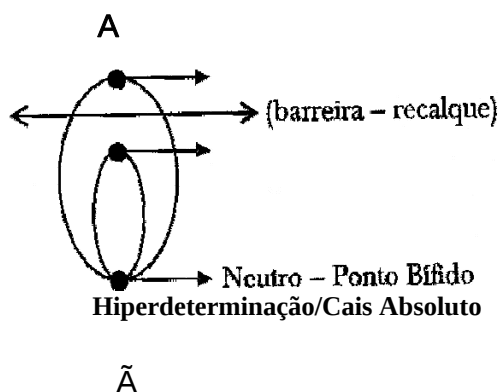
O *Cais Absoluto* é imaterial, indeterminado. Mantém-se encoberto. Os recalques primário e secundário buscam transformá-lo em substância. O Eu corresponde a um cais de pedra do qual partimos para nossas aventuras diárias. Nos fixamos nele; o defendemos de qualquer ameaça que aponte para sua desconstrução. Mas ele é puro emaranhado de miragens concretas que nos afastam do *Cais Absoluto*. O Eu trava o acesso à *perdição originária*. Ela, que permitiria a passagem a mundos diversos. O temor da angústia, resultante da pulsão sem amarras, nos mantém ancorados nas margens dos continentes seguros das formações culturais e dos limites dados ao corpo.

Freud também reconhece no ponto de suspensão das formações que nos organizaram nossa estrutura originária. Em seu único estudo de caso sobre a psicose, a análise do livro de memórias do juiz Daniel Paul Schreber, Freud afirma: “quando Fausto se libertou do mundo pela enunciação de suas maldições, o resultado não foi uma paranóia ou qualquer outra neurose, mas simplesmente uma exata estrutura geral da mente”.¹⁵¹ Da mesma maneira, Lacan vê na loucura a revelação de nossa condição primeira. O psicótico denuncia a falha no Outro e testemunha o real, aquilo que resiste à simbolização. Mas se perde de todo, e vive o que designo *perdição destrutiva*.

¹⁵⁰ PESSOA, Fernando. Fragmento do poema *Ode marítima*. In: _____. *Obra Poética*.

¹⁵¹ FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. *O caso Schreber* (1911), p.79.

Na imagem do oito-interior, a contrabanda dobra-se sobre ela mesma. Apesar de continuar como superfície unilátera e contínua, sua representação remete a duas superfícies, que se tocam em um ponto. Magno o toma como representação da máquina lógica que metaforiza os movimentos do psiquismo humano. Essa imagem facilita o entendimento de que desejamos não-Haver ($\tilde{A}$), mas, como ele se apresenta impossível, somos impelidos a Haver (A). Só que, quando voltamos, quando caímos desse lugar terceiro da hiperdeterminação, da exasperação, não mais vivemos o *tanto faz* originário. Somos obrigados a optar entre as possibilidades já oferecidas, já dadas, para vincular nossa pulsão. Essas possibilidades são definidas pelos outros níveis de recalque, ou seja, o primário e o secundário.



Quando nascemos, experimentamos a angústia da inexistência de trilhas determinadas para o escoamento da pulsão. Isso corresponde à loucura. Vivemos apenas a exasperação de estar entre Haver e não-Haver. O homem, portanto, é antes de tudo um animal louco. A racionalidade por ele desenvolvida, e considerada sua característica fundamental, constitui-se como uma resposta a seu caos originário. Não nascemos racionais. E é esse fundamento de loucura que nos faz agarrar com tanta tenacidade a racionalidade na qual nos formamos.

Progressivamente, a experiência do Haver marca nosso corpo, nosso primário. E estabelece caminhos, fixações. Define o que é positivo e negativo a partir do prazer/desprazer. O secundário também impele a satisfações em determinada direção, recalcando as outras possibilidades. Assim, aos poucos constituímos um Ser. As impossibilidades e proibições instauradas pelos recalques primários e secundários travam a disponibilidade radical experimentada

inicialmente. Impedem que o revirão opere em sua plenitude. Aprisionados num Ser, e na segurança que ele oferece, recalamos a infinitude do Haver.

Voltemos ao exemplo do cinto: no ponto de torção em que avesso torna-se direito, o azul vira verde, há uma indiferenciação, uma neutralização entre os dois lados. Justo neste ponto percebemos o *revirão* entrar em funcionamento pleno. Fora dele, vemos oposições: o verde e o azul, o sim e o não, o autorizado e o proibido.

A forma que lhes apresentei, como Revirão, e que é chamada oito-interior em topologia, desenha justamente o percurso que qualquer ponto faz sobre a continuidade dessa superfície de um lado só. Num certo momento, então, sobre essa face, sobre essa superfície, estou num ponto, percorro e volto para o lado que eu pensaria ser o oposto porque há uma materialidade no meio: penso que há uma *oposição* entre duas faces. (Magno, 1989,p.235)

O *revirão*, como vimos anteriormente, apresenta-se como um espelho que exige simetria de tudo que se lhe apresente. Simetria, em sentido estrito, quer dizer avesso. Só por derivação a palavra remete à semelhança. Se nos colocamos diante de um espelho, ele não oferece nossa imagem de modo idêntico. Ela aparece invertida. A mão esquerda vira direita; tudo fica ao contrário. Mas a semelhança também se apresenta, pois a imagem remete sempre ao mesmo lado. Não há outro lado como a ilusão especular induz. Só Alice supõe em seu sonho que existe o lado de lá.¹⁵² E todos aqueles que acreditam em vida após a morte também. Supõem que exista o não-Haver, o paraíso.

O avesso é o oposto, mas também é o mesmo, dependendo da maneira como o abordamos. Freud demonstra, na análise etimológica da palavra “estranho”¹⁵³, como o contínuo deslizamento das suas significações acaba por remetê-la à palavra “familiar”, corriqueiramente tomada como seu oposto. Quando rememoramos o estado originário, da hiperdeterminação, as oposições se suspendem. Um exemplo cotidiano também nos ajuda a compreender essa situação. O Flamengo se opõe ao Vasco. Torcedores se matam pela fé que depositam em seu time. O pertencimento àquele grupo constitui sua identidade, seu Ser, que sustentam como fonte de prazer e poder. Mas também de sofrimento.

¹⁵² CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho** (1871).

¹⁵³ FREUD, S. **O estranho** (1919).

Para quem não está aprisionado a essas diferenças, Flamengo, Vasco, Fluminense, Corinthians são grupos organizados em torno da arte do futebol. Se o *revirão* entra em funcionamento, espelha qualquer coisa, disponibiliza-se para avessar tudo. No entanto, isso seria a loucura total. Seria angustiante demais. Daí a necessidade de recalcar o *revirão*.

Freud e Lacan também recorreram ao espelho em busca da descrição do funcionamento de nossa mente. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud compara o aparelho psíquico a uma máquina fotográfica, constituída a partir de um jogo de espelhos que continuamente registra imagens. Já Lacan define o momento de constituição do Eu a partir do espelhamento do semelhante. Ele nomeou-o de “estádio de espelho”.¹⁵⁴ Aqui, a imagem do corpo do outro, com quem a criança se identifica, dá uma primeira forma ao Eu, estabelecendo a diferença entre ele e tudo aquilo que é não-Eu. Assim, mesmo antes de assumirmos o domínio motor sobre o próprio corpo, construímos uma imagem total dele. O domínio imaginário, portanto, antecipa-se ao domínio real que temos sobre nós mesmos em nossas ações sobre o mundo. O Eu se constitui sobre o fundamento da relação imaginária, projetada em um outro. Implica uma alienação de si e em idealização desse outro em que se espelha. Essa experiência estrutura toda a vida. Lacan, dessa maneira, ressalta a dimensão do imaginário.

Ao colocar o espelho como nossa estrutura primeira, Magno destaca a capacidade contínua de espelhar, de exigir o avesso. Privilegia, portanto, a função reflexiva da mente humana e não exatamente a imagem. No que demanda a simetria perenemente, a mente vai se deparar com a quebra da imagem estabelecida, nomeada por Magno de “quebra de simetria”. Parece-me que Magno e Lacan descrevem aspectos distintos de nossa experiência, embora ambos estejam presentes.

Pensemos na seguinte situação: a imagem do casamento direciona as aventuras pulsionais de muitas pessoas. Ao se aproximarem dessa imagem, por que não brincar com a idéia de que “entramos no espelho”? Bem, se entramos no

¹⁵⁴ LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949). Lacan observa que a *imagos* compõem o primeiro dos referenciais extragenéticos importantes pra a organização do homem. A partir delas, toda a trama simbólica – o universo da linguagem – se constitui. O tema é desenvolvido também em *A agressividade em psicanálise* (1948); *O seminário 1* (1953-1954) – **Os escritos técnicos de Freud** (especialmente a segunda parte, dedicada à *Tópica do Imaginário*); *O seminário 2* (1954-1955) – **O eu na teoria de Freud e na psicanálise**, entre outros.

espelho, percebemos que não era bem aquilo que a imagem havia prometido. Afinal, a pulsão sempre demanda novos caminhos, a mente espelha-se com outros objetos, busca novas aventuras. Deparamo-nos, então, com o “estalo do espelho”¹⁵⁵, com a quebra de simetria, proposta por Magno. Isso exigirá criatividade para inventarmos novas possibilidades de Haver. É por conta da quebra de simetria que há vida, que há invenção. As formações são fixações da pulsão, que quer se esvair.

As significações do verbo “revirar” ajudam-nos a entender melhor o processo que Magno quer descrever. Designa a ação de virar novamente, muitas vezes; virar pelo avesso; revolver; mexer, agitar o conteúdo de algo, promovendo a desordem, retirando as coisas dos lugares; alterar, modificar, mudar; fazer voltar em direção oposta à que se seguia. E ainda: entrar em confronto com, rebelar-se.¹⁵⁶ O *revirão* de nossa espécie entra em funcionamento quando nos deparamos com a impossibilidade do outro lado e retornamos ao Haver, inventando novas possibilidades do lado de cá. A sustentação da imagem aponta para a paralisação do processo contínuo do reviramento.

Parece que a máquina da nossa mente funciona sem parar e indefectivelmente, embora às vezes sob trava, segundo um princípio de polaridade entre opostos. Pode-se excluir um dos opostos, dizer que é o lado do pecado e do proibido, mas pensa-se nele. Tanto é que se inventou o pecado e o proibido. (...) Parece, então, que há um princípio de funcionamento na mente humana e em todo o Haver que (...) regula-se em polaridade opositiva, como se no meio houvesse um espelho. (Magno, 2004, p.30)

Tanto o recalque primário como o secundário direcionam os modos de escoamento de nossa energia. Estabelecem sobredeterminações que enlaçam nossos desejos. Elas nos afastam do desejo primeiro de morrer, ao qual estamos hiperdeterminados. Rememorar o momento primeiro, do recalque originário, representa deparar-se com a potência de vincularmo-nos com qualquer coisa. Não se trata de ir em busca da *Coisa perdida*, como propõe Lacan, inspirado no *Das Ding* freudiano, o primeiro objeto que queremos reencontrar para repetir a grande

¹⁵⁵ ALONSO, Aristides. *Os neurônios-espelho e a mente-espelho da nova psicanálise*. In: MD MAGNO. *Amazonas. A psicanálise de A a Z*, pp.176-179. E também SANTOS, Giselda *et alli*. **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**.

¹⁵⁶ **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.

satisfação que ele nos proporcionou. Trata-se, sim, de reconhecer que não há coisa alguma que satisfaça a pulsão de modo absoluto.

Magno destaca que o homem não se caracteriza pela falta de *Um* objeto que o complete, mas pelo excesso de possibilidades para vincular a pulsão. A hiperdeterminação corresponde ao *cais absoluto*, à neutralização diante de qualquer caminho proposto para a pulsão, quando não há mais a obrigação de seguir nas direções antes determinadas. A esse estado chamo de *perdição originária*. Diante dela, para não morrer, pode-se investir com intensidade na trilha que se apresentar, com a disposição de colocar em suspensão qualquer determinação que impeça aquela via de satisfação. Mas isso é apenas uma possibilidade.

Todo discurso articulado de modo um pouco mais livre das determinações secundárias e primárias apresenta algo de delirante para seus contemporâneos. Transgride a lei coletiva. Por isso proponho a idéia de que aqueles que assim agem parecem “perdidos”. A cantilena do discurso estabelecido muitas vezes trabalha para destruí-los. Imagine a terra não ser o centro do mundo?! O homem vir do macaco?! Pintar sem figura?! Escrever poesia sem métrica?! Chegar à lua?! Gerar filho fora do corpo da mulher?! Produzir vida em laboratório?! Essas, e tantas outras invenções, engendram a cultura. Porém, só se tornam parte da realidade pela intensidade do investimento libidinal que os indivíduos aplicaram no seu desejo. Esse encantamento pelo desejo nomeio *perdição*. Tais pessoas transformaram o impossível em possível. Nesse processo, é bem verdade, recolheram da realidade já instituída aquilo que poderia contribuir para tornar seu próprio delírio realidade. No entanto, reviraram o dado. Serviram-se dele para criar algo diverso.

A *perdição criadora* implica, portanto, o exercício de suspensão dos recalques e a aproximação da situação caótica originária. Ela nos deixa indiferentes aos diversos níveis de determinação. No entanto, corresponde a perder-se no ilimitado, a retornar ao originário. A angústia decorrente disso provoca o afastamento compulsivo desse estado primeiro e a consequente sustentação dos recalques. Mesmo que eles provoquem sofrimento. Pensar a dinâmica entre os sistemas mentais nos permitirá avançar um pouco mais.

1.5

Os sistemas mentais

Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística. É uma porta aberta....

O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente.

O inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua.¹⁵⁷

Jacques Lacan

A complexidade de qualquer fenômeno exige a abordagem sob múltiplas perspectivas. Freud definiu três perspectivas para a análise metapsicológica: a econômica, que aborda a intensidade dos investimentos pulsionais; a dinâmica, que observa o conflito entre forças; e a tópica, que identifica o modo de relação entre os sistemas mentais. A análise leva em conta essas três perspectivas, sempre presentes. O limite da linguagem verbal, no entanto, impõe a apresentação linear. E tudo está tão interligado que, na maioria das vezes, é difícil eleger o ponto inicial para a investigação. As repetições também se tornam inevitáveis.

Conduzi nossa reflexão até aqui pelas trilhas da pulsão e da economia libidinal. Nesse percurso, incluí referências aos sistemas psíquicos que se organizam a partir do movimento pulsional. E que, veremos melhor neste capítulo, acabam por orientá-lo. Abordaremos agora as perspectivas dinâmica e tópica de nossa mente e sua relação com a *perdição criadora*.

Primeiramente, ressalto que a construção de Freud visa entender a dinâmica do desejo. Às vezes, sentimo-nos enfeitiçados por objetos, mas não investimos na realização do desejo. Em outras, sequer reconhecemos qualquer feitiço. Em grande parte das situações, não sabemos a razão dessa recusa. Tal quadro configura o conflito de forças presentes no psiquismo. Freud representou esse conflito estabelecendo três regiões mentais. Inicialmente, nomeou-as *sistema perceptivo*, *sistema inconsciente* e *sistema pré-consciente/consciência*. Em um

¹⁵⁷ LACAN, Jacques. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.26;p.178;p.190.

segundo momento, designou-as Eu, Isso e Supereu. A articulação entre elas direciona nossos investimentos pulsionais.

Antes de avançar, convido-os a pensar em alguns aspectos da criação. Considero efetivamente ato criador a invenção de algo nunca antes formulado.¹⁵⁸ O que não quer dizer que os elementos para sua formulação não estivessem à disposição de qualquer um. Pensemos no campo da física: a lei da gravitação universal ou a teoria da relatividade, por exemplo. Antes de Newton e Einstein enunciá-las, a natureza já operava da maneira como eles a descreveram. Simplesmente estavam inconscientes para nós. Nossa percepção não as captava.

O inconsciente corresponde não apenas ao que foi vivido e proibido, mas também àquilo jamais experimentado. Nas palavras do mestre francês da psicanálise: “O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de *não nascido*. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. É a relação da fazedora de anjos com os limbos”.¹⁵⁹ Hoje, alguns aspectos das teorias de Newton e Einstein foram questionados, superados. Outras facetas dos fenômenos se revelaram aos físicos contemporâneos. Em ambos os casos, a percepção captou algo que restava inconsciente, desconhecido. A percepção tomou forma mediante o trabalho da consciência. A criação, portanto, refere-se a uma sideração entre percepção, inconsciente e consciência.

Pensemos como a concepção do aparelho mental nos ajuda a entender melhor esse processo. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), obra inaugural da psicanálise, Freud propõe uma estrutura do aparelho mental dividida em três sistemas: o perceptivo, o inconsciente e o pré-consciente/consciência. Por meio da análise dos sonhos, Freud chega à formulação do inconsciente como motor de nossa vida. Descobre que esse sistema articula-se por lógica tão consistente

¹⁵⁸Sigo reflexão de MD Magno, que diferencia *criatividade* de *criação*. A *criação* refere-se ao ato de fundação de uma nova lógica, um novo discurso. Corresponde ao despertar de novas formas. A *criatividade* corresponde a articulações decorrentes daquele primeiro ato fundador. “A criatividade (que) é próxima da artesanaria, mas não é o poético”. In: MAGNO, MD. **Amazonas. A psicanálise de A a Z** (2006), p.68 e seguintes. Na capítulo 2 desta tese abordei o ato criativo.

¹⁵⁹LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.28. O **limbo**, na religião cristã, é a morada das almas que, não tendo cometido pecado mortal, estão afastadas da presença de Deus, por não haverem sido remidas do pecado original pelo batismo (como, por exemplo, as almas ditas justas que viveram antes do advento do cristianismo). Na citação, Lacan visa ressaltar que o inconsciente não se resume ao recalado. Mesmo em Freud encontramos essa concepção. Afirma ele na **Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica** (1932/1933): “o recalado funde-se ao restante do Isso”,pág.82.

quanto nossa consciência, mas escapa a ela. Nesse texto, Freud não apenas formula sua primeira concepção sobre a estrutura de nosso aparelho psíquico como descreve a metodologia da análise, que não se restringe à análise onírica. Diz respeito à lida com o desconhecido. Tal método implica “trabalhar como uma besta” – “com a persistência de um animal e com idêntica despreocupação com o resultado”¹⁶⁰ – para conseguir trazer à superfície aquilo que está velado, e que, no entanto, orienta, sem o sabermos, nossa vida. Aqui vale uma ressalva: o inconsciente mostra-se todo tempo. Quem o vela é o pré-consciente, que censura qualquer percepção indicadora de algo estranho a uma imagem de Ser.

A novidade trazida por Freud ao termo inconsciente consiste na constatação de que ele opera de modo tão organizado como a consciência. Não se resume, portanto, ao mundo obscuro de vontades primordiais desconhecidas. Tem relação com isso, como fica evidenciado na segunda concepção freudiana sobre as regiões mentais. Mas também consiste em organização de desejos e fantasias segundo a lógica significante. Daí a famosa proposição de Lacan: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”¹⁶¹.

A pulsão, e nosso psiquismo, ordena-se a partir de sua vinculação em representações, registros mnêmicos de palavras, coisas e sensações¹⁶². Esses registros, que incluem inscrições para além da linguagem verbal, correspondem a marcas em nossa carne das *impressões* de nossas experiências. Enfatizo o termo impressões para ressaltar o caráter subjetivo de tais traços mnêmicos. Eles constroem as idiossincrasias de cada um, o estilo particular característico dos indivíduos.

A realidade registrada em nossa memória consiste no modo como articulamos a situação vivida. Não se trata da realidade objetiva. Assim, gostar ou não de bobó de camarão nada tem a ver com o camarão, o aipim e a cenoura. O modo como aquele prato ficou registrado em nossa memória depende de toda a situação em que travamos o contato com ele. As pessoas envolvidas, as palavras ouvidas, as sensações corpóreas experimentadas.

Ferdinand de Saussure (1857-1913), fundador da linguística estrutural que inspirou Lacan na construção da psicanálise, define o signo como a unidade

¹⁶⁰ FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** (1900), p. 554.

¹⁶¹ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.25.

¹⁶² As marcas pré-verbais constituem *recalque primário* proposto pelo psicanalista MD Magno e apresentado no capítulo anterior.

mínima do sistema da linguagem. O signo constitui-se pela articulação entre o significante, sua *imagem acústica*, e o significado, o *conceito* atribuído ao tal significante¹⁶³. Entre os dois não há qualquer motivação. Sua união é completamente arbitrária, aleatória. Tampouco há vinculação obrigatória entre o signo e o referente, a coisa que ele representa. E mais: o valor de cada signo, sua identidade, constrói-se na relação estabelecida com os outros elementos do sistema, na oposição entre eles. Lacan privilegia o significante, entendendo-o como marca a ser sempre ressignificada pelo jogo constante de deslizamento e condensação entre significantes executado pelo inconsciente.¹⁶⁴

A linguagem apresenta-se como pura ficção, constituída a partir de oposições entre sons, significantes e significados. Ficção com força de realidade, pois impõe modos de pensar, agir e perceber. Assim organiza-se o inconsciente. E também a consciência. O primeiro, no entanto, corresponde à rede infinita de articulações, passível de contínuas atualizações de acordo com as contingências. A energia opera nessa região mental de forma livre, com grande capacidade de deslocamento entre as representações.

No sistema inconsciente, não há fixações em significados, não há contradição. Impera sempre o presente. Observa-se a significância sempre em aberto¹⁶⁵, fechada apenas de acordo com as exigências do atual. A rigor, regidos pelo inconsciente, poderíamos saborear qualquer iguaria que nos oferecessem. Contudo, a consciência censura a entrega a perdições. Ela obriga a retornar sempre ao mesmo *menu*, tende à repetição das articulações já estabelecidas.

Mesmo assim, o inconsciente insiste. Ele se manifesta de modo evidente na quebra do sentido, na desestruturação da ordem do discurso. Revela-se nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes – ou, como prefere chamar Lacan, nas “tiradas espirituosas”. E ainda nos sintomas, que organizam nosso modo de falar e agir. Suas aparições dizem algo que não queremos ver.

¹⁶³“O signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica.”. In: SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**, p.80. Antes de Saussure, Freud chega a formular uma sofisticada “teoria das representações” no ensaio que escreve sobre as afasias (**A interpretação das afasias** – 1891). Monah Winograd discute sobre ela no ensaio **Freud é monista, dualista ou pluralista?**

¹⁶⁴ Lacan aprofunda a análise de Saussure no ensaio **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud** (1957).

¹⁶⁵ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.30.

Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado com esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como um *achado*. (Lacan, [1964]1998, p.30)

O processo analítico aproveita o tropeço para desvelar a série que nos sustenta. Daí a referência de Lacan à frase de Picasso: “Eu não procuro, eu acho”¹⁶⁶. Sem dúvida, o pintor catalão lidava com mestria com as manifestações do inconsciente que se lhe afluíam. A bela e vigorosa variedade de expressões de sua obra indicam constante abertura para o não formulado. A análise também provoca equívocos, para romper com a lógica da consciência. Incita-nos à associação livre, a perder-nos na rede virtual que nos constitui. Pela palavra, podemos deslocar e condensar continuamente os significados das representações que nos ordenam, até chegar à ausência completa de sentido. Ao real, portanto. Ou ao silêncio originário, do qual qualquer discurso provém. Lacan nomeia este estado de mutismo primitivo de *alíngua*.¹⁶⁷

Em uma análise, observa Lacan, “o objetivo é mostrar-lhe [ao paciente] através de sua própria narrativa que o sintoma, a doença digamos, não tem nenhuma relação com nada, que ela é privada de qualquer sentido que seja”¹⁶⁸. E, diante do não sentido, nada lhe resta a não ser a invenção de qualquer sentido. Sempre novo, para atender à particularidade das contingências. Agora, no entanto, vê com a clareza que o sentido é pura ficção, necessária para existirmos.

Inspirado no modelo do arco-reflexo da psicologia, Freud observa que o aparelho mental tem um sentido progressivo: sua atividade parte de estímulos (externos e internos) e termina em inervações. Ou seja, o vetor do funcionamento psíquico origina-se na extremidade perceptiva e termina na extremidade motora.

¹⁶⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.205.

¹⁶⁷ “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, desde o começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernente à função da alíngua”. In: LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.189. Já no **Seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, Lacan destaca o silêncio. Em sua primeira aula, escreve ele no quadro: “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala”, p.11.

¹⁶⁸ LACAN, J. Entrevista a Emilio Granzotto realizada em 1974 e publicada por Magazine Littéraire, Paris, n.428, fev/2004. No Brasil, está publicada em SANTOS, E. **O sexo de Deus**.

Somos afetados por sensações e agimos para descarregar o acúmulo de tensão. Entre esses dois extremos, há um mundo!

As excitações momentâneas são retidas no sistema mnêmico, transformando-se em traços permanentes que constituem nossa memória. Esses traços não se limitam ao conteúdo das percepções, pois operam em rede. Ligam-se a traços já existentes mediante alguma forma de associação, quer pela simultaneidade temporal – o momento em que ocorrem –, quer por alguma similaridade, alguma semelhança. Assim, um único registro perceptivo transforma-se em um nó de feixes, articula-se com o material já existente na memória. E é traduzido e retraduzido conforme novas associações se realizem.

A rede será tanto maior quanto menos resistência operar no aparelho. E também mais complexa, desde que abrigue e articule os estímulos diferentes e imprevistos ao acervo já existente. Os recalques impedem o deslizamento do fluxo da energia pelo acervo das marcas da experiência. Dessa maneira, a rede na qual a pessoa se sustenta fica limitada. Ela fica mais vulnerável, pois qualquer estímulo estranho lhe parece demasiadamente ameaçador. Provoca a sensação de caos e é rejeitado de maneira veemente.

As lembranças fazem parte do sistema inconsciente, que inclui também o não experimentado. Nesse sistema encontra-se a força propulsora dos desejos. O sistema pré-consciente/consciência age como censor. Ele define quais lembranças acedem à consciência e quais desejos concretizar. Com o objetivo de manter uma unidade, recalca automaticamente qualquer idéia que provoque ruptura com a lógica dominante e, portanto, geradora de desprazer. Restringe, assim, a possibilidade de acolher novas percepções e ampliar a rede consciente.

Convido-os a pensar um pouco no fenômeno da consciência. O tema já foi exaustivamente tratado por filósofos e psicólogos, mas em Freud ele aparece sob novo olhar. “Trata-se de um estado muito transitório, uma idéia que é consciente agora não o é mais um momento depois”, afirma ele.¹⁶⁹ A consciência manifesta-se por bruxuleios, de modo trêmulo e fugaz. Freud confunde-nos um pouco, pois ora associa-a ao sistema pré-consciente ora ao sistema perceptivo. Recorro a um trecho de *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925) em busca de trazer um pouco de luz:

¹⁶⁹ FREUD, S. *O Ego e o Id* (1923), p. 29.

Minha teoria expunha que inervações da catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema *Pcpt.-Cs.* completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema *Pcpt.-Cs.*, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. (Freud, [1925] 1996, p.259)

Aqui a consciência relaciona-se à percepção e à sua articulação com o inconsciente. Manifesta-se de modo descontínuo, visto estar na dependência das contingências. O inconsciente, que acolhe qualquer idéia e qualquer estímulo, disponibiliza-se para o aqui-agora captado pelos sensores do organismo. Naquele instante, temos consciência, sentimos algo. O que não garante que possamos articular o novo estímulo em linguagem. O psiquismo intercepta sinais que serão registrados na rede do inconsciente. Se o pré-consciente permitir, aqueles traços mnêmicos associam-se a representações de palavras e são verbalizados. No entanto, se estiverem muito em desacordo com a suposta unidade e coerência aceita pelo pré-consciente, são recalcados. Quando nos deparamos com estímulo muito desagradável, ele é proibido de chegar à consciência. Articulá-lo demanda trabalho ao psiquismo.

O pensamento é uma de nossas atividades mais sofisticadas. Ele se dá originalmente no terreno do inconsciente.¹⁷⁰ Exige tolerar certo aumento de tensão interna, que não é descarregada imediatamente por uma ação motora, e vincular a energia a idéias e representações verbais (ou simbólicas). Essa forma de satisfação não tem a intensidade das descargas corporais, pois implica o deslocamento de pequenas quantidades de energia. Representa o funcionamento secundário da mente. Não se trata simplesmente de repetir significados já elaborados, mas de acordar novas significações. De criação, portanto. O pré-consciente oferece o discurso corrente, o já definido pelo código. Corresponde à *fala vazia*, tão monótona quanto o incansável repetir de um disco gravado¹⁷¹.

¹⁷⁰ FREUD, S. **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**, (1911), p.240.

¹⁷¹ No artigo *Função e campo da fala e da linguagem* (1953-1956), Lacan opõe a *fala vazia* – imaginária e estéril, à *fala plena*, expressão do desejo do sujeito. Chegar a esta última é o objetivo da análise. In: LACAN, J. **Escritos**, p.248 e seguintes.

Lembro-me de bela frase do filósofo Emanuel Carneiro Leão: “Pensar é acordar o não-pensado”.¹⁷²

Em minha abordagem sobre o ato criador, destaquei que a criação resulta, justamente, da articulação entre percepção, inconsciente e consciência. O pensamento, para Freud, ocorre nessa sideração. Depende da perturbação provocada por algo desconhecido, do deslizamento do acréscimo de energia pelas tramas inconscientes, e da sua tradução em discurso. Por meio dessa articulação, a nova percepção torna-se consciente.

O discurso produzido nesse processo não se resume a palavras. Outras linguagens, como a musical e a plástica, também permitem tal ordenação. A *alíngua* primitiva assume forma em variadas matérias. Para ressaltar a diferença entre a *alíngua* e a linguagem, Magno propõe nova leitura da famosa frase de Lacan: “l’inconscient est structuré comme on l’engage”¹⁷³ – *o inconsciente é estruturado como o engajamos*. O que importa é o engajamento da energia em algum tipo de discurso. Essa operação é uma “transa”, uma relação prazerosa, entre algo novo que notamos e nosso acervo inconsciente. Recorro uma vez mais ao depoimento de Gustave Flaubert:

...se me acontecem algumas vezes momentos acres que me fazem quase gritar de raiva por conta da impotência e da fraqueza que sinto, há também outros em que mal consigo me conter de alegria. Algo de profundo e de extraluxuoso transborda de mim em jorros precipitados, como uma ejaculação da alma. Sinto-me transportado e embriagado com meu próprio pensamento, como se me acontecesse, por um respiradouro interior, uma baforada de perfumes quentes. (Flaubert, 1993,p.112).

Um *insight* representa o vínculo entre uma percepção e a rede inconsciente. Daí Freud afirmar que o pensamento vem “de fora”¹⁷⁴. É exterior à linguagem¹⁷⁵. A criação relaciona-se com o perder-se do já sabido. Idéias e representações desconhecidas, que permanecem fora do campo autorizado pelo pré-consciente,

¹⁷² ANAXIMANDRO *et alli*. **Os pensadores originários**,p.10. Emanuel Carneiro Leão escreve a introdução do livro.

¹⁷³ MD Magno. **A pedagogia freudiana**, p.107.

¹⁷⁴ FREUD, S.**O Ego e o Id** (1923), p.37.

¹⁷⁵ É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais”. In; **Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental**. (1911), p.240.

provocam desprazer. Mas só as sensações desprazerosas impelem à mudança.¹⁷⁶ O prazeroso está ao alcance da mão. O desprazeroso exige trabalho, impulsiona à busca de nova forma de prazer.

Apesar de Freud usar as denominações formuladas em *A interpretação dos Sonhos* durante toda a vida, constata um problema: o sistema pré-consciente, associado à idéia de Eu, possui importante parcela inconsciente. O inconsciente, portanto, corresponde a uma “qualidade” do psíquico, que pode ser encontrada nos diferentes sistemas. Não se restringe àquele que acolhe os desejos proibidos e desconhecidos. E mais: a consciência pode ou não estar presente, ela é um estado muito transitório, como vimos. Freud propõe, então, nova concepção do aparelho mental, apresentada no texto *O Eu e o Isso* (1923).

De novo ele define três instâncias: o Eu, o Isso e o Supereu. Embora representem províncias que estruturam o espaço mental, elas não correspondem a regiões cerebrais específicas. Freud procura afastar sua concepção do aparelho mental da anatomia. O que não quer dizer que esse aparelho seja independente dos processos materiais, corpóreos. A nova forma de pensar despertada pela psicanálise descarta a dicotomia entre corpo e psíquico. As imperfeições da linguagem muitas vezes nos obrigam a usar esses termos. O conceito básico da psicanálise – a pulsão – está no limite entre o somático e o mental. Em termos geográficos, sabemos que a fronteira pertence aos dois lados dos territórios que delimita.¹⁷⁷

A representação espacial do aparelho mental visa indicar o modo particular da relação entre as instâncias, definir seus limites e sua dinâmica. Mais uma vez recorreremos à física. A dinâmica faz parte da mecânica, estuda o comportamento dos corpos em movimento e a ação das forças que produzem ou modificam seus movimentos. Temos como desafio pensar quais forças paralisam nosso movimento e quais o impelem. E como se articulam na *perdição criadora*.

Veremos que o caráter da força – impelente ou paralisante - depende do contexto em que ela opera. Em psicanálise, estabelecem-se conceitos, produz-se teoria, mas o sentido sempre está ligado ao caso específico em estudo. Não se pode dizer, de modo universal, se determinado ato ou fala provoca o desenvolvimento de alguém. Em certos casos, pode funcionar. Em outros, não.

¹⁷⁶ FREUD, S. *O Ego e o Id*, p.29.

¹⁷⁷ WINOGRAD, M. *A pulsão e as fronteiras da psicanálise*.

Uma bronca, por exemplo. Ou, em termos mais psicanalíticos, a provocação de um trauma, da ruptura de certa organização. Em algumas situações, o trauma impele à transformação. Em outras, provoca acentuadas regressões.

As regiões mentais constituem estrutura que administra as pulsões. Os lugares ocupados por esses territórios psíquicos variam. Trata-se de uma tópica virtual, em constante transformação a partir das relações estabelecidas entre os diferentes territórios. O Isso corresponde à região mais profunda da mente. Mas essa profundidade só existe para o Eu, que resiste à percepção das tendências libidinais que ali pululam. Apesar de desconhecidas para o Eu, elas se mostram em atos, comportamentos, falas. Ao mesmo tempo, o Supereu paira “sobre” o Eu, observando-lhe e punindo com severidade qualquer deslize do ideal imposto. Porém, essa localização do Supereu “acima” do Eu caracteriza modo específico de interação entre as províncias.

A instância mais originária é o Isso. A escolha do termo remete a Friedrich Nietzsche (1844-1900)¹⁷⁸ e a George Groddeck (1866-1934)¹⁷⁹, que utilizaram o pronome *Es* para nomear a vontade impessoal presente em nós. Nas palavras de Groddeck:

Acredito que o homem é vivido por algo desconhecido. Existe nele um ‘Isso’, uma espécie de fenômeno que comanda tudo que ele faz e tudo que lhe acontece. A frase ‘Eu vivo...’ é verdadeira apenas em parte; ela expressa apenas uma pequena parte dessa verdade fundamental: o ser humano é vivido pelo Isso. (Groddeck, [1923] 1991, p.9).

Em francês – *ça* – e em inglês – *it* – a idéia de impessoalidade e indeterminação fica explícita. Em português, a conotação impessoal diminui, apesar de *isso* vir do latim *ipsum*, pronome neutro que se refere ao mesmo¹⁸⁰. Usualmente emprega-se o pronome *isso* para indicar algo que está espacialmente afastado do falante e próximo do ouvinte. Ou também algo passado, mas ainda

¹⁷⁸ O termo é utilizado por Nietzsche no fragmento 17, de **Além do bem e do mal** (1887): “Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que este ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’”, p. 23

¹⁷⁹ Groddeck publica **O livro d’Isso** em 1923, mas em 1921 o texto já estava pronto, como o atesta uma carta de Groddeck a Freud. Groddeck era médico e discípulo de Freud. O livro assume a forma de uma ficção, e não de um texto acadêmico. Trata-se de um conjunto de divertidas cartas em que o personagem, o médico Patrik Troll, responde a questões feitas por uma amiga.

¹⁸⁰ **Dicionário Houaiss de língua portuguesa.**

recente. Aproveito o uso comum do vocábulo para identificar as características dessa região mental. Distante de quem fala, porém íntimo de quem o escuta. Pretérito e presente. Estranho e familiar.

A energia do aparelho mental provém do Isso, que abriga toda e qualquer pulsão.¹⁸¹ Elas constituem as forças que impulsionam o organismo no sentido de sua satisfação. Só que, ao nascermos, nada sabemos sobre o que fazer com elas. Originariamente não sentimos nosso corpo como uma unidade, mas como algo em pedaços, desarticulado. No Isso, diferentes anseios perseguem suas próprias finalidades. Freud chega a denominá-lo de caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante.¹⁸² Nele não há passagem do tempo, os impulsos e as impressões ali mergulhados são imortais. Acolhe tudo, não conhece negação, impulsos contrários convivem lado a lado. Quando nascemos, as demandas pulsionais expressam-se de modo anárquico sem que consigamos, sozinhos, estabelecer hierarquias. Na origem não há caminho, não há trilha, somos perdidos. Nos constituímos de modo defensivo a esse estado de *perdição originária*. Não há outra saída.

O leitor poderia questionar-me sobre a metáfora que proponho. Afinal, se na origem não existe qualquer caminho, também não há possibilidade de estarmos perdidos. Simplesmente experimentamos a potência de vir a ser qualquer coisa, pletora de energia sem destino. No entanto, esse primeiro momento fica submerso sob os recalques. Sua rememoração exige, portanto, perder-se dos caminhos que nos organizaram, estabelecidos pelos recalques primário e secundário. A anamnese do processo analítico remete até o momento mais originário, a hiperdeterminação.

O Isso é extenso e atemporal. Ele está dentro de nós. Mas também está fora. Trata-se de uma exterioridade íntima.¹⁸³ Magno brinca com a língua e diz que o inconsciente está “dora”, dentro e fora ao mesmo tempo. Só temos acesso ao

¹⁸¹ Como disse anteriormente, mesmo depois da proposição de sua segunda tópica, Freud seguirá utilizando o termo inconsciente para referir-se ao sistema mental que acolhe qualquer pulsão ou idéia, quer ela tenha sido recalcada ou simplesmente nunca vivida ou experimentada. Afirma ele na **Conferência XXXI**: “o recalcado **funde-se ao restante do Isso**”, p.82. Em **Esboço de Psicanálise**, no capítulo sobre *Qualidades Psíquicas*, afirma Freud: “A única qualidade predominante no id é a de ser inconsciente. Id e inconsciente acham-se tão intimamente ligados quanto ego e pré-consciente; na verdade, no primeiro caso, a vinculação é ainda mais exclusiva”, p.176. A novidade na segunda tópica é que também as forças recalcentes, aquilo considerado “mais elevado” no psiquismo, tem grande parcela do inconsciente. Trata-se do Superego.

¹⁸² FREUD, S. **Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica**, p.78.

¹⁸³ Lacan propõe o neologismo *êxtimo* para dar conta do caráter externo e íntimo do Isso. In: **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro a um outro**, p.219.

inconsciente por meio de uma percepção externa. Ele é extenso e por seu intermédio pensamos. Diferente de Descartes, a psicanálise não vê oposição entre a *res cogitans* e a *res extensa*, entre o corpo, que sente, e a mente, que pensa. São estados diferentes de uma mesma matéria. Originalmente, não conhecemos limites, não há diferenciação entre nosso corpo e a realidade externa; tampouco há qualquer divisão interna. “A psique é extensa, mas ela não sabe disso”¹⁸⁴. Somos apenas Isso, ilimitado. Nosso desenvolvimento exige a diferenciação entre interior e exterior, e a complexificação interna do psiquismo.

O Eu emerge do Isso. Corresponde à superfície do território impessoal originário, que se transforma em virtude do contato com o mundo externo. Por meio do Eu, o Isso executa as ações motoras necessárias à satisfação das pulsões que abriga. Devido à sua localização, entre o reservatório pulsional e as exigências externas, o Eu seleciona quais das múltiplas tendências em luta no caldeirão irá privilegiar. Executa recalques necessários à autopreservação do organismo; estabelece caminhos, facilitações para a descarga da energia. O Eu impõe ordenação ao caos. Sem o recalque, o organismo sucumbiria em meio à guerra interna entre as forças que o constituem. Também pereceria por não conseguir se impor às forças externas que o ameaçam. “Esse pequeno fragmento de substância viva acha-se suspenso no meio de um mundo externo carregado com as mais poderosas energias, e seria morto pela estimulação delas emanadas, se não dispusesse de um escudo protetor contra os estímulos”.¹⁸⁵

O Eu começa a constituir-se a partir de operações que visam a proteger, a defender o organismo do excesso de excitações que o acometem e provocam angústia. A essa confusão de sensações e intensidades chama-se *trauma originário*. A energia está livre, sem destino determinado. Daí a necessidade do recalque. Ele constitui um mecanismo de defesa que visa a reduzir o efeito traumático. O afeto intenso provocou o recalque¹⁸⁶. Vale lembrar que a semente do que será o Eu resulta dessas primeiras inscrições. Nesse estado primitivo, o Eu não é propriamente agente do recalque. Ele sequer existe. O processo simplesmente se dá; não há um sujeito para essa ação. O Eu é passivo. Nesse

¹⁸⁴ Citado por Green em **Conferências brasileiras** (1986), pág.25.

¹⁸⁵ FREUD, S. (1920) **Além do princípio de prazer**, p. 38.

¹⁸⁶ Na **Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual** (1932/1933), Freud observa que o recalque não *causa* a angústia e sim o contrário: a angústia, o excesso de energia livre, provoca o recalque.

momento, segundo a proposição de Magno, o *revirão*, característica particular de nossa espécie, entra em funcionamento. E começam a ser estabelecidos os primeiros diques à pulsão. Os recalques originário e primário estabelecem-se, portanto, de forma passiva. O recalque secundário tem como agente o Eu.

Freud ressalta que “não existe qualquer oposição natural entre o Eu e o Isso; eles se pertencem, e em condições saudáveis não podem na prática ser distinguidos um do outro”.¹⁸⁷ O Isso gera o Eu para se proteger e conseguir sobreviver segundo as limitações impostas pelo mundo. Depois de estabelecido, o Eu tem que ralar como o Isso. Caso contrário, de tanto querer, vai acabar morrendo. No entanto, Eu e Isso são facetas de um mesmo organismo. Se operam de modo saudável, apresentam-se aliados.

Quando observamos um mestre em seu trabalho criativo, esse quadro fica evidente. Um *virtuose* executando uma peça musical, por exemplo. Percebemos que não é o Eu que alimenta o processo. O Isso simplesmente se expressa de maneira organizada. Faz coisas imprevistas, inusitadas. E belas. A repetição da submissão ao objeto educou, ou melhor, educa o Isso. Tal processo é interminável. Não à toa, todo mestre pratica sua arte continuamente.

A experiência de *perdição criadora* implica nesse reconhecimento. No acolhimento e na tradução, por parte do Eu, das demandas do Isso. A insistência da pressão da pulsão exige o novo, o ainda não articulado.¹⁸⁸ O trabalho da análise, e da criação, diz respeito à formação de um “Eu inclusivo” e não meramente recalcante.

Durante muito tempo o homem invejou os pássaros. Quis imitá-los. Sua constituição física, o recalque primário, tornava tal desejo impossível. A insistência nesse desejo permitiu que o homem construísse meios para realizá-lo. Se tivesse permanecido dizendo não, recalcando essa vontade, nunca teria alçado voo. Mas o Eu acolheu a vontade e criou meios de satisfazê-la. Pagou o preço, investiu na transformação do desejo do impossível em possibilidade. Sobre esse processo, observa Freud:

¹⁸⁷ FREUD, S. **A questão da análise leiga** (1926),pág.196.

¹⁸⁸ Afirma Lacan n’**O Seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud(...) – e se por falta de representação, ele não está lá, qual é esse *Trieb* de que falamos – podemos considerá-lo como sendo apenas *Trieb* por vir”,p.61

É também possível intervir no mundo externo modificando-o, e nele estabelecer intencionalmente as condições que tornam possível a satisfação. Essa atividade então se torna a função mais elevada do ego; decisões quanto a quando é mais conveniente controlar as paixões e curvar-se diante da realidade, e quando é mais apropriado ficar ao lado delas e lutar contra o mundo externo — tais decisões compõem toda a essência da sabedoria mundial. (FREUD, S.: [1926] 1996, p.196).

Sabemos que os limites ao Isso são necessários à continuidade da vida. No entanto, quantos morreram na busca de realizar a aventura de voar? Morreram de seu desejo. Essas mortes constituíram etapas necessárias à efetivação dele. E à transformação da realidade estabelecida. Grande parte das pessoas, para preservar a vida, extingue-se por mortes alheias.

A autopreservação é ponto complexo em nossas aventuras pulsionais. A tentativa de suprimir partes do Isso de maneira inapropriada provoca paralisação e empobrecimento da vida. E mais, como o Isso é mais forte que o Eu, ele se vinga. Pune o Eu, associando-se ao Supereu. Transforma a experiência em um estorvo! Mas o que deve ser preservado para o estabelecimento de vida mais intensa e criativa? Até que ponto preservação corresponde a morte e sufocamento? Por que alguns engajam-se no regime da *perdição criadora* e a maioria permanece paralisada nos moldes coletivos?

Seria demasiado pretensioso de minha parte supor que poderia responder claramente a essas questões. Apenas busco articular algumas idéias sobre as variáveis em jogo nesse campo. Tal exercício não garante que as barreiras inconscientes à *perdição criadora* sejam superadas. Ela exige encarar a própria vida como um experimento, arriscando-se pelas veredas imprevistas do Isso. A consciência apresenta-se como uma pequena lanterna que nos ajuda a investigar os emaranhados de nossa vida emocional. Essas teias nos paralisam e nos impulsionam para as coisas. E mais: muitos vivenciam a *perdição criadora* sem ter qualquer clareza do seu modo de operação. Simplesmente engajam-se, de determinada maneira, nas vias de seu desejo.

1.6

Extravios da moral

‘A consciência faz de todos nós covardes’. Que a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. Seu outro pecado é não prepará-los para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos.¹⁸⁹

Sigmund Freud

A formulação da segunda tópica do aparelho psíquico decorreu da revelação do conceito de pulsão de morte. Freud inicia *Além do princípio de prazer* com a seguinte constatação: sua prática clínica contestava a hipótese da dominância do princípio de prazer nos processos mentais. Seus estudos sobre as neuroses de guerra mostraram que os pacientes ficaram fixados nas situações traumáticas, repetidas de modo compulsivo em seus sonhos. Os sonhos de angústia expressavam uma negação ao princípio do prazer, pensa Freud inicialmente. Eles provocavam tensão desagradável ao organismo. Constituíam, dessa maneira, exceção à teoria do sonho, antes identificado com a realização de desejos. Freud conclui, por fim, que aquela estranha “compulsão à repetição” manifestava uma “força demoníaca em ação”. Tal força trabalha para destruir o próprio organismo.

Três anos depois, em 1923, Freud publica *O Eu e o Isso*. Destaca que, entre essas duas instâncias, instaura-se um terceiro território mental: o Supereu¹⁹⁰, a mais difícil de apreender das três. Na verdade, ele corresponde ao núcleo inconsciente do Eu, apesar de muitas vezes se expressar ruidosamente como a voz da consciência. O Supereu forma-se a partir da relação que estabelecemos com

¹⁸⁹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p.137, Nota. A primeira frase do texto é uma citação feita por Freud de **Hamlet**, de Shakespeare, do monólogo do Ato III, cena I.

¹⁹⁰ A primeira referência ao Supereu, também chamado por Freud de Ideal do Eu, aparece já em 1914, no texto **Narcisismo: uma introdução**, cap.III, p.100-103. Em 1921, em **Psicologia de grupo e análise do ego**, faz longa reflexão sobre a formação e a dinâmica do Ideal do Ego. Em **O mal-estar da civilização** (1930), dedica os últimos dois capítulos a aprofundada análise sobre a relação entre o Supereu individual e o Supereu cultural.

outras pessoas. Inclui os ideais do coletivo ao qual pertencemos, bem como a memória de nossos primeiros vínculos objetivos. Representa a ordem moral operante em nós. A experiência clínica de Freud o leva a constatar que aquilo que é considerado como a ordem mais elevada da cultura pode operar, também, como agente de destruição dos indivíduos.

Freud classifica o Supereu como o herdeiro do *complexo de Édipo*, expressão que descreve o conjunto de impulsos e afetos – amorosos e hostis – despertados na criança por seus primeiros objetos, aqueles que ocupam o lugar de mãe e pai.¹⁹¹ O Supereu expressa no interior do indivíduo a complexa relação estabelecida entre a criança e a autoridade externa. A criança ama o outro de maneira interesseira, cede em parte de seus desejos para atender às demandas da autoridade, pois essa autoridade lhe garante alguma satisfação. Mas também odeia esse outro, em virtude dos sacrifícios que ele lhe impõe. Essa relação de ambivalência, que traz forte marca de agressividade, caracteriza a relação do Eu com o outro por toda a vida. Com a instituição do Supereu, o embate de forças se dá no interior dos indivíduos.

O impulso social não corresponde, assim, a impulso inato ao ser humano. O homem não cultua espontaneamente a solidariedade.¹⁹² Trata-se de algo bem diverso. Ela revela, sim, maneira de lidar com o desamparo original característico da espécie humana. O princípio regulador de nosso aparelho mental visa a obtenção de prazer. Portanto, o impulso mais primitivo do homem, e operante durante toda a vida, é narcísico. O indivíduo busca sempre o próprio bem. Seu

¹⁹¹ Em **O ego e o id (1923)**, cap.III, p.48, Freud aponta a conexão entre o complexo de Édipo e o Supereu. A expressão “complexo de Édipo” é utilizada pela primeira vez no texto **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor 1)**, de 1910, p.177. Resumidamente, ela diz respeito à relação triádica entre criança-mãe-pai. Num primeiro momento, criança e mãe vivem forte laço emocional que indica sensação de completude para ambos. O pai rompe com essa situação, instaurando a castração e inserindo a criança no simbólico. Na terceira parte desse trabalho voltarei a esse tema.

¹⁹² Freud nega a existência de um *instinto social* primitivo nos seres humanos. No capítulo XI de **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921), assevera: “Durante longo tempo nada na natureza de um instinto gregário ou sentimento de grupo pode ser observado nas crianças. Algo semelhante a ele primeiro se desenvolve, num quarto de crianças com muitas crianças, fora das relações dos filhos com os pais, e assim sucede como uma reação à inveja inicial com que a criança mais velha recebe a mais nova. O filho mais velho certamente gostaria de ciumentamente por de lado seu sucessor, mantê-lo afastado dos pais e despojá-lo de todos os seus privilégios; mas, à vista de essa criança mais nova ser amada pelos pais tanto quanto ele próprio, e em consequência da impossibilidade de manter sua atitude hostil sem prejudicar-se a si próprio, aquele é forçado a identificar-se com as outras crianças.(...) A primeira exigência feita por essa formação reativa é de justiça, de tratamento igual para todos”, pp129-130.

desafio consiste em encontrar meios de sustentar o próprio narcisismo, diante das exigências da civilização.¹⁹³

Desde a antiguidade, filósofos buscaram definir o bem. Elaboraram inúmeros tratados com o objetivo de apreendê-lo. A dimensão Ética, eis seu nome. A visada da psicanálise impõe revolução neste campo. O bem não mais se coloca na esfera do universal, do coletivo, mas do Um. Cada um de nós está condenado a descobrir seu próprio bem, a extraí-lo da moral.¹⁹⁴

A moral estabelece valores coletivos a partir dos quais prescreve deveres e modelos de conduta. E pune aqueles que se extraviam dos caminhos impostos. Por mais que tais exigências apresentem-se em profundo desacordo com os impulsos mais íntimos dos indivíduos, a simples submissão a elas facilita a tarefa de administrar a pulsão. Lacan define essa estratégia de “álibi moral”¹⁹⁵. A sujeição aos interditos estabelecidos pela coletividade desobriga o indivíduo a deparar-se com nossa condição originária: a ausência de caminho natural para o escoamento da pulsão ou de objeto que a satisfaça de modo absoluto.

Ao manter-se ao abrigo das leis humanas, a pessoa protege-se d’ALEI¹⁹⁶ primeira da espécie: a pulsão de morte, o desejo de destruição. Na ética da psicanálise, o juízo construído sobre as ações está referido ao enfrentamento dessa condição primitiva do homem. O mandamento da análise reduz-se a: “*Wo es war, soll ich werden*”- “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser”. Freud toma como referência o real, não o ideal. O real do Isso, que não segue os mandamentos morais. A ética da análise exige a identificação do juízo presente na ação executada, o que permite o acesso ao desejo motivador dessa ação, e a

¹⁹³ Afirma Freud em **O mal-estar da civilização** (1930): “No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado. Talvez fosse preferível que isso pudesse ser feito sem essa condição,”p. 142.

¹⁹⁴ Em seu **Seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, Lacan afirma: “A experiência moral como tal, ou seja, a referência à sanção, coloca o homem numa certa relação com sua própria ação que não é simplesmente a de uma lei articulada, mas sim de uma direção, de uma tendência e, em suma, de um bem que ele clama, engendrando um ideal da conduta. Tudo isso constitui (...) a dimensão ética e situa-se para além do mandamento, isto é, para além do que pode apresentar-se como um sentimento de obrigação”, p.11.

¹⁹⁵ Lacan toma a expressão do psicanalista Ernest Jones. In: LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética na psicanálise**, p.367.

¹⁹⁶ Magno propõe ALEI como a lei originária de nossa espécie, ela expressa a tendência à morte. Abordei o tema no capítulo 4 deste trabalho, *As travas à perda*.

responsabilização por ele. Não se trata então de punir, mas de reconhecer o desejo e, assim, poder decidir sobre ele.

O deciframento do Isso implica a suspensão das impossibilidades estabelecidas pelo recalque secundário, o *faz de conta* no qual nos constituímos. Daí a necessidade de extração da moral. A insistência dessas proibições impede a apreensão do Isso pela consciência. Ressalto, entretanto, que a psicanálise não tem como objetivo a mera liberação de desejos proscritos e a construção de vida confortável, adequada ao serviço de bens oferecido pela cultura. Aqueles que assim procedem, velam o descompasso e a desarmonia constitutiva em qualquer relação de objeto. Lacan denuncia tal condução da análise de trapaça, tapeação moralizante, e exige “um pouco mais de rigor e de firmeza em nossa confrontação com a condição humana”.¹⁹⁷

Freud inventa a psicanálise a partir da descoberta do adoecimento provocado pelo recalque à sexualidade propriamente dita. No entanto, descobre que até a sexualidade é mero veículo para a satisfação do desejo de destruição, onipresente em todas nossas relações. Sem poder assumir o ódio e a agressividade, o homem não tem acesso aos próprios desejos. Migra, assim, daqui para ali, catando migalhas de satisfação oferecidas pelos modelos universais da cultura.

A sustentação dos recalques provoca morbidez e lassidão nos indivíduos. Tais estados derivam do *sentimento inconsciente de culpa* resultante do conflito entre o Isso e a severidade do Supereu. Com essa expressão Freud tem como objetivo descrever a sensação de mal-estar constante observada no neurótico. “A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada.”¹⁹⁸ A felicidade do indivíduo não é apreciada pela civilização, denuncia Freud.

O Supereu exige que os indivíduos abdicuem do próprio bem. O problema é que a ideia de “próprio bem” fica opaca diante da constatação de que o Supereu constitui o Eu. Não se trata de um sistema externo que impõe prescrições ao Eu, mas de agente interno, que vocifera contra o Eu quando este escorrega diante dos ideais. Investigar melhor sua constituição talvez nos ajude a descrever a complexa

¹⁹⁷ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.364.

¹⁹⁸ FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930), p.127.

relação do homem com seu bem. Isso nos leva a pensar o fenômeno do narcisismo.

Uma das descobertas da psicanálise destaca o narcisismo como fenômeno universal. O homem visa sempre a própria satisfação. As vias pelas quais essa tendência se afirma são complexas. E, em muitos casos, permanecem demasiadamente veladas. Esconde-se de forma veemente o ódio a tudo o que provoca desprazer. Mas ocultar não corresponde a exterminar. O recalco insiste, manifesta-se por vias indiretas, descontroladas.

Para a psicanálise, qualquer investimento libidinal inclui-se no campo do amor. Freud identifica, basicamente, dois modos de amar: o tipo narcísico e o tipo anaclítico.¹⁹⁹ No primeiro caso, a pessoa ama o que ela própria é ou foi. E ainda o que almeja ser, ou alguém que representa parte dela mesma. A maneira de amar anaclítica caracteriza-se pela ligação com “a mulher que alimenta e com o homem que protege”.

Apesar da separação proposta por Freud, podemos reconhecer no amor anaclítico também o caráter narcísico. Afinal, a referência continua sendo o próprio bem. O narcisismo oculta-se diante da dependência e da dívida com outrem. Nessa situação, o amor da pessoa por si mesma alimenta-se apenas do amor dos outros por ela. O modo de amar narcísico também contém o vínculo com aqueles que alimentaram e protegeram o indivíduo. No entanto, o amor-próprio da pessoa depende das próprias realizações. A diferença entre os dois modos de amar marca distinção da dinâmica entre o Isso, o Eu e o Supereu.

O Supereu constitui-se do emaranhado de imagens e ecos das vozes dos amores vividos. Relaciona-se tanto ao registro imaginário como ao simbólico. E também ao real. Afinal, tais vozes e imagens ordenam a confusão de afetos e sensações no qual surgimos. Originalmente, não temos qualquer noção de unidade. Não há Eu, muito menos Supereu. Apenas o Isso. A anarquia caracteriza também os estímulos que recebemos do mundo externo. Aliás, neste momento, há uma indistinção entre interno e externo. Nascemos mergulhados no caos. As imagens e as vozes alheias instauram certa organização, dão direção à energia livre presente no organismo.

¹⁹⁹ FREUD, S. **Narcisismo: uma introdução** (1914), cap.2,p.97.

Ao espelhar-se no outro, o Eu ao mesmo tempo se identifica com ele e o idealiza. Por isso essa relação sustenta-se na agressividade. Não precisamos julgar esse fato como mau. Simplesmente podemos reconhecer que, se o outro apresenta-se como meu ideal, ele denuncia o que não sou e, portanto, provoca-me ódio. Tanto do outro como de mim. A idealização e a identificação expressam modos de vínculo com outras pessoas²⁰⁰. Freud descreve cada um separadamente, mas ambos estão sempre presentes, em gradações diferenciadas. E são essas gradações que marcam a diferente dinâmica psíquica operante na mente dos indivíduos.

Freud associa a identificação a tipo de relação que implica na perda do objeto.²⁰¹ A pessoa trabalha para *ser*, ela mesma, o outro antes amado. Inspirado naquele outro, a pessoa investe sua libido no mundo para transformar-se naquele que amou. Nesse processo, descobre os próprios caminhos, desconstruindo a relação imaginária antes estabelecida. Observa-se, então, uma alteração do Eu, que se enriquece com as qualidades dos objetos aos quais se entrega. A libido, antes dirigida para a outra pessoa, retorna para o próprio Eu, que aplica sua energia na dominação do mundo. Há, assim, uma dessexualização, um abandono dos objetivos sexuais relacionados àquela pessoa antes amada. O Eu busca sua satisfação investindo no próprio desenvolvimento. Nas aventuras que realiza, oferece-se ao Isso como objeto de amor e trabalha para se tornar seu próprio ideal.

Freud chega a especular se tal processo não corresponderia ao “caminho universal à *sublimação*”. Em suas palavras: “surge a questão de saber (...) se toda a sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetual sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo”.²⁰² Por meio do trabalho da identificação, chega-se ao narcisismo secundário. Nele, o amor da pessoa por si independe do amor dos outros. Agora, o Eu tem no Supereu apenas uma referência, não se submete às suas admoestações. O Eu fica indiferente a elas, permite-se extraviar das trilhas prescritas. A imagem idealizada que tinha do Supereu se quebrou diante do domínio da realidade. O Eu assume, assim, maior soberania em relação ao Supereu.

²⁰⁰ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**(1921), caps. VII e VIII.

²⁰¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**, p.123-124; e FREUD, **O Ego e o Id** (1923), p.41-42

²⁰² FREUD, S. **O Ego e o Id**, p.43 e 58.

No laço amoroso em que predomina a *idealização*, o Eu quer *ter* os objetos, possuí-los. Não investe sua libido na transformação de si, mantém-se passivamente no culto ao outro, que é cada vez mais engrandecido e supervalorizado, enquanto o Eu é empobrecido e depreciado. Esse outro é representado internamente pelo Supereu, a quem o Eu demanda continuamente amor. Nesse quadro, a pessoa não aplica sua energia nos objetos, a fim de dominá-los. Ela passa a operar dentro do próprio organismo, sob a tutela do Supereu, que mortifica o Eu a cada deslize em relação ao ideal. Ama-se, na idealização, à moda anaclítica. O Eu mantém-se desamparado, infantil, almejando ter alguém para protegê-lo e alimentá-lo.

O amor anaclítico expressa, de certa maneira, a insistência de traços do estado de narcisismo primário ou infantil. Assim Freud designa o momento primitivo do Eu, em que ele se sente onipotente e perfeito, desconhece os próprios limites e as imposições da realidade. Tal situação só se sustenta por existir alguém que garanta segurança e conforto, geralmente os pais, ou qualquer um que ocupe esse lugar. Eles reconhecem e submetem-se às exigências da vida, mas mantêm seus filhos no narcisismo infantil. Projetam no filho o próprio anseio de perfeição e poder ilimitado.²⁰³ Os pais, por um lado, obedecem as demandas da realidade. Por outro, seguem dependentes, também, do amor dos filhos, não lhes impondo a necessária, e inevitável, tarefa de dominar o mundo. As vozes desses amorosos pais constituem o núcleo do Supereu, que se tornará o algoz do Eu.

Freud compara a relação idealizada com os objetos ao estado de servidão presente na hipnose. Nela, o hipnotizado permanece paralisado diante do hipnotizador, considerado alguém com poderes superiores e mágicos. Esse ser superior, no caso, é o Superego, que assume o lugar de imperador na dinâmica psíquica. E quanto mais o Eu mostra-se servil, visando ser amado pelo Supereu, mais o censor age com severidade para com ele. O Eu vive, assim, sob a máscara do imaginário, hipnotizado por miragens de pedra. Sob o império do Supereu, o Eu mortifica-se diante de qualquer outro, que serve de pretexto para denunciar as próprias imperfeições.

²⁰³ Freud afirma que o narcisismo infantil se sustenta pelo desejo dos pais de reviver aquele momento ilusório de onipotência, em que eram, também, “Sua Majestade o Bebê”. Diz ele: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”. In: **Narcisismo: uma introdução** (1914), p.97-98.

O Supereu individual confunde-se com o Supereu cultural. A relação de submissão do Eu ao Supereu, que inicialmente correspondia ao medo da perda do amor dos pais, transfere-se, na vida adulta, para o medo da perda do amor da comunidade. A submissão ao coletivo cessa o desenvolvimento de cada um, enfraquece o indivíduo. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud constata:

Temos assim a impressão de um estado no qual os impulsos emocionais particulares e os atos intelectuais de um indivíduo são fracos demais para chegar a algo por si próprios; para isso dependem inteiramente de serem reforçados por sua igual repetição nos outros membros do grupo. Somos lembrados de quantos desses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal podem encontrar-se nela, de quanto cada indivíduo é governado por essas atitudes da mente grupal que se apresentam sob formas tais como características raciais, preconceitos de classe, opinião pública etc. (Freud, [1921]1996, p.127).

Muitos confundem a idealização e suas exigências de perfeição com a sublimação. Tanto Freud como Lacan ressaltam a diferença entre os dois processos. Na idealização, como vimos, há uma supervalorização do objeto. O objeto, já existente, consome o Eu. A sublimação dá vazão à tendência, ao desejo, e relaciona-se, como vimos, à identificação. A idealização reforça o recalque do desejo, em virtude do engrandecimento do objeto. Observa-se, na sublimação, um desligamento da energia libidinal nos objetos existentes. A pessoa não mais está hipnotizada por objetos imaginários. As fantasias que os sustentavam perderam o sentido, a imagem deles se quebrou. O indivíduo deparou-se, assim, com a hiperdeterminação, com ALEI de nossa espécie, vislumbrou nossa *perdição originária*.

O Eu coloca-se, então, em busca do misterioso *das Ding*, do objeto impossível. Ou melhor: reinveste sua libido no mundo e transforma qualquer objeto que o cativa em *das Ding*, produzindo o *mais-de-gozar*. A sublimação enfatiza o querer, a aventura, o perder-se. E a criação de novo objeto, que traz as marcas da aventura particular vivenciada por aquele sujeito específico. O Eu extraviou-se da moral estabelecida e comprometeu-se com a busca do próprio bem, indiferente ao serviço de bens oferecido pela cultura. Assim vejo a experiência da *perdição criadora*.

Sob certo aspecto, observa-se o desprendimento das determinações coletivas no psicótico.²⁰⁴ Ele promove um desligamento radical de sua libido das pessoas e dos objetos e vincula toda sua energia em si mesmo. Esse hiper-recalque²⁰⁵ da realidade deixa-o indiferente ao mundo externo. Todavia, nesse processo, a organização do Eu se dissolve no caldeirão do Isso.

Dentre os diversos quadros clínicos da psicose, um deles, a paranóia, apresenta característica singular: a construção delirante. Nela, a libido liberada dos objetos retorna ao Eu, promovendo seu engrandecimento e gerando a megalomania. Neste estado, o paranóico produz seu delírio. Por meio dele, reordena a si e reinveste sua libido no mundo, agora transformado a partir de sua lógica particular. Tal manifestação, que tem a aparência de ser o centro da doença, expressa, na verdade, sua tentativa de cura, de retorno ao mundo, depois da catástrofe de sua destruição. Essa ruína foi provocada pela retirada da libido das pessoas e dos objetos antes amados. Por isso, tal construção recebe o nome de “delírio de fim de mundo”, constituindo uma projeção externa de sua catástrofe interior.²⁰⁶

A experiência clínica de Freud compreendia predominantemente pacientes neuróticos. Freud não considerava possível proceder a análise de um psicótico. Devido à concentração da libido no Eu, o paciente não estaria suscetível à influência do analista, elemento fundamental para o processo terapêutico. No entanto, um dos famosos casos clínicos de Freud é dedicado ao estudo de um paranóico, o juiz Daniel Paul Schreber. Trata-se do *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911).

Schreber não foi paciente de Freud. Contudo, escreveu relato sobre a própria doença, intitulado *Memórias de um doente de nervos*, publicado em 1903.

²⁰⁴ Sobre a diferença entre neurose e psicose, consultar nota 19 neste trabalho.

²⁰⁵ MD Magno propõe o conceito de *hiper-recalque* para descrever o processo extremo de recalque estabelecido na psicose. Ele resulta da grande pressão exercida por formações que compõem o recalque secundário – o *faz de conta* cultural – e da inabilidade de o Eu responder a elas com alguma plasticidade, afirmando minimamente sua maneira particular de atender a essas exigências. O que era proibido apresenta-se como uma impossibilidade tão radical que passa a ser experimentado no nível do recalque primário. Daí a formação do quadro psicótico. In: MAGNO, MD. **Pedagogia freudiana** (1993), p.45,61,80-83, 93,98-101,168. Ver também o verbete *hiper-recalque* do **Vocabulário básico da Nova Psicanálise**, de Giselda Santos, José Carlos de Castro Barbosa e Susanne Bial, p.37-39. O Caso Schreber, que abordarei a seguir, mostra-se o exemplo clássico de tal quadro: diante de um impulso homossexual, e da grande proibição cultural de sua época em relação a tal impulso, o Dr. Schreber vê-se obrigado a apartar-se do mundo. A insistência do desejo o leva a produzir o delírio de ser fecundado por Deus, tal como uma mulher.

²⁰⁶ FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)**. *O caso Schreber* (1911), cap. III, p.76-80.

Seu caso é amplamente discutido até hoje, tamanha a sofisticação da sua construção delirante. Em sua análise, Freud compara a experiência de fim de mundo vivida por Schreber ao momento em que Fausto se liberta do mundo pela enunciação de suas maldições. E afirma: “o resultado não foi uma paranóia ou qualquer outra neurose, mas simplesmente uma exata estrutura geral da mente”.²⁰⁷

A desconstrução do mundo vivida por Fausto e Schreber os levou ao enfrentamento com o vazio originário de nossa espécie. O psicanalista Evandro Meirelles Santos observa que, nesse momento, “o revirão, então, naturalmente se instala e propicia a única soberania que reconheço para o sujeito”. E completa: “É o momento vivido diante do vazio e da impossibilidade do fim. Em vez de desistir de tudo, ao contrário, desistimos de desistir.”²⁰⁸

O psicótico extravia-se da moral, mas não produz soberania. Sucumbe ao Isso e ao Supereu. Schreber produz discurso profundamente singular, que revela a verdade de sua experiência. No entanto, é demasiadamente caótico. Schreber mantém-se alienado do próprio discurso. Freud reconhece que o relato de Schreber expressa impressões endopsíquicas dos processos que ele mesmo tenta descrever em sua teoria. No entanto, foi o gênio de Freud que decifrou a lógica do paranóico, contribuindo para a transformação do simbólico.

O psicótico entrou em perdição. Os sentidos compartilhados pela coletividade de alguma maneira se quebraram. Nele, a desordem, a pulsão, apresenta-se apenas em seu aspecto descontrolado e destrutivo. Não teve força para dar consistência a seu delírio e encantar os outros. Não encontrou ninguém para “ajudá-lo a tornar real o seu delírio”.²⁰⁹ Vivenciou, assim, o que designo *perdição destrutiva*.

Perder-se significa desvincular nossa energia das formações inconscientes que amarram e mortificam o Eu, atrapalhando o envolvimento com a vida. Essa desvinculação da energia impele a construir novos vínculos, que serão sempre articulação daquelas marcas primeiras, pré-históricas, com significantes com os quais nos deparamos aqui/agora. Daí a nova construção assumir caráter original e singular. Se o que há no mundo tornou-se-nos indiferente, há que produzir novos objetos nos quais a energia libidinal possa ser investida.

²⁰⁷ FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)**. *O caso Schreber* (1911), p.79.

²⁰⁸ SANTOS, E. M. *Esperança no fim do mundo*. In: _____. **O sexo de Deus**, p.45.

²⁰⁹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, p.89.

Essa aventura exige suportar a angústia, a insegurança e a instabilidade da ausência de um caminho certo. E a solidão de não contar com o amor do outro. Afinal, o amor do outro tem seu preço: estar de acordo com ele. A *perdição criadora* refere-se à fabricação de nova palavra, na qual a pessoa investirá sua fé. Corresponde à invenção do próprio bem, e, também, à instauração de um poder. Não sobre outro, na competição existente na cultura. O poder de assunção do próprio desejo.

A ética da análise, portanto, não diz respeito à mera liberalização aos prazeres ou a um rearranjo ou adequação ao serviço de bens da cultura. Ambos correspondem, de certa maneira, ao mesmo. Nos dois casos, foge-se ao dever de lidar com o caos originário característico da pulsão, com sua agressividade e destrutividade. A análise demanda o ato de legislar sobre si. O neurótico submete-se às leis morais da cultura, mas elas não se apresentam suficientes para a construção de vida comunitária cordial. Afinal, o neurótico vive às turras com essas leis, burlando-as sempre que possível. Vive sob sua tutela, no entanto, extravia-se delas inconscientemente, dando vazão à pulsão. Daí Freud considerar o neurótico homem falsamente civilizado.²¹⁰

A ética da análise implica, como propõe Lacan, a experiência trágica da vida. “É na dimensão trágica que as ações se inscrevem, e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores”.²¹¹ E quem despertou a dimensão trágica para nós foi Friderich Nietzsche.

²¹⁰ FREUD, S. **O mal-estar na cultura** (1930), p. 94. Na entrevista de Freud a Georg Viereck, concedida em 1927, ele afirma: “Os hábitos e idiossincrasias mais desagradáveis do homem, sua falsidade, sua covardia, sua falta de respeito, são produtos de uma adaptação incompleta a uma civilização complexa”. In: MEIRELLES, Evandro. **O sexo de Deus**, p. 141-142.

²¹¹ LACAN, J. **O seminário 7** (1959-1960) – **A ética da psicanálise**, p.376.